



MORGAN RICE

SOLDADO,  
IRMÃO,  
FEITICEIRO

DE COROAS E GLÓRIA—LIVRO 5

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



MORGAN RICE

SOLDADO,  
IRMÃO,  
FEITICEIRO

DE COROAS E GLÓRIA—LIVRO 5

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO

(DE COROAS E GLÓRIA—LIVRO 5)

MORGAN RICE

**Morgan Rice**

Morgan Rice é a best-seller n1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller n1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller n1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS

E FEITICEIROS, composta por seis livros; e da nova série de fantasia épica DE

COROAS E GLÓRIA. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\)](#), [ARENA](#)

[UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\)](#) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#)

(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#)

(Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar [www.morganricebooks.com](http://www.morganricebooks.com) e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

### **Seleção de aclamações para Morgan Rice**

"Se pensava que já não havia motivo para viver depois do fim da série O ANEL

DO FEITICEIRO, estava enganado. Em A ASCENSÃO DOS DRAGÕES

Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."

-- *Books and Movie Reviews*

Roberto Mattos

"Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O

CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

-- *The Wanderer, A Literary Journal (referente a Ascensão dos Dragões)*

"Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga no seu enredo. *A Busca de Heróis* tem tudo a ver com a criação da coragem e com a compreensão do propósito da vida que leva ao crescimento, maturidade e excelência... Para os que procuram aventuras de fantasia com sentido, os protagonistas, estratégias e ações proporcionam um conjunto vigoroso de encontros que se relacionam com a evolução de Thor desde uma criança sonhadora a um jovem adulto que procura sobreviver apesar das dificuldades...

Apenas o princípio do que promete ser uma série de literatura juvenil épica."

--*Midwest Book Review* (D. Donovan, eBook Reviewer)

"O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: enredos, intrigas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos que florescem repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades.

Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

-- *Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

"Neste primeiro livro cheio de ação da série de fantasia épica Anel do Feiticeiro (que conta atualmente com 14 livros), Rice introduz os leitores ao Thorgrin

"Thor" McLeod de 14 anos, cujo sonho é juntar-se à Legião de Prata, aos cavaleiros de elite que servem o rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante."

--*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

## **O CAMINHO DA ROBUSTEZ**

APENAS OS DIGNOS (Livro n 1)

## **DE COROAS E GLÓRIA**

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n. 1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro n. 2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro n. 3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro n. 4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro n. 5)

HEROÍNA, TRAI DORA, FILHA (Livro n. 6)

## **REIS E FEITICEIROS**

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n. 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n. 2)

O PESO DA HONRA (Livro n. 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n. 4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro n. 5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro n. 6)

## **O ANEL DO FEITICEIRO**

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n. 1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro n. 2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n. 3)

UM GRITO DE HONRA (Livro n. 4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n. 5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro n. 6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro n. 7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n. 8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n. 9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro n. 10)

UM REINADO DE AÇO (Livro n. 11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro n. 12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro n. 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n. 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro n. 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n. 16)

O DOM DA BATALHA (Livro n. 17)

## **TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA**

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro n1)

ARENA DOIS (Livro n. 2)

ARENA TRÊS (Livro n. 3)

## **VAMPIRO, APAIXONADA**

ANTES DO AMANHECER (Livro n. 1)

# **MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO**

TRANSFORMADA (Livro n. 1)

AMADA (Livro n. 2)

TRAÍDA (Livro n. 3)

PREDESTINADA (Livro n. 4)

DESEJADA (Livro n. 5)

COMPROMETIDA (Livro n. 6)

PROMETIDA (Livro n. 7)

ENCONTRADA (Livro n. 8)

RESSUSCITADA (Livro n. 9)

ALMEJADA (Livro n. 10)

DESTINADA (Livro n. 11)

OBCECADA (Livro n. 12)

## KINGS AND SORCERERS



## THE SORCERER'S RING



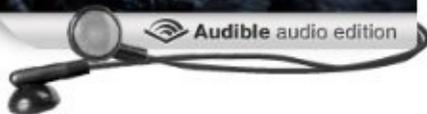
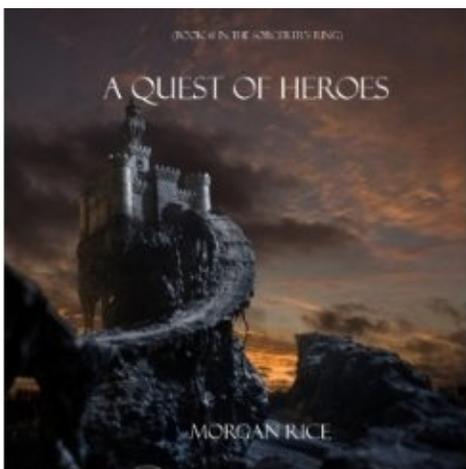
## THE SURVIVAL TRILOGY



## the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)



[Ouçã](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato Audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

## Quer livros gratuitos?

Subscreva a lista de endereços de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em banda desenhada grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite: [www.morganricebooks.com](http://www.morganricebooks.com)

Copyright © 2017 por Morgan Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright Ralf Juergen Kraft, usada com autorização da istock.com.

## CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZASSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZASSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZANOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

**CAPÍTULO UM**

Thanos ficou surpreso ao acordar. Pelo que a rainha havia dito, antes dos soldados lhe terem batido até ele ficar inconsciente, ele esperava que eles lhe cortassem a garganta e arrumassem o assunto.

Ele não sabia se o facto de eles terem mudado de ideias era uma coisa boa ou não.

Ele devia ter recuperado a consciência, porque ele viu o sangue que cobria o chão nos aposentos do seu pai. Podia lembrar-se da sensação de o segurar nos seus braços. O homem que em tempos havia sido poderoso, naquele momento, tão delicado como uma criança. Nos seus sonhos, as mãos dele estavam cobertas de sangue.

Ele despertou a pestanejar. A luz do sol disse-lhe que aquilo já não era um sonho. Mas o sangue ainda estava lá. As suas mãos ainda estavam vermelhas, e naquele momento Thanos não sabia quanto sangue é que era seu. Ele sentia a dureza do ferro contra o seu corpo, mas não lhe pareciam ser correntes.

Porém, ele não conseguia concentrar-se nisso, questionando-se o quanto havia sido espancado ao ponto de não conseguir afastar as memórias. Elas arrastaram-no novamente para o momento em que ele estava a assistir ao seu pai a morrer, impotente para deter a situação.

*"Precisas de ser capaz de provar a verdade. Toda a verdade."*

O seu pai tinha-se esforçado tanto para dizer aquelas palavras. Tinha sido tão importante para ele, naquele momento, que Thanos fosse capaz de provar que era o filho do rei. Talvez ele tivesse visto nisso uma maneira de desfazer alguns dos males que tinha feito na sua vida. Talvez ele tivesse acabado de ver os males que Lucious poderia causar quando lhe fosse concedido o poder real.

Thanos gemeu ao pensar naquilo tudo, com a luz do sol a fluir através dos seus sonhos, enquanto a dor os empurrava mais fisicamente. Mesmo assim, a voz do seu pai perdurava.

*" Felldust. Tu encontrarás as respostas de que precisas em Felldust. Foi lá que ela foi depois de eu..."*

Mesmo nos seus sonhos, não havia nenhuma conclusão para aquelas palavras exceto o olhar em branco dos olhos do seu pai. Havia apenas o nome de um lugar, uma sugestão de uma viagem que poderia contar-lhe tudo.

Se ele vivesse tempo suficiente para o fazer.

Ele voltou a ficar consciente e, com isso, todo o peso da dor voltou. Thanos sentia como se todo o seu corpo tivesse contusões profundas. Ele mal conseguia

levantar a cabeça, porque parecia que a mesma poderia cair em pedaços só com o esforço. Ele sabia por experiência própria qual era a sensação de ter as costelas partidas, e em muitas outras partes do corpo a sensação era parecida.

Os guardas que o haviam espancado não se tinham contido por ele ser quem era. Parecia até que o tinham espancado com mais força por causa disso, quer por se sentiram espicaçados à escala da sua suposta traição quer querendo mostrar que não estavam do lado do seu príncipe rebelde.

Thanos conseguiu-se sentar e olhar ao redor. O mundo perto de si parecia mudar enquanto ele o fazia. Por um momento, ele pensou que era algum truque da dor. Vertigens causadas pelos golpes na sua cabeça. Então ele percebeu que se estava realmente a movimentar. Barras de ferro verticais davam-lhe um ponto de referência constante à medida que o movimento dele fazia com que pusesse o resto do mundo a balançar.

"Um cadafalso", murmurou Thanos. As palavras pareciam embargadas na sua garganta. "Eles penduraram-me num cadafalso."

Olhar novamente confirmou-o. Ele estava numa jaula que tinha o mesmo formato das gaiolas onde alguns delicados nobres podiam ter um pássaro lá dentro, mas aquela era grande o suficiente para um homem. Mal chegava. As pernas de Thanos pendiam entre as barras, embora ainda bem acima do solo, graças à

corrente curta que prendia a jaula a um poste.

Mais além, havia um pequeno pátio fechado. O tipo de lugar que podia ter sido usado pelos nobres para fazerem desporto, ou onde os servos se podiam ter reunido para o tipo de tarefas suscetíveis de serem desagradáveis. Fossas na calçada mostravam onde o sangue, ou pior, poderia ser arrastado.

A um canto, os guardas erguiam uma plataforma de uma forca, sem sequer se incomodarem a olhar para Thanos. Eles não estavam a montar um bloco simples para uma decapitação, tampouco.

Thanos agarrou-se as barras com uma raiva súbita. Ele não seria enjaulado como uma besta à espera de ser abatida. Não ficaria ali enquanto os homens se preparavam para executá-lo por algo que ele nem sequer tinha feito.

Ele abanou as barras, testando-as, mas elas eram fortes. Havia uma porta com uma fechadura presa com uma corrente, com todos os elos tão grossos quanto o polegar de Thanos. Ele tentou, à procura de qualquer fraqueza, de qualquer maneira de escapar dos confins do cadafalso que o detinha.

"Ei! Tira as mãos daí!", gritou um dos guardas, atacando com um bastão e atingindo os nós dos dedos de Thanos, que ofegou de dor enquanto tentava conter o desejo de gritar.

"Sê tão valente quanto queiras", disse o guarda, olhando para Thanos com um ódio óbvio. "Quando tratarmos de ti, vais gritar."

"Eu ainda sou um nobre", disse Thanos. "Tenho o direito a um julgamento perante os nobres do Império e a escolher o modo da minha execução se isso chegar a acontecer".

Daquela vez, o bastão bateu contra as barras, apenas a um palmo do seu rosto.

"Os assassinos do rei obtêm o que quer que seja decidido para si", ripostou o guarda. "Nenhum golpe rápido para ti, traidor!"

Thanos conseguia ver a raiva ali. Raiva verdadeira e o que parecia ser um sentimento de traição pessoal. Thanos conseguia entender isso. Talvez até significasse que aquele homem tinha começado por ser um bom homem.

"Acreditavas que as coisas poderiam mudar, não era?", supôs Thanos. Ele estava a arriscar muito, mas tinha de o fazer, se quisesse encontrar uma maneira de provar a sua inocência.

"Eu pensava que tu poderias ajudar a melhorar as coisas", admitiu o outro homem. "Mas afinal tu estavas trabalhar com a rebelião para matar o rei!"

"Eu não o matei", disse Thanos. "Mas eu sei quem o fez. Ajuda-me a sair daqui e..."

Aquele golpe do bastão atingiu-o com força nas costelas feridas e, quando o guarda a levou para trás para outro golpe, Thanos tentou encontrar uma maneira de se proteger. Mas não havia lugar para onde ele ir.

Mesmo assim, o golpe não se concretizou. Thanos viu o guarda parar, baixando o bastão e caindo num arco profundo. Thanos tentou contorcer-se para ver o que estava a acontecer, e isso fez com que o

cadafalso girasse.

Quando terminou, a rainha Athena já estava de pé à frente dele, vestida de luto, fazendo com que parecesse que ela podia ter sido o seu carrasco. Os guardas aglomeraram-se ao redor dela, como se temessem que Thanos, de alguma forma, e, apesar das barras da jaula, encontrasse uma maneira de a matar, da mesma maneira que eles acreditavam que ele tinha matado o rei.

"Porque é que ele está ali pendurado?", perguntou a rainha Athena. "Pensei que vos tinha dito para vocês simplesmente o executarem.

"Peço perdão a sua majestade", disse um dos guardas, "mas ele não estava acordado, e demora tempo a preparar uma execução adequada para um traidor como este."

"O que é que planeaste? ", perguntou a rainha.

"Nós íamos pendurá-lo pela metade, extrair as suas entranhas, e depois parti-lo na roda para acabar com ele. Não poderíamos simplesmente matá-lo depressa, depois de tudo o que ele fez.

Thanos viu a rainha refletir por um momento, e depois assentiu. "Talvez tenhas razão. Ele já confessou os seus crimes?

"Não, Majestade. Ele até afirma que não o fez."

Thanos viu a rainha abanar a cabeça. "Loucura. Ele foi encontrado sobre o corpo do meu marido. Quero falar com ele, sozinha.

"Sua majestade, isso é inteiramente..."

" Eu disse s *ozinha*". O olhar da rainha Athena foi suficiente para que, até mesmo Thanos, sentisse, por um momento, compaixão pelo homem. "Ele está suficientemente seguro nesta jaula. Apressem o vosso trabalho na força. Quero o homem que matou o meu marido morto!

Thanos viu os guardas a afastarem-se, bem para longe dele e da rainha.

Certamente para uma distância em que já não se conseguia ouvir. Thanos não tinha dúvida de que tinha sido deliberado.

"Eu não matei o rei", insistiu Thanos, mesmo supondo que não faria qualquer diferença na situação em que ele se encontrava. Sem provas, porque haveria *alguém* de acreditar nele, e muito menos a rainha, que nunca tinha gostado dele?

Por um instante, a expressão da rainha Athena ficou fixa. Thanos viu-a a olhar ao redor, quase furtivamente, como se preocupada com a perspectiva de ser ouvida. Naquele momento, Thanos compreendeu.

"Tu já sabes, não é?", perguntou Thanos. "Tu sabes que eu não fiz isso."

"Como é que eu saberia uma coisa dessas?", perguntou a rainha Athena, mas havia uma ponta de nervosismo na sua voz ao dizê-lo. "Foste apanhado com o sangue do meu amado marido nas tuas mãos,

debruçado sobre o seu corpo."

"Amado", ecoou Thanos. "Tu só te casaste com o rei por causa de uma aliança política."

Thanos viu a rainha levar as mãos ao coração. "E não nos poderíamos ter chegado a amar?"

Thanos abanou a cabeça. "Tu nunca amaste o meu pai. Simplesmente amavas o poder que ser a esposa de um rei te trazia."

"O teu pai?, questionou a rainha Athena. "Parece que descobriste muito mais do que deverias, Thanos. Claudius passou por muitos problemas para ocultá-lo.

Provavelmente até é melhor que morras também por isso."

"Por algo que foi Lucious que fez", respondeu Thanos.

"Sim, por algo que foi Lucious que fez", replicou a rainha Athena, com uma expressão de raiva. "Achas que me podes dizer alguma coisa sobre o meu filho que me vá chocar? Até mesmo isso? Ele é meu *filho!*"

Thanos conseguia ouvir a proteção ali, dura e inabalável. Naquele momento, ele deu por si a pensar na criança que nunca teria com Stephania, e como ele teria sido protetor para com o seu filho ou filha. Ele queria pensar que faria qualquer coisa pelo seu filho, mas, no entanto, ao olhar para a Rainha Athena, ele sabia que não era verdade. Havia alguns limites a partir dos quais mesmo um pai não podia forçar.

"E quanto aos outros?", contrapôs Thanos. "O que é que eles vão fazer quando descobrirem?"

"E como é que eles vão saber isso?", perguntou a rainha Athena. "Vais dizer-lhes agora? Força. Deixa que todos ouçam o traidor na jaula afirmar que apesar de ele ter sido encontrado debruçado sobre o seu pai assassinado, foi o seu irmão que executou a ação. Achas que alguém vai acreditar em ti?"

Thanos já sabia a resposta para isso. O próprio sítio onde ele estava dava-lhe a resposta. Para qualquer pessoa com poder no Império, ele já era um traidor e ele tinha entrado furtivamente no castelo. Não, se ele lhes tentasse dizer a verdade, eles nunca iriam acreditar.

Ele sabia então que, a menos que escapasse, morreria ali. Ele morreria e Lucious tornar-se-ia rei. O que aconteceria a seguir seria uma coisa saída de um pesadelo. Ele tinha de encontrar uma maneira de impedir que isso acontecesse.

Até a rainha Athena conseguia certamente ver o quão más as coisas seriam.

Ele só tinha de fazer com que ela entendesse.

"O que achas que vai acontecer quando Lucious for rei?" perguntou Thanos.

"O que achas que ele fará?"

Ele viu Athena sorrir. "Eu acho que ele vai fazer o que a sua mãe sugerir.

Lucious nunca teve muito tempo para os... detalhes aborrecidos do seu papel. Na verdade, eu provavelmente deveria agradecer-te, Thanos. Claudius era muito teimoso. Ele não me dava ouvidos quando devia. Lucious será mais maleável.

"Se acreditas nisso", disse Thanos, "estás tão louca quanto ele. Viste o que Lucious fez com o pai dele. Achas que ser a mãe dele vai manter-te segura?"

"O poder é a única segurança que existe", respondeu a rainha Athena. "E tu não vais estar por perto para vê-lo, aconteça o que acontecer. Quando a força estiver preparada, tu vais morrer, Thanos. Adeus."

Ela virou-se para se ir embora e, ao fazê-lo, Thanos só conseguia pensar em Lucious. Em Lucious a ser coroado. Lucious como tinha estado na aldeia que Thanos tinha salvado. Lucious como deve ter estado ao matar o seu pai.

*Vou libertar-me*, Thanos prometeu a si mesmo. *Vou escapar, e vou matar Lucious.*

## CAPÍTULO DOIS

Ceres saiu do Stade carregada nos ombros da multidão, à luz do sol, e o seu coração disparou. Ela olhou para o rescaldo da batalha, e, ao fazê-lo, uma corrente de emoções lutou por atenção dentro de si.

Havia a alegria da vitória, é claro. Ela ouvia a multidão gritar a sua vitória enquanto ela saía do Stade, com os rebeldes de Haylon ao lado dos lordes de combate, o que sobrava das forças de Lorde Oeste e o povo da cidade.

Havia alívio, por a tentativa desesperada de salvar os lordes de combate da última Matança de Lucious ter sido bem-sucedida, e por, finalmente, ter terminado.

Havia alívios maiores, também. Ceres observou a multidão até encontrar o seu irmão e o seu pai, parados, de braços dados com um grupo de rebeldes. Ela queria correr para eles e certificar-se de que estavam bem, mas a multidão estava determinada a levá-la por meia cidade. Ela tinha de se contentar por eles parecerem estar ilesos, a caminharem juntos e a festejar juntamente com os outros. Era incrível que eles ainda conseguissem festejar. Tantas pessoas daquelas que ali estavam haviam estado dispostas a morrer para deter a tirania esmagadora do Império. Tantas.

Tal trazia a emoção final: tristeza. Tristeza por tudo aquilo ter sido necessário e que tantos tivessem de ter morrido em ambos os lados. Ela podia ver os corpos nas ruas onde tinha havido confrontos entre os rebeldes e os soldados. A maioria vestia o vermelho do Império, mas isso não tornava as coisas mais fáceis. Muitos eram apenas pessoas comuns, recrutadas contra a sua vontade, ou homens que se tinham juntado porque era melhor do que uma vida de pobreza e subjugação. E

agora eles jaziam mortos, olhando para o céu com olhos que nunca mais iriam ver nada.

Ceres sentia o calor do sangue na sua pele já a secar sob o calor do sol.

Quantos homens tinha ela matado hoje? Algures na batalha sem fim, ela tinha perdido a conta. Tinha havido apenas a necessidade de continuar, continuar a lutar, porque parar significava morrer. Ela tinha sido apanhada na fluidez da batalha, que a tinha levado com a sua energia, ao mesmo tempo que a sua *própria* energia pulsava dentro de si.

"Todos eles", disse Ceres.

Ela tinha-os matado a todos, mesmo não o tendo feito com as suas próprias mãos. Tinha sido ela a convencer as pessoas das bancadas a não aceitarem a ideia de paz do Império. Tinha sido ela a convencer os homens de Lorde Oeste a

atacarem a cidade. Ela olhou em volta para os mortos, determinada a lembrá-los e a lembrar-se do que a vitória deles custara.

Até a cidade mostrava cicatrizes de violência: portas quebradas, restos de barricadas. No entanto, havia também sinais de alegria a espalharem-se: as pessoas estavam a sair para as ruas, juntando-se à multidão que corria pelas ruas num mar de multidão.

Era difícil ouvir em condições devido aos gritos da multidão, mas ao longe, Ceres parecia-lhe ouvir os sons do combate a continuar. Parte dela queria avançar para atacar e lidar ela mesma com aquilo, mas uma parte dela ainda maior queria pôr um fim à situação antes que ela ficasse fora de controlo. A verdade era que, naquele momento, ela estava exausta demais para o fazer.

Parecia que havia estado a lutar desde sempre. Se a multidão não a estivesse a carregar, Ceres suspeitava que já teria entrado em colapso.

Quando finalmente a colocaram no chão na praça principal, Ceres foi procurar o seu irmão e o seu pai. Ela forçou o seu caminho em direção a eles, e chegou até eles só porque as pessoas ali pareciam afastar-se em respeito para a deixar passar.

Ceres abraçou os dois.

Eles não disseram nada. O seu silêncio, a sensação do seu abraço, dizia tudo.

Eles tinham sobrevivido, de alguma forma, como uma família. E a ausência dos seus irmãos mortos era sentida profundamente.

Ceres desejava poder ficar assim para sempre. Simplesmente ficar segura com o seu irmão e o seu pai, e deixar que toda aquela revolução seguisse o seu próprio caminho. No entanto, mesmo ali com duas das pessoas com que mais se preocupava no mundo, ela apercebeu-se de outra coisa.

As pessoas estavam a olhar para ela.

Ceres supôs que não era assim tão estranho depois de tudo o que tinha acontecido. Tinha sido ela que tinha estado no centro da luta, e agora, entre o sangue, a poeira e a exaustão, ela provavelmente parecia um monstro saído de uma lenda. Mas, no entanto, não era dessa forma que as pessoas pareciam estar a olhar.

Não, elas estavam a olhar como se estivessem à espera de serem informados sobre o que fazer de seguida.

Ceres viu figuras a forçarem o seu caminho através da multidão. Ela reconheceu um como sendo Akila, o homem musculado, que tinha estado à frente da última onda de rebeldes. Outros vestiam as cores dos

homens de Lorde Oeste. Havia pelo menos um lorde de combate ali, um homem grande a segurar um par de picaretas de combate, parecendo estar a ignorar várias feridas enquanto ali estava.

"Ceres", disse Akila, "os soldados imperiais que restam retiraram-se para o castelo ou começaram a procurar maneiras de deixar a cidade. Os meus homens seguiram aqueles que conseguiram, mas eles não conhecem bem a cidade e...

bem, há o perigo de que as pessoas possam entender mal.

Ceres compreendia. Se os homens de Akila perseguissem por Delos soldados fugitivos, havia o perigo de que fossem vistos como invasores. Mesmo não sendo, eles poderiam ser emboscados, separados e escolhidos para serem abatidos.

No entanto, parecia estranho que tantas pessoas estivessem à espera que ela lhes desse respostas. Ela olhou ansiosamente ao redor, procurando ajuda, porque tinha de haver alguém por ali com mais qualificações do que ela para assumir o controlo. Ceres não queria assumir que ela pudesse ficar ao comando só porque a sua linhagem a ligava ao passado dos Anciãos de Delos.

"Quem está ao comando da rebelião agora?", gritou Ceres. "Sobreviveu algum dos líderes?"

Ao seu redor, ela via pessoas a abanar as mãos e a cabeça. Elas não sabiam.

Claro que não. Eles não teriam visto mais do que Ceres tinha. Ceres sabia a parte que importava: Anka desaparecera, morta pelos carrascos de Lucious.

Provavelmente, a maioria dos outros líderes também estava morta. Isso ou escondida.

"E o primo de Lorde Oeste, Nyel?", perguntou Ceres.

"Lorde Nyel não nos acompanhou no ataque", disse um dos homens antigos de Lorde Oeste.

"Não", disse Ceres, "acho que ele não o teria feito."

Talvez até fosse bom que ele não estivesse ali. Os rebeldes e as pessoas de Delos teriam estado suficientemente atentas a um nobre como Lorde Oeste, dado tudo o que ele representava. *Ele* tinha sido um homem corajoso e honrado. O seu primo não tinha sido metade do homem que ele havia sido.

Ela não perguntou se os lordes de combate tinham um líder. Esse não era o tipo de homem que eles eram. Ceres tinha chegado a conhecer cada um deles nas arenas de treino para o Stade, e ela sabia que enquanto qualquer um deles valesse uma dúzia, ou mais, de homens normais, eles não conseguiriam comandar algo assim.

Ela deu por si a olhar para Akila. Era óbvio que ele era um líder, e os seus homens claramente seguiam o seu exemplo, mas, no entanto, ele parecia estar à procura que fosse ela a dar as ordens ali.

Ceres sentiu a mão do seu pai no seu ombro.

"Estás a questionar-te porque é que eles te deviam ouvir", supôs ele, estando muito perto de adivinhar.

"Eles não me deviam seguir só porque eu tenho sangue dos Anciãos", respondeu Ceres suavemente. "Quem sou eu, realmente? Como posso esperar liderá-los?"

Ela viu o seu pai sorrir com o que ela havia dito.

"Eles não te querem seguir só por causa de quem são os seus antepassados.

Eles teriam seguido Lucious se fosse esse o caso.

O seu pai cuspiu no chão como se para enfatizar o que ele pensava disso.

Sartes assentiu.

"O pai tem razão, Ceres", disse ele. "Eles seguem-te por causa de tudo o que tu fizeste. Por causa de *quem tu és*."

Ela pensou sobre isso.

"Tu consegues uni-los", acrescentou o seu pai. "Tens de fazê-lo agora."

Ceres sabia que eles estavam certos, mas ainda era difícil estar no meio de tanta gente e saber que eles estavam à espera que ela tomasse uma decisão. O

que aconteceria se ela, ainda assim, não tomasse uma decisão? O que aconteceria se ela obrigasse um dos outros a liderar?

Ceres conseguia adivinhar a resposta. Ela conseguia sentir a energia da multidão, mantida sob controlo por enquanto, mas ali, ainda assim, como brasas fumegantes prontas para explodir num incêndio descontrolado. Sem direção, significaria saquear a cidade, mais mortes, mais destruição e talvez até derrota, já que as facções que ali estavam encontravam-se em desacordo.

Não, ela não podia permitir isso, mesmo ainda não estando certa do que conseguia fazer.

"Irmãos e irmãs!", gritou ela, e para sua surpresa, a multidão à sua volta ficou em silêncio.

Agora a atenção sobre ela era total, mesmo em comparação com o que tinha acontecido antes.

"Nós ganhámos uma grande vitória, todos nós! Todos vocês! Vocês enfrentaram o Império e arrebataram a vitória das mandíbulas da morte!"

A multidão aplaudiu. Ceres olhou em volta, dando um momento a si própria para interiorizar o que se estava a passar.

"Mas não é suficiente", continuou ela. "Sim, todos nós poderíamos ir para casa agora, e já teríamos conseguido muito. Podíamos até estar seguros por um tempo. Eventualmente, entretanto, o Império e os seus governantes iriam atacar-nos, ou aos nossos filhos. A situação voltaria ao que era, ou ficaria ainda pior.

Precisamos de acabar com isto, de uma vez por todas!"

"E como o fazemos?", gritou uma voz da multidão.

"Tomamos o castelo", respondeu Ceres. "Tomamos Delos. E tornamo-la nossa. Capturamos a realeza e paramos com a sua crueldade. Akila, vieram para aqui por mar?"

"Viemos", disse o líder rebelde.

"Então vai para o porto com os teus homens e certifica-te de que o controlamos. Não quero que o Império se escape para ir buscar um exército contra nós, ou uma frota que nos persiga.

Ela viu Akila assentir.

"Nós vamos fazer isso", assegurou ele.

A segunda parte era mais difícil.

"Todos os outros, venham comigo para o castelo."

Ela apontou para a fortificação sobre a cidade.

"Há muito que permanece como um símbolo do poder que eles têm sobre vocês. Hoje, nós vamos conquistá-la."

Ela olhou ao redor para a multidão, tentando avaliar a reação deles.

"Se não têm armas, arranjem-nas. Se estão muito feridos, ou se não quiserem fazer isto, não precisam de ter vergonha em ficar, mas se vierem, vão poder dizer que estiveram lá no dia em que Delos ficou livre!"

Ela fez uma pausa.

"Povo de Delos!", gritou ela com o tom da sua voz a aumentar. "Estão comigo!?"

O rugido da multidão foi suficiente para ensurdecê-la.

## **CAPÍTULO TRÊS**

Stephania agarrou-se à amurada do barco, com os nódulos das mãos tão brancos quanto os borrifos que vinham do oceano. Ela não estava a desfrutar da viagem pelo oceano. Apenas o pensamento da vingança a que aquela viagem poderia levar a tornava de todo aceitável.

Ela era da alta nobreza do Império. As longas viagens que ela já tinha feito tinham sido nas cabinas de grandes galeras, ou em carruagens almofadadas em comboios bem guardados, não num barco onde compartilhava espaço e que parecia demasiado pequeno na vasta extensão do oceano.

Não era apenas o seu conforto que tornava a viagem difícil. Stephania orgulhava-se de ser mais valente do que as pessoas pensavam. Ela não iria reclamar apenas porque aquela banheira que vazava rolava com as ondas, ou por causa de uma dieta aparentemente interminável de peixe e carne salgada. Ela não ia

sequer reclamar do fedor. Sob circunstâncias normais, Stephania teria colocado no seu rosto o seu melhor sorriso falso e continuado com ele.

A sua gravidez tornava isso mais difícil. Stephania imaginava que conseguia sentir a criança a crescer dentro de si agora. O filho de Thanos. A sua arma perfeita contra ele. Dela. Era algo que quase não tinha parecido real ao ouvi-lo pela primeira vez. Agora, com a gravidez a exacerbar cada pontada de enjoo e a fazer com que a comida ainda soubesse pior do que habitualmente, tudo parecia muito real.

Stephania observava Felene a trabalhar na parte da frente do barco, junto com a aia de Stephania, Elethe. As duas faziam um grande contraste uma com a outra. A marinheira, ladra e tudo o mais que ela era, com as suas bermudas e túnicas ásperas e com o cabelo trançado pelas costas abaixo. A aia com as suas sedas cobertas por um manto, cabelo mais curto enquadrando traços suavemente escuros com uma elegância que a outra mulher não poderia ansiar. Felene parecia estar a divertir-se, cantando uma canção de marinheiros de uma tal vulgaridade inventiva que Stephania tinha certeza de ela o estava a fazer deliberadamente para a provocar. Ou isso, ou era a ideia de galanteio de Felene.

Ela tinha visto alguns dos olhares que a ladra tinha atirado à sua aia.

E a ela, mas pelo menos aqueles olhares eram melhores do que os olhares de suspeita. Aqueles tinham sido bastante raros no início, mas estavam a tornar-se cada vez mais frequentes, e Stephania podia adivinhar porquê. A mensagem que ela tinha enviado para atrair Thanos dizia que ela tinha tomado a poção de Lucious. À época, tinha-lhe parecido a melhor maneira de o magoar, mas agora,

isso significava que ela tinha de esconder os sinais de uma gravidez que parecia determinada agora em se dar a conhecer. Mesmo que não houvesse a considerar os enjoos constantes, Stephania tinha a certeza de que se sentia a inchar como uma baleia, com os seus vestidos a ficarem cada vez mais apertados de dia para dia.

Ela não podia esconder isso para sempre, o que significava que ela provavelmente ia ter de matar a marinheira de estimação de Thanos em algum momento. Talvez ela pudesse fazê-lo agora, bastava caminhar até ela e empurrá-

la sobre a amurada da proa do barco. Ou ela poderia oferecer um cantil de água.

Mesmo com a pressa com que ela havia saído, Stephania ainda tinha venenos suficientes à mão para lidar com uma legião de potenciais inimigos.

Ela poderia até mandar a sua aia fazê-lo. Afinal, Elethe era boa com facas, embora talvez não suficientemente boa, dado que ela tinha sido a prisioneira do marinheiro quando Stephania as tinha encontrado nas docas.

Aquela incerteza era suficiente para fazer Stephania parar. Aquela não era o tipo de coisa que ela se pudesse dar ao luxo de errar. Haveria apenas uma oportunidade de o conseguir fazer bem. Tão longe de outros recursos, o fracasso não significaria uma retirada tranquila. Podia significar a sua morte.

Em qualquer caso, eles ainda estavam muito longe de terra. Stephania não conseguia dirigir o barco, e enquanto a sua aia seria provavelmente uma guia útil em terras de Felldust, ela provavelmente não conseguiria levá-los pelos oceanos até lá. Eles precisavam das habilidades da marinheira, tanto para

encontrar terra em segurança novamente como para os levar até ao local certo. Havia lá coisas que Stephania precisava de encontrar e não conseguiria fazê-lo se nem sequer conseguisse chegar à terra que havia sido aliada do Império durante gerações.

Stephania aproximou-se dos outros, e, por um momento, considerou empurrar Felene de qualquer maneira, simplesmente porque ela parecia surpreendentemente leal a Thanos. Não era um traço que Stephania esperasse numa ladra confessa, e isso provavelmente significava que o suborno não era uma opção. Pelo que só restavam meios mais violentos.

Ainda assim, quando Felene se virou para ela, Stephania forçou um sorriso.

"Falta muito para chegarmos?", perguntou ela.

Felene ergueu as mãos como um comerciante a equilibrar as balanças. "Um dia ou dois, talvez. Depende dos ventos. Já ressentida com a minha companhia, princesa?"

"Bem", disse Stephania, "tu és malcriada, arrogante, déspota, e quase alegre por seres uma criminosa."

"E esses são apenas para começar os meus pontos positivos", disse Felene com uma gargalhada. "Ainda assim, eu levo-te até Felldust facilmente. Já

pensaste no que vais fazer então? Amigos na corte, talvez, para te ajudarem a encontrar esse teu feiticeiro? Sabes onde encontrá-lo?"

"Onde o sol poente se encontra com os crânios dos mortos de pedra", disse Stephania, lembrando as direções que a velha Hara, a bruxa, lhe dera. Stephania pagara por aquelas direções com a vida de uma das suas outras aias. Dificilmente pareciam suficientes.

"É sempre assim", disse Felene com um suspiro. "Acredita, eu tenho roubado algumas coisas bastante impressionantes ao longo do tempo, e nunca é fácil.

Nunca há um nome de rua e alguém a dizer-te para ires pela terceira porta à esquerda. Feiticeiros, bruxas, são os piores. Estou surpreendida que uma senhora nobre como tu se queira meter em algo assim."

Isso era porque a marinheira não sabia nada sobre Stephania, realmente. Não sabia das coisas que ela tinha passado o seu tempo a aprender para ser mais do que apenas um rosto em segundo plano em ocasiões reais. Certamente não tão longe quanto ela estava preparada para ir quando se tratava de vingança.

"Farei o que for preciso", disse Stephania. "A questão é se eu posso confiar em ti."

Felene lançou-lhe um sorriso. "Desde que me peças maioritariamente para fazer coisas que incluam beber, lutar e roubar ocasionalmente." A expressão dela ficou mais séria. "Eu estou em dívida para com Thanos, e eu dei-lhe a minha palavra de que te protegeria. Eu cumpro a minha palavra.

Sem essa parte, ela poderia ter sido perfeita para os planos de Stephania. Oh, se ao menos ela tivesse sido tão recetiva ao suborno quanto o resto da sua espécie. Ou mesmo à sedução. Stephania ter-lhe-ia dado Elethe tão facilmente como ela tinha dado à velha bruxa Hara a sua última aia.

"E quando chegarmos a Felldust?", perguntou Felene. "Como é que vamos encontrar esse 'lugar onde o sol se encontra com os mortos de pedra'?"

"Os crânios dos mortos de pedra são uma coisa de que ouvi falar", informou Elethe. "Estão nas montanhas."

Stephania teria preferido discutir aquilo em privado, mas a verdade era que não *havia* nenhuma privacidade no pequeno barco. Elas precisavam de falar sobre aquilo, e isso significava falar à frente de Felene.

"Isso significa que temos de chegar às montanhas", disse Stephania.

"Consegues providenciar isso?"

Elethe assentiu. "Um amigo da minha família dirige caravanas que atravessam as montanhas. Deve ser fácil de organizar."

"Sem atrair muita atenção?", perguntou Stephania.

"Um mestre de caravanas que atrai muita atenção é aquele que é roubado", assegurou Elethe. "E nós conseguiremos encontrar mais informação quando

alcançarmos a cidade. Felldust é a minha casa, minha senhora.

"Tenho certeza de que serás muito útil", disse Stephania, de uma forma que transformou aquela expressão numa expressão de gratidão. Em tempos, aquilo teria feito com que a sua aia tropeçasse sobre si mesma de alegria, mas naquele momento, ela apenas sorriu. Provavelmente tinha algo a ver com toda a atenção que estava a receber de Felene.

Uma linha fina de raiva surgiu em Stephania. Não com ciúmes no sentido convencional, porque ela não se sentia assim para com a miúda, ou qualquer outra pessoa, agora que Thanos estava fora da sua vida. Não, isso era simplesmente porque a sua aia era *dela*. Em tempos, a miúda teria entregado o seu destino a Stephania. Agora, Stephania não conseguia ter a certeza disso e isso irritava-a. Ela teria de encontrar uma maneira de o testar antes que isso acontecesse.

Ela teria de fazer muitas coisas antes de acabar o que tinha a fazer em Felldust. Ela teria de encontrar esse feiticeiro, e mesmo se a sua aia compreendesse uma das pistas para a sua localização, ainda precisaria de tempo e esforço. Ela teria de fazê-lo numa terra estranha, onde a política e o povo seriam ambos diferentes, mesmo que as suas fraquezas fossem de uma forma geral as mesmas em todo o mundo.

Mesmo quando encontrasse o feiticeiro, ela teria de encontrar uma maneira de aprender o que ele sabia ou obter a sua ajuda. Talvez só fosse preciso dinheiro, ou um pouco de charme, mas Stephania duvidava. Qualquer feiticeiro com força para deter um dos Anciãos seria capaz de obter do mundo o que quisesse.

Não, Stephania teria que ser mais criativa do que isso. Ela iria encontrar uma maneira de fazer com que resultasse. Todos queriam algo, quer fosse poder, fama, conhecimento ou simplesmente segurança. Stephania tinha sempre tido um dom para descobrir o que as pessoas queriam; era com frequência a alavanca que os predisponha a fazer o que Stephania precisava que eles fizessem.

"Diz-me, Elethe", disse ela por impulso. "O que é que tu queres?"

"Servir-te, minha senhora", disse a miúda imediatamente. Era a resposta certa, é claro, mas havia ali uma nota de sinceridade que Stephania gostava. Ela descobriria a resposta verdadeira no seu devido tempo.

"E tu, Felene?", perguntou Stephania.

Ela observou a ladra a encolher os ombros. "O que quer que seja que o mundo tem para oferecer. De preferência com muita riqueza, bebida, companheiros, e prazer. Não necessariamente nesta ordem."

Stephania riu-se suavemente, fingindo não estar a perceber que ela estava a mentir. "Claro. O que mais *poderia* alguém querer?"

"Porque não me contas?", contrapôs Felene. "O que é que tu queres, princesa? Porquê passar por tudo isto?"

"Eu quero estar em segurança", disse Stephania. "E eu quero vingança contra aqueles que me levaram Thanos."

"Vingança sobre o Império?", perguntou Felene. "Eu acho que poderia estar desse lado. Eles atiraram-me para aquela ilha deles, afinal de contas."

Se ela queria acreditar que o que Stephania queria era a vingança sobre o Império, então, que acreditasse. Os objetos da ira de Stephania estavam definidos mais facilmente: Ceres e, em seguida, Thanos, juntamente com qualquer um que os tivesse ajudado.

Silenciosamente, Stephania repetiu a promessa que tinha feito lá atrás em Delos. Ela iria criar o seu filho para ser a arma perfeita contra o seu pai. Ela iria criar a criança com amor; certamente, ela não era um monstro. Mas teria um propósito também. Ele saberia o que o seu pai tinha feito.

E que algumas coisas nunca poderiam ser perdoadas.

## CAPÍTULO QUATRO

Lucious passara a maior parte da viagem para Felldust a sentir vontade de apunhalar alguém. À medida que ele se aproximava, o sentimento apenas se intensificava. Ele estava ali em roupas imundas, com o sol a queimar, fugindo a um império que deveria ter corrido a obedecer-lhe.

"Vê por onde andas, rapaz", disse um dos marinheiros, empurrando Lucious ao passar para conseguir prender uma corda no lugar. Lucious não se tinha preocupado em fixar o nome do homem, mas naquele momento ele desejava tê-

lo feito, mesmo que fosse apenas para reclamar com o capitão daquela banheira sobre a sua tripulação.

"Rapaz? Tu sabes quem eu sou e atreves-te a chamar-me de rapaz?", exigiu saber Lucious. "Eu deveria ir ter com o capitão Arvan e mandar-te chicotear."

"Faz isso", disse o marinheiro, no tom aborrecido de quem sabia que estava perfeitamente seguro. "E vais ver onde isso te vai levar."

Lucious cerrou os punhos. A pior parte era o sentimento de futilidade. O

capitão Arvan estava no convés de comando com o leme na sua mão. O corpo entroncado do homem balançava com cada onda que atingia o barco. Ele tinha deixado perfeitamente claro que Lucious era importante para ele apenas na medida em que o seu dinheiro durasse.

Como acontecia desde que ele se tinha ido embora, a raiva trazia consigo imagens de sangue e pedra. O sangue do seu pai, espalhado na pedra da estátua do seu antepassado.

*Aquela com que me mataste.*

Lucious estremeceu com aquilo, embora a voz estivesse estado ali, clara como um céu da manhã e profunda como a culpa, desde que ele havia desferido o primeiro golpe. Lucious não acreditava em fantasmas, mas a memória da voz do seu pai ainda estava ali, respondendo de volta sempre que ele estava a tentar pensar. Sim, era apenas a sua própria mente a pregar-lhe partidas, mas isso não ajudava muito. Apenas significava que até mesmo os seus próprios pensamentos não lhe iriam obedecer.

Nada iria, de momento. O capitão do barco no qual ele tinha encontrado passagem tinha-o aceitado a contragosto, como se não fosse uma honra ter Lucious a bordo na sua jornada. Os seus homens tratavam Lucious com desprezo, como se ele fosse um criminoso comum a fugir da justiça, e não como um governante por direito do Império, cruelmente usurpado do seu trono.

*Do trono de Thanos.*

"Do trono de Thanos não", disse Lucious rapidamente para o vácuo. "Do meu."

"Disseste alguma coisa?", perguntou o marinheiro, sem se preocupar em olhar ao redor.

Lucious afastou-se dele, e, chateado, deu um murro na madeira do mastro, mas isso só fez com que a dor lampejasse nos nós dos seus dedos ao tirar-lhes a pele. Se fosse à maneira dele, ele teria também arrancado a pele de um ou dois da tripulação.

Ainda assim, Lucious manteve-se afastado deles, mantendo-se nas áreas desimpedidas do convés, para onde lhe tinham dito que ele poderia ir, como se ele fosse um plebeu que tivesse de ser instruído onde ficar. Como se ele não pudesse legitimamente reivindicar todo e qualquer navio no Império se quisesse.

No entanto, o capitão do barco tinha feito exatamente isso. Ele tinha deixado a Lucious instruções claras para ficar longe da tripulação enquanto eles trabalhavam, e para não causar nenhum problema.

"Caso contrário, serás atirado para fora do barco e irás a nadar para Felldust", disse o homem.

*Talvez o devesses ter matado como me mataste a mim.*

"Eu não estou louco", disse Lucious para si mesmo. "Eu não estou louco."

Ele não iria permitir aquilo, assim como não iria permitir que os homens continuassem a falar para ele com desprezo como se ele não importasse. Ele ainda se conseguia lembrar da frieza da fúria que ele teve ao atacar o seu pai, sentindo o peso da estátua na sua mão, usando-a para bater, porque era a única maneira de manter o que era dele.

"Tu obrigaste-me a fazê-lo", murmurou Lucious. "Não me deste alternativa."

*Assim como tenho a certeza de que nenhuma das tuas vítimas te deu uma alternativa, disse a voz interior. Quantos é que já mataste até agora?*

"O que é que isso importa?", exigiu saber Lucious. Ele caminhou até à amurada e gritou sobre a fúria das ondas. "Não importa!"

"Cala-te, rapaz, estamos a tentar trabalhar aqui!", gritou lá de cima o capitão do navio, do local onde ele dirigia o barco.

*Tu nem sequer consegues fazer as coisas bem no meio do oceano, disse a voz dentro de si.*

"Cala a boca", disse Lucious de repente. "Cala -te!"

"Atreves-te a falar assim comigo, rapaz?" exigiu saber o capitão, descendo para o convés principal para confrontá-lo. O homem era maior do que Lucious, e, normalmente, ele ficaria cheio de medo naquela circunstância. Não havia espaço para aquilo naquele momento, porque as memórias empurravam-no para

fora. Memórias de violência. Memórias de sangue. "Eu sou o capitão deste navio!"

"E eu sou rei!", ripostou Lucious, atacando com um murro que se destinava a apanhá-lo no maxilar e a mandá-lo a cambalear para trás. Ele nunca tinha acreditado na luta leal.

Em vez disso, o capitão deu um passo para trás, esquivando-se ao ataque com facilidade. Lucious escorregou na humidade do convés e, nesse momento, o outro homem deu-lhe uma estalada.

Deu-lhe uma estalada! Como se ele fosse uma prostituta que tivesse falado fora da vez, não um guerreiro com o qual valesse a pena lutar. Não um príncipe!

Mesmo assim, o golpe foi suficiente para fazê-lo cair no convés. Lucious vociferou ligeiramente.

*È melhor ficares no chão, rapaz, sussurrou a voz do seu pai.*

"Cala-te!"

Ele colocou a mão na sua túnica, procurando a faca que ele lá mantinha. Foi quando o capitão Arvan lhe deu um pontapé.

O primeiro golpe apanhou Lucious no estômago, com força suficiente para o fazer rebolar de joelhos até ficar de costas. O segundo apenas lhe fez um corte na cabeça, mas ainda assim foi o suficiente para o fazer ver estrelas. Aquilo não fez nada para silenciar a voz do seu pai.

*E dizes tu que és um guerreiro. Eu sei que tu aprendeste melhor do que isso.*

Era fácil de dizer, quando não era ele que estava a ser espancado até à morte no convés de um navio.

"Achas que me consegues apunhalar, rapaz?", exigiu saber o Capitão Arvan.

"Eu venderia a tua carcaça se eu achasse que alguém a compraria. Mas assim, vamos atirar-te para a água e ver se até mesmo os tubarões torcem o nariz por ti!" Houve uma pausa, pontuada por outro pontapé.  
"Vocês os dois, agarrem-no.

Vamos ver o quão bem a realeza flutua."

"Eu sou um rei!", queixou-se Lucious quando umas mãos fortes começaram a erguê-lo. "Um rei!"

*E em breve vais ser um ex-rei*, disse a voz do seu pai.

Lucious sentiu-se leve quando os homens o levantaram, alto o suficiente para que ele conseguisse ver a água sem fim em torno deles, na qual ele seria em breve atirado para se afogar. Só que não era sem fim, pois não? Ele conseguia ver...

"Terra à vista!", gritou o vigia deles.

Por um momento, a tensão deteve-se, e Lucious tinha a certeza de que ia ser lançado na água de qualquer das maneiras.

Então a voz do capitão Arvan ouviu-se acima de tudo.

"Deixem esse desperdício de fôlego da realeza! Todos nós temos funções a desempenhar, e vamos livrar-nos dele em breve."

Os marinheiros não questionaram. Em vez disso, eles atiraram Lucious para o convés, deixando-o enquanto começavam a arrastar cabos com o resto da tripulação.

*Deverias estar grato*, sussurrou a voz do seu pai.

Porém, Lucious estava tudo menos grato. Em vez disso, ele mentalmente adicionou aquele navio e a sua tripulação à lista daqueles que iriam pagar assim que ele tivesse o seu trono de volta. Ele vê-los-ia a arder.

Ele vê-los-ia a todos a arder.

## **CAPÍTULO CINCO**

Thanos estava na sua jaula à espera da morte. Ele contorcia-se e virava-se para o sol de Delos, lentamente a assar, enquanto do outro lado do pátio, guardas trabalhavam para construir a forca na qual ele seria morto. Thanos nunca se sentira tão impotente.

Ou com tanta sede. Eles tinham-no ignorado ali, não lhe dando nada para comer ou beber, voltando a sua atenção para Thanos apenas para que pudessem fazer ressoar as suas espadas nas barras do seu cadafalso, atormentando-o.

Os servos corriam de um lado para o outro no pátio, com um sentido de urgência relativamente aos seus recados, que sugeriam que algo estava a acontecer no castelo que Thanos não tinha conhecimento. Ou talvez aquela fosse simplesmente a forma como as coisas aconteciam a seguir à morte de um rei.

Talvez toda aquela atividade fosse simplesmente a rainha Athena a fazer com que Delos fosse gerida da maneira que ela queria.

Thanos conseguia imaginar a rainha a fazê-lo. Enquanto outra pessoa podia ter sido apanhada na sua dor, mal capaz de funcionar, Thanos conseguia imaginá-la a ver a morte do seu marido como uma oportunidade.

As mãos de Thanos apertaram as barras do cadafalso. Muito provavelmente ele era o único que realmente lamentava a morte do seu pai naquele momento.

Os servos e as pessoas de Delos tinham todos os motivos para odiar o seu rei.

Athena estava provavelmente demasiado envolvida nos seus esquemas para se preocupar. Quanto a Lucious...

"Eu vou encontrar-te", prometeu Thanos. "Será feita justiça relativamente a isto. A tudo."

"Oh, será feita justiça, é verdade", disse um dos guardas. "Assim que te matarmos pelo que fizeste."

Ele chicoteou as barras, apanhando os dedos de Thanos de tal forma que ele silvou com dores. Thanos tentou agarrá-lo, mas o guarda apenas se riu, dançando para trás para fora de alcance e indo ajudar os outros com a construção do palco no qual Thanos iria acabar por ser morto.

Era um palco. Tudo aquilo era um espetáculo. Num instante de violência, Athena tomaria o controlo do Império, tanto removendo o principal perigo para o seu poder como mostrando que ela permanecia ao comando, apesar do seu filho ascender à coroa.

Talvez ela até acreditasse realmente que tal seria o caso. Se assim fosse, Thanos desejava-lhe sorte. Athena era má e ambiciosa, mas o seu filho era um

louco sem limites. Ele já havia matado o seu pai, e, se a sua mãe pensava que o conseguia controlar, então iria precisar de toda a ajuda que conseguisse arranjar.

Assim como todos em Delos iriam precisar de ajuda, desde o camponês mais inferior até Stephania, presos e à mercê da realeza, que não tinha nenhuma misericórdia.

Ao pensar na sua esposa Thanos estremecia. Ele tinha ido até ali para a salvar, e, em vez disso, a situação tinha chegado àquele ponto. Se ele não estivesse estado lá, talvez as coisas tivessem corrido melhor. Talvez os guardas tivessem percebido que tinha sido Lucious que tinha matado o rei. Talvez eles tivessem agido, ao invés de tentarem varrer tudo.

"Ou talvez eles tivessem culpado a rebelião", disse Thanos, "e dado a Lucious outra desculpa."

Ele conseguia imaginar isso. Mesmo se corresse muito mal, Lucious encontraria sempre uma maneira de pôr a culpa nos outros. E se ele não estivesse lá estado no final, ele não teria ouvido o seu pai a reconhecer quem ele era. Ele não teria sabido que havia provas disso em Felldust.

Ele não teria tido a hipótese de dizer adeus, ou segurar o seu pai enquanto ele morria. Todos os seus arrependimentos agora eram porque ele não iria conseguir ver Stephania antes de eles o executarem, ou

não iria conseguir certificar-se de que ela estava bem. Mesmo tendo em conta tudo o que ela tinha feito, ele não a deveria ter abandonado naquela doca. Tinha sido algo egoísta, pensando apenas na sua própria raiva e desgosto. Tinha sido algo que lhe havia custado a sua esposa e a vida do seu bebé.

Tinha sido algo que, provavelmente, iria custar a Thanos a sua própria vida, uma vez que ele só estava ali porque Stephania estava presa. Se ele a tivesse levado com ele, deixando-a em segurança em Haylon, nada disto teria acontecido.

Thanos sabia então que havia uma coisa que ele precisava de fazer antes de o executaram. Ele não conseguia fugir, não conseguia ter esperanças de evitar o que o esperava, mas ele ainda podia tentar fazer as coisas como devia ser.

Ele esperou que mais um dos servos que atravessava o pátio se aproximasse.

Ao primeiro ele fez sinal para continuar a andar.

"Por favor", chamou ele o segundo, que olhou ao redor antes de abanar a cabeça e continuar a andar.

A terceira, uma mulher jovem, parou.

"Não é suposto falarmos contigo", disse ela. "Fomos proibidos de te trazer comida ou água. A rainha quer que sofras por teres matado o rei."

"Eu não o matei", disse Thanos. Ele estendeu a mão quando ela começou a afastar-se. "Eu não espero que tu acredites e eu não estou a pedir água. Podes

trazer-me carvão e papel? A rainha não pode ter proibido isso."

"Estás a planear escrever uma mensagem para a rebelião?", perguntou o servo.

Thanos abanou a cabeça. "Nada disso. Podes ler o que eu escrevo, se quiseres."

"Eu... eu vou tentar." Parecia que ela ia dizer mais qualquer coisa, mas Thanos viu um dos guardas a olhar na direção deles e a serva apressou-se.

Esperar era difícil. Como é que era suposto ele assistir aos guardas a construírem a forca na qual ele seria enforcado até quase morto, ou a grande roda na qual ele iria ser despedaçado depois? Era uma pequena crueldade que dizia que mesmo se a rainha Athena conseguisse obter controlo sobre o seu filho, o Império estaria longe de ser perfeito.

Ele ainda estava a pensar em todas as crueldades que Lucious e a sua mãe podiam infligir sobre as terras quando a serva chegou com algo debaixo do braço. Era apenas um pedaço de pergaminho e um pedaço de carvão muito pequeno, mas ela ainda assim passou-lhe as coisas tão furtivamente como se aquilo fosse a chave para a liberdade dele.

Thanos aceitou-os com o mesmo cuidado. Ele não tinha nenhuma dúvida de que os guardas lhe tirariam o pergaminho e o pedaço de carvão, mesmo que apenas pela pequena oportunidade de o magoar ainda mais. Mesmo que houvesse alguns que não estivessem completamente corrompidos pela crueldade do Império, eles acreditavam que ele era o pior dos traidores, merecendo tudo o que obtivesse.

Ele debruçou-se por cima do pequeno pedaço, sussurrando as palavras enquanto tentava escrever, tentando que ficasse exatamente como deveria ficar.

Ele escreveu em letras pequenas, sabendo que havia muito no seu coração que ele precisava de escrever ali:

*Para a minha querida esposa, Stephania. No momento em que estiveres a ler isto, eu já terei sido executado. Talvez sintas que eu o mereço, depois da maneira como te abandonei. Talvez vás sentir um pouco da dor que eu sinto por saber que foste forçada a muitas coisas que não querias.*

Thanos tentava pensar nas palavras para tudo o que sentia. Era difícil conseguir escrever tudo ou fazer sentido da confusão de sentimentos que rodopiavam dentro de si:

*Eu... amava-te, e vim para Delos para tentar salvar-te. Lamento não ter conseguido, mesmo não tendo a certeza se alguma vez poderíamos ficar juntos novamente. Eu... sei o quão feliz tu estavas por saber do nosso filho, e eu estava muito feliz também. Mesmo assim, o meu maior desgosto é que nós nunca vamos ver o filho ou filha que poderíamos ter tido.*

Só de pensar nisso sentia mais dores do que com qualquer um dos golpes que os guardas lhe tinham infligido. Ele deveria ter voltado mais cedo para libertar Stephania. Ele nunca a deveria ter abandonado.

"Sinto muito", sussurrou ele, sabendo que não haveria espaço suficiente para escrever tudo o que ele queria dizer. Certamente que ele não podia apontar todos os seus sentimentos em algo que ele ia confiar a um estranho para entregar. Ele só esperava que aquilo fosse suficiente.

Ele poderia ter escrito muito mais, mas aquilo era a essência. A sua tristeza por as coisas terem corrido mal. O facto de que tinha havido amor ali. Ele esperava que fosse suficiente.

Thanos esperou que a serva se aproximasse novamente, parando-a com um braço estendido para fora.

"Podes levar isto a Lady Stephania?", perguntou.

A serva abanou a cabeça. "Sinto muito, eu não posso."

"Eu sei que é pedir muito", disse Thanos. Ele entendia o risco que estava a pedir à serva para tomar. "Mas, se alguém lhe conseguir entregar isto enquanto ela ainda está presa..."

"Não é isso", disse a serva. "Lady Stephania não está aqui. Ela foi-se embora."

"Embora?", ecoou Thanos. "Quando?"

A serva estendeu as mãos. "Eu não sei. Ouvi uma das suas aias a falar sobre isso. Ela saiu para a cidade e não voltou."

Teria ela fugido? Teria ela conseguido sair dali sem a sua ajuda? A serva dela tinha dito que isso era impossível, mas teria Stephania encontrado uma maneira, ainda assim? Ele podia desejar que isso fosse possível, não podia?

Thanos ainda estava a pensar naquilo quando se apercebeu que a atividade em torno da forca tinha

parado. Ao olhar, foi fácil de perceber porquê. Estava concluída. Estavam guardas à espera ao lado da forca, obviamente a admirar a sua construção. Uma laçada estava pendurada, escura, contra a linha do horizonte. Uma roda de enrolar e um braseiro estavam próximos. Elevando-se sobre tudo aquilo estava uma grande roda, com correntes atacadas e um enorme martelo pousado no chão ao seu lado.

Ele via as pessoas a juntarem-se agora. Havia guardas num anel em torno dos limites do pátio, parecendo os dois como se estivessem ali para impedir que os outros interferissem e como se eles quisessem ver por si a morte de Thanos.

Lá em cima, a olhar pelas janelas, Thanos via servos e nobres, alguns a olhar para baixo aparentemente com pena, outros com rostos vazios ou com ódio absoluto. Thanos conseguia ver alguns até nos telhados a olharem para baixo, uma vez que não tinham conseguido encontrar outro local. Eles estavam a levar aquilo como se fosse o evento social do ano e não propriamente como uma execução. Ao ver aquilo, a cólera cresceu dentro de si.

"Traidor!"

"Assassino!"

As vaias desceram. Seguiram-se insultos e frutas atiradas das janelas. E essa era a parte mais difícil. Thanos tinha pensado que aquelas pessoas o respeitavam e que sabiam que ele nunca poderia ter feito o que tinha sido acusado de fazer, mas eles zombaram dele como se ele fosse o pior dos criminosos. Nem todos eles o insultaram, mas um número suficiente fê-lo. Thanos deu por si a perguntar-se se eles realmente o odiavam tanto assim, ou se apenas queriam mostrar ao novo rei e à sua mãe de que lado estavam.

Ele lutou quando eles se dirigiram a si, arrastando-o do seu cadafalso. Ele deu um soco e pontapeou, atacou e tentou libertar-se, mas não foi suficiente. Os guardas agarraram-lhe os braços, torcendo-os atrás das costas e amarrando-os.

Thanos parou de lutar, mas apenas porque queria ter *alguma* dignidade naquele momento.

Eles levaram-no, passo a passo, para a forca que tinham construído. Thanos subiu, sem resistir, para o banco que eles haviam colocado sob o laço. Se tivesse sorte, talvez a queda lhe partisse o pescoço, privando-os do resto do seu cruel desporto.

Eles colocaram-lhe a corda à volta do pescoço e ele deu por si a pensar em Ceres. Acerca de tudo o que poderia ter sido diferente. Ele tinha querido mudar as coisas. Ele tinha querido que as coisas melhorassem. Ele tinha querido estar com ela. Quem lhe dera...

Não havia tempo para desejos, porém, porque Thanos sentiu os guardas a afastarem o banco com um pontapé e a corda a apertar-se à volta do seu pescoço.

## **CAPÍTULO SEIS**

Ceres não se importava que o castelo fosse suposto ser o último e impenetrável bastião do Império. Ela não se importava que tivesse paredes como penhascos ou portas que poderiam resistir a armas de cerco. Aquilo terminava ali.

"Avançar!", gritou ela para os seus seguidores, e eles seguiram-lhe o rasto.

Talvez outro general tivesse liderado da retaguarda, planeando aquilo cuidadosamente e deixando que os outros corressem os riscos. Ceres não conseguia fazer isso. Ela queria dismantelar o que restava de poder do Império e ela suspeitava que metade da razão pela qual tantas pessoas a estavam a seguir era por causa disso.

Até havia mais pessoas agora do que tinha havido no Stade. As pessoas da cidade tinham saído para as ruas, a rebelião espalhava-se novamente, como brasas a dar combustível novo. Havia pessoas ali com roupas de estivadores e talhantes, cavaleiros e comerciantes. Agora até havia mesmo alguns guardas, com as suas cores imperiais rapidamente arrancadas ao verem a maré da multidão a aproximar-se.

"Eles estarão prontos para nós", disse um dos lordes de combate que estava ao lado de Ceres enquanto eles marchavam em direção ao castelo.

Ceres abanou a cabeça. "Eles vão nos ver a chegar. Isso não é a mesma coisa que estar pronto."

*Ninguém* poderia estar pronto para aquilo. Ceres não se importava quantos homens o Império tinha agora, ou o quão forte as suas muralhas eram. Ela tinha toda uma cidade do seu lado. Ela e os lordes de combate corriam pelas ruas, ao longo da avenida larga que ia dar aos portões do castelo. Eles eram a cabeça da lança, com o povo de Delos e o que restava dos homens de Lorde Oeste atrás deles numa maré de esperança e raiva popular.

À medida que se aproximava do castelo, Ceres ouvia, mais à frente, gritos e cornetas. Eram os soldados a tentarem organizar algum tipo de defesa que fizesse sentido.

"É tarde demais", disse Ceres. "Agora eles já não nos podem deter."

No entanto, ela sabia que havia coisas que eles conseguiriam fazer, ainda assim. Começaram a cair flechas das muralhas, não no mesmo número que tinha formado uma chuva tão mortal para as tropas de Lorde Oeste, mas ainda assim, mais do que perigoso para aqueles sem armadura. Ceres viu ao seu lado uma flecha apanhar um homem no peito. Uma mulher começou a gritar lá mais atrás.

"Aqueles com escudos ou proteção, cheguem-se a mim", chamou Ceres.

"Todos os outros, preparem-se para atacar."

No entanto, os portões do castelo já se estavam a fechar. Ceres teve uma visão dos seus seguidores como se fossem uma onda a ir contra o casco de algum grande navio. Ela não abrandou. As ondas também conseguiam inundar navios. Mesmo quando os grandes portões bateram simultaneamente num grande estrondo como um trovão, ela não parou. Ela só sabia que haveria mais esforço envolvido na derrota do mal do Império.

"Trepem!", gritou ela para os lordes de combate, embainhando as suas espadas gêmeas de forma a conseguir saltar para a muralha. A áspera pedra tinha apoios suficientes para as mãos para que qualquer um suficientemente corajoso as experimentasse e os lordes de combate eram mais do que corajosos para isso.

Eles seguiram-na. A sua constituição musculada puxou-os para cima da cantaria como se fosse algum

exercício de treino ordenado pelos seus mestres das espadas.

Ceres ouvia aqueles que estavam atrás dela a pedirem escadotes. Ela sabia que as pessoas comuns da rebelião acabariam por segui-la em breve. Porém, por enquanto, ela apenas se concentrava na sensação arenosa da pedra sob as suas mãos e no esforço necessário para se arrastar de um apoio para o outro.

Uma lança passou por ela, obviamente, atirada por alguém acima. Ceres encostou-se contra a muralha, deixando-a passar e, depois, continuou a subir. Ela era um alvo, enquanto estivesse na muralha, e a única solução era continuar.

Ceres sentia-se grata por eles não terem tempo suficiente para prepararem uma proteção contra a escalada, como por exemplo, óleo a ferver ou areia a queimar.

Ela chegou ao topo da muralha, e, instantaneamente, já lá estava um guarda para defender. Ceres ficou feliz por ser a primeira pessoa a chegar lá acima, porque só a sua velocidade a salvava, deixando-a alcançar e agarrar o seu adversário, puxando-o do seu poleiro no topo das ameias. Ele caiu com um grito no meio da massa fervilhante dos seguidores dela.

Ceres saltou para a muralha naquele momento, sacando ambas as suas espadas e golpeando para todos os lados. Um segundo homem atirou-se a ela e ela esquivou-se dando estocadas, sentindo a lâmina a afundar-se. Uma lança apareceu de um dos lados, rasante à sua couraça. Ceres golpeava com força brutal. Em poucos segundos, ela tinha esculpido um espaço livre na parte superior da muralha. Os lordes de combate invadiam o topo e preenchiam-no.

Alguns dos guardas que ali estavam tentavam contra-atacar. Um homem atacou Ceres com um machado. Ela baixou-se, ouvindo o baque quando o machado atingiu a pedra atrás de si. Em seguida, ela lançou uma das suas espadas para o intestino dele, andando, depois, à sua volta, dando-lhe pontapés

em direção ao pátio. Ela deteve um golpe com as suas espadas e empurrou outro homem.

Não havia guardas suficientes para defender a muralha. Alguns corriam. Os que vinham para a frente morriam. Um correu para Ceres com uma lança e ela sentiu um corte na perna ao mesmo tempo que se esquivava sem espaço. Ela golpeou por baixo para incapacitar o seu agressor e depois atravessou as lâminas na sua garganta.

A posição que ela havia conquistado no topo da muralha rapidamente se expandiu para algo parecido com uma frente de onda. Ceres encontrou degraus que levavam até aos portões e desceu-os quatro a quatro de cada vez, parando apenas para aparar um golpe de um guarda que esperava e contra-atacar com um pontapé que o atirou para longe. Enquanto o lorde de combate atrás dela saltou para cima do guarda, a atenção de Ceres estava nos portões.

Uma grande roda estava ao lado dos portões, obviamente ali para os abrir dado o seu tamanho. Havia quase uma dúzia de guardas junto aos portões num círculo, tentando protegê-los e mantendo fora a horda de pessoas que ali estava.

Havia mais guardas com arcos, prontos para abater qualquer um que os tentasse abrir.

Ceres avançou para a roda sem parar.

Ela empurrou com violência a armadura de um guarda, sacou da espada e baixou-se sob um segundo golpe. Ela atravessou a sua espada na coxa dele, ergueu-se rapidamente e abateu um terceiro. Ela ouviu uma flecha a ressoar na calçada, e atirou uma espada, ouvindo um grito ao acertar. Ela apanhou a espada de um guarda que estava a morrer, juntou-se novamente à batalha, e, num instante, os outros estavam com ela.

Nos momentos seguintes, foi o caos, porque os guardas pareceram entender que aquela era a sua última hipótese de manter fora a rebelião. Um avançou para Ceres com duas lâminas. Ela acompanhou-o a cada golpe, sentindo o impacto à medida que aparava cada um deles, provavelmente mais depressa do que a maioria dos outros ao seu redor conseguia seguir. Ela atacou entre os golpes, apanhando o guarda na garganta, continuando, mesmo antes de ele cair, para conseguir desviar um golpe de machado destinado a um lordes de combate.

Ela não os conseguia salvar a todos. À sua volta, Ceres via violência que parecia não acabar. Ela viu um dos lordes de combate que tinha sobrevivido no Stade a olhar para uma espada que lhe atravessava o peito. Ele puxou o seu atacante ao cair, atingindo-o com um golpe final da sua própria lâmina. Ceres viu outro homem a lutar contra três guardas. Ele matou um, mas ao fazê-lo, a sua lâmina ficou presa, e outro conseguiu esfaqueá-lo de lado.

Ceres avançou para ataque, abatendo ambos os que restavam. Em torno dela, a batalha para a roda da porta durou até a sua conclusão inevitável. E *ra* inevitável, pois confrontados com os lordes de combate, os guardas ali eram como milho descascado, à espera de ser cortado. Porém, isso não fazia a violência ou a ameaça menos real. Ceres esquivou-se de um golpe de espada, mesmo a tempo, e atirou o respetivo portador de volta para cima dos outros que lá estavam. Assim que o espaço ficou livre, Ceres colocou as mãos na roda e empurrou com toda a força que os seus poderes lhe deram. Ela ouviu o rangido das roldanas e o lento gemido das portas quando elas se começaram a afastar.

Imensas pessoas começaram a afluir na direção do castelo. O seu pai e o seu irmão foram dos primeiros a entrar, correndo para se juntar a ela. Ceres gesticulou com a sua espada.

"Espalhem-se!", gritou ela. "Tomem o castelo. Matem apenas aqueles que tiverem de matar. Este é um momento de liberdade, não de matança. O Império cai hoje!"

Ceres foi à frente da onda de pessoas, indo para a sala do trono. Em tempos de crise, as pessoas iam lá para tentar saber o que estava a acontecer, e Ceres imaginava que os responsáveis do castelo ficariam lá enquanto se atrevessem, tentando manter o controlo.

Em torno dela, ela viu a violência a irromper, impossível de conter, impossível de fazer mais do que abrandar. Ela viu um jovem nobre colocar-se à frente deles. A multidão caiu sobre ele, batendo-lhe com todas as armas que conseguiu apanhar. Uma serva pôs-se no caminho deles e Ceres viu-a a ser empurrada contra a parede e esfaqueada.

"Não!", gritou Ceres ao ver algumas das pessoas comuns ali começarem a agarrar tapeçarias ou a correr atrás de nobres. "Estamos aqui para acabar com isto, não para roubar!"

Porém, a verdade era que já era tarde demais. Ceres viu rebeldes a perseguirem um dos servos, enquanto outros agarravam os ornamentos dourados que enchiam o castelo. Ela tinha deixado uma onda lá entrar, e agora não havia esperança de a fazer voltar para trás apenas com palavras.

Um esquadrão de seguranças reais estava à frente das portas que davam para o grande salão. Eles estavam formidáveis nas suas armaduras de gumes dourados, gravadas com falsas musculaturas e imagens projetadas para intimidar.

"Rendam-se e não serão atacados", Ceres prometeu-lhes, esperando ser capaz de cumprir aquela promessa.

Os guarda-costas reais nem sequer pararam. Eles avançaram para atacar com as suas espadas desembainhadas, e, num instante, tudo ficou num caos novamente. Os guarda-costas reais estavam entre os melhores guerreiros do

império, com as suas habilidades afinadas em longas horas de treinos. O

primeiro a avançar para ela foi tão rápido que até mesmo Ceres teve de erguer a sua espada bruscamente para interceptar o golpe.

Ela reagiu de novo, com a sua segunda espada a deslizar em torno da arma do guarda-costas e enfiando-se repentinamente na sua garganta. Ao lado dela, ela conseguia ouvir os sons de pessoas a lutar e a morrer, mas ela não se atrevia a olhar ao redor. Ela estava muito ocupada a empurrar para trás outro adversário, atirando-o para a movimentada massa da confusão.

Naquele momento, só se abatiam corpos. Parecia que as espadas emergiam dos corpos, como se emergissem de qualquer grande piscina contorcida de carne.

Ela viu um homem esmagado contra as portas, o peso absoluto das pessoas atrás dele a esmagá-lo ali, à medida que Ceres era levada para a frente.

Ela esperou até se aproximar e, em seguida, pontapeou a porta do grande salão. As portas do castelo eram sólidas, mas aquelas abriram-se sob o poder do seu golpe, balançando para trás até chocarem contra as paredes de ambos os lados.

Dentro do grande salão, Ceres viu grupos de nobres, à espera, como se não tivessem certeza para onde ir. Ela ouviu vários dos nobres que ali estavam a gritar como se uma horda de assassinos tivesse descido sobre si. Do local onde eles estavam, Ceres imaginava que, provavelmente, não parecia assim tão diferente disso.

Ela viu a rainha Athena no coração de tudo, sentada no trono alto que deveria ter sido do rei, ladeada por um par dos maiores guarda-costas dali. Eles correram para a frente em uníssono, e Ceres entrou para ir ao seu encontro.

Ela fazia mais do que andar, ela deslizava.

Atirou-se para a frente, mergulhando sob as extensas lâminas dos atacantes, baixando-se e erguendo-se num movimento suave. Ela virou-se, atacando com ambas as suas espadas ao mesmo tempo, apanhando os guarda-costas com força suficiente para perfurar as suas armaduras. Eles caíram sem um som.

Um som ecoou sobre o som das lâminas a bater à porta: o som da rainha Athena a bater palmas com uma lentidão deliberada.

"Oh, muito bem", disse ela quando Ceres se voltou para si. "Muito elegante.

Digno de qualquer bobo da corte. Qual é que vai ser o teu próximo truque?"

Ceres não mordeu o isco. Ela sabia que não restava nada a Athena para além das palavras. Claro que ela ia tentar obter tudo o que conseguisse deles.

"A seguir, eu acabo com o Império", disse Ceres.

Ela viu a rainha Athena fixá-la com um olhar ao mesmo nível. "Contigo no seu lugar? Aí vem o novo Império, o mesmo que o antigo."

Tal atingiu-a mais do que Ceres teria gostado. Ela tinha ouvido os gritos dos nobres quando os rebeldes que estavam com ela se tinham espalhado como um incêndio selvagem através do castelo. Ela tinha visto alguns daqueles que eles haviam abatido.

"Eu não sou nada como tu", disse Ceres.

A rainha não respondeu por um momento. Em vez disso, ela riu-se, e alguns dos nobres acompanharam-na, obviamente, há muito acostumados a dar umas risadas juntamente com a sua rainha quando ela achava graça a algo. Outros pareciam muito assustados, encolhendo-se.

Ela sentiu a mão do seu pai no seu ombro naquele momento. "Não és mesmo nada como ela."

Porém, não houve tempo para pensar nisso, porque a multidão ao redor de Ceres estava a ficar agitada.

"O que vamos fazer com eles?", quis saber um dos lordes de combate.

Um rebelde forneceu uma resposta rápida. "Matem-nos!"

"Matem-nos! Matem-nos!" Tornou-se um cântico e Ceres conseguia ver o ódio a crescer na multidão. Parecia-se demasiado com o latido que tinha entrado no Stade, à espera de sangue. Exigindo-o.

Um homem deu um passo adiante, rumo a uma das mulheres nobres com uma faca na mão. Ceres reagiu por instinto, e daquela vez ela foi suficiente rápida. Ela foi de encontro ao suposto assassino, derrubando para longe. Ele olhou para Ceres em estado de choque.

"Já *chega!*", gritou Ceres, e o salão ficou em silêncio naquele momento.

Ela olhou para eles, envergonhando-os para que voltassem atrás, encontrando os seus olhares, independentemente de quem eles eram.

"Acabaram-se as mortes", disse ela. "*Acabaram-se.*"

"O que vamos fazer com eles, então?", quis saber um rebelde, apontando para os nobres. Ele era, obviamente, mais corajoso do que os restantes, ou apenas odiava mais os nobres.

"Nós prendemo-los", disse Ceres. "Pai, Sartres, podem tratar disso?"

"Certifiquem-se de que aqui ninguém mata ou prejudica ninguém?"

Ela podia adivinhar todas as maneiras que poderiam dar errado. Havia tanta raiva entre o povo da cidade e entre todos aqueles que o Império tinha injustiçado. Seria fácil que aquilo se transformasse no tipo de massacre digno de Lucious, com horrores nos quais Ceres nunca iria querer estar envolvida.

"E o que é que vais estar a fazer?", perguntou-lhe Sartes.

Ceres conseguia compreender o medo que ela ouviu naquela pergunta. O

irmão dela provavelmente tinha pensado que ela estaria ali para organizar tudo

aquilo, mas a verdade era que não havia ninguém em que Ceres confiasse mais do que nele para o fazer.

"Eu preciso de acabar de conquistar o castelo", disse Ceres. "À minha maneira."

"Sim", interrompeu a Rainha Athena. "Cobre as tuas mãos com mais sangue.

Quantas pessoas morreram até agora pelos teus denominados ideais?"

Ceres poderia ter ignorado aquilo. Ela poderia ter-se apenas afastado, mas havia algo na rainha que era impossível simplesmente ignorar, como uma ferida que não estava bem cicatrizada.

"Quantos morreram para que tu conseguisses tirar-lhes o que querias?", contrapôs Ceres. "Empenhaste-te tanto para derrubar a rebelião, quando poderias ter apenas *escutado* e aprendido alguma coisa. Magoaste tantas pessoas. Tu vais pagar por isso."

Ela viu o sorriso apertado da rainha Athena. "Sem dúvida, com a minha cabeça."

Ceres ignorou-a, começando a afastar-se.

"Ainda assim", disse a Rainha Athena: "Eu não estarei sozinha. É tarde demais para Thanos, querida."

"Thanos?", disse Ceres, e a palavra foi suficiente para detê-la. Ela virou-se para trás, para a rainha que ainda estava sentada no trono. "O que é que fizeste?"

Onde é que ele está?"

Ela viu o sorriso da rainha Athena aumentar. "Tu não sabes mesmo, pois não?"

Ceres sentia a sua raiva e impaciência a crescer. Não pela forma como a rainha a estava a provocar, mas pelo que poderia significar se Thanos estivesse verdadeiramente em perigo.

A rainha riu-se novamente. Daquela vez, ninguém se juntou. "Vieste até aqui, e nem sequer sabes que o teu príncipe favorito está prestes a morrer pelo assassinato do seu rei."

"Thanos não mataria ninguém!", insistiu Ceres.

Ela não tinha a certeza porque é que ainda o tinha de dizer. Certamente ninguém acreditava realmente que

Thanos pudesse alguma vez fazer algo assim!

"Ele ainda vai morrer por isso", respondeu a rainha Athena, com uma nota de tranquilidade que fez Ceres desatar a correr para agarrá-la, encostando-lhe uma lâmina à garganta.

Naquele momento, todos os pensamentos sobre acabar com a violência caíram esquecidos na sua mente.

"Onde é que ele está?", perguntou ela. "Onde é que *ele está*?"

Ela viu a rainha a ficar pálida. Uma parte de Ceres ficou feliz com isso. A rainha Athena merecia estar assustada.

"No pátio sul, à espera da sua execução. Estás a ver, não és diferente de nós."

Ceres atirou-a do trono para o chão. "Alguém que a leve daqui antes que eu faça algo que me arrependa."

Ceres saiu a correr do salão, forçando o seu caminho por entre os últimos vestígios de luta à sua volta. Atrás dela, ela ouviu a rainha Athena a rir-se.

"Estás demasiado atrasada! Nunca chegarás lá a tempo de o salvar."

## **CAPÍTULO SETE**

Stephania estava sentada a olhar para o horizonte, fazendo o seu melhor para ignorar os ressaltos do navio e tentando avaliar o momento em que ela teria de assassinar o capitão do barco.

Que ela teria o de fazer, não havia dúvida nenhuma. Felene tinha sido como um presente dos deuses, quando Stephania e a sua aia tinham encontrado o capitão em Delos. Felene tinha sido uma maneira de sair da cidade, e uma maneira de chegar a Felldust. Tudo enviado pela própria mão de Thanos.

Mas uma vez que ela era de Thanos, ela tinha de morrer. O próprio facto de que ela era suficiente leal para as transportar até tão longe significava que ela era demasiado leal para se confiar tendo em conta tudo o que Stephania pretendia fazer a seguir. A única questão agora era o momento.

Isso era um ato de equilíbrio. Stephania olhou para cima, vendo as aves marinhas que voavam por cima.

"Elas são um sinal de que estamos a aproximarmo-nos da costa, não são?", perguntou ela.

"Muito bem, princesa", disse Felene, tentando ensinar Elethe a pescar para fora da amurada na proa, estando um pouco mais perto do que ela precisava. A familiaridade do seu tom fez com que os ânimos de Stephania se crispssem, mas ela fazia o seu melhor para disfarçar.

"Então, estaremos lá em breve?"

"Mais um pouco e avistaremos terra", disse Felene. "Mais uma depois daquela, e chegaremos à aldeia dos pescadores, onde Elethe diz que vai encontrar pessoas do seu tio. Porquê? Ansiosa para parar de vomitar?"

"Ansiosa para fazer um monte de coisas", respondeu Stephania. Apesar de que colocar os pés de volta

em terra firme era uma delas. O enjoo matinal não se compadecia bem com o enjoo de mar.

Era apenas uma das razões que ela precisava para matar Felene mais cedo ou mais tarde. Mais cedo ou mais tarde, ela iria perceber que Stephania estava grávida, e isso não se encaixava com a versão que ela tinha contado sobre Lucious a ter forçado a beber a sua poção.

Quando é que ela iria adivinhar? Não poderia ter sido mais óbvio para Stephania que ela estava grávida agora, com o seu vestido a repuxar na sua barriga em expansão e o seu corpo a parecer transformar-se de tantas maneiras como a vida que crescia dentro de si. Ela colocou a mão na sua barriga automaticamente, querendo proteger a vida lá dentro e querendo que ela

crescesse e se tornasse forte. No entanto Felene continuava a passar o seu tempo com Elethe, tão facilmente distraída por um rosto bonito.

Isso era outra coisa a considerar na avaliação de quando agir. Sim, Stephania necessitava de esquecer aquele assunto o tempo suficiente para deixar que se aproximassem de terra, mas quanto mais tempo ela deixava passar, maior o perigo era de que a lealdade da sua aia pudesse ser testada. Tão útil quanto Felene poderia ser, Elethe seria muito mais útil quando fosse para encontrar o feiticeiro. Mais do que isso, a aia era *dela*.

Por enquanto, Stephania esperava, porque ela não queria ter de pilotar aquela banheira enquanto não havia terra à vista. Ela esperava e observava enquanto Felene ajudava a sua aia pousar um peixe que se debatia, decapitando-o com uma faca com um aspeto perversamente afiado. O facto de ela ter olhado, enquanto o fazia, só disse a Stephania que ela estava a ficar sem tempo.

Pensar no que a levava até ali fazia com que Stephania continuasse, fazendo-a ficar ainda mais determinada. Felldust tinha o feiticeiro que tinha matado Anciãos. Felldust iria proporcionar-lhe uma maneira de derrubar Ceres. Depois disso... depois disso, ela poderia lidar com Thanos, forjando o seu filho na arma que ela precisava.

"Não era preciso chegarmos a isto", disse Stephania, de pé para conseguir olhar ao longe sobre a amurada.

"De que é que estás a falar, princesa?", perguntou Felene.

"Eu perguntei se aquilo ali era terra?", perguntou Stephania.

Era, o pó preto da costa erguendo-se na borda do horizonte. Ao início, era apenas uma linha fraca acima das ondas, elevando-se como um pouco de sol rochoso até começar a preencher a visão de Stephania.

"Sim", disse Felene, movendo-se para a amurada e olhando ao longe. "Em breve vais estar sã e salva em terra, princesa."

A mão de Stephania mergulhou para dentro da sua capa. Com o infinito cuidado conhecido apenas por aqueles que trabalhavam com venenos, ela escondeu um dardo na mão. "Felene, há algo que eu te quero dizer desde que partimos."

"O que é, princesa?", perguntou Felene com um sorriso zombeteiro.

"É simples", disse Stephania com um sorriso muito próprio. "Não *não* me chames de princesa!"

A sua mão brilhou ao redor, com o dardo a brilhar ao sol enquanto ela se dirigia para a pele exposta do rosto de Felene.

Stephania sentiu uma dor a explodir no seu pulso, não tendo percebido de imediato que Felene lhe tinha levantado o cotovelo para cima, deixando o seu

braço colidir com o dardo. A mão de Stephania abriu-se num pasmo e o dardo caiu para o lado.

Naquele momento, Felene já havia esbofeteado Stephania, com tal força que ela cambaleou e a dor queimava-lhe a bochecha. Aquela não era a estalada delicada nem feminina de uma miúda nobre. Era um golpe de marinheiro. Era uma estalada pesada e tinha atirado Stephania com força para as tábuas do convés.

"Achas que eu sou idiota?", quis saber Felene. "Achas que eu não sei que tens andado a tramar isto desde que saímos?"

"Eu...", começou Stephania, mas o barulho nos seus ouvidos não a deixava continuar.

"Tens sorte em estares grávida de Thanos, senão eu dava-te de comer aos tubarões agora!", disse de repente Felene. "Oh sim, eu detetei os sinais! E agora estou a debater se te vou vender a um traficante de escravos, matar-te sem qualquer reserva assim que a criança de Thanos nasça, ou apenas considerar isto tudo como um mau negócio e partir de volta para Delos!"

Stephania começou a levantar-se e Felene empurrou-a de volta para baixo.

"Oh não, princesa, podes ficar onde estás. É mais seguro para todos nós que assim seja, até que eu encontre corda suficiente para te amarrar ao mastro."

Stephania olhou então para Elethe disfarçadamente, lançando-lhe o mais suave dos acenos, esperando que fosse suficiente.

E foi. A aia desembainhou uma curta lâmina curva e saltou para a frente.

Porém, parecia que Felene também estava pronta para isso, porque ela girou e aparou o primeiro ataque, com a sua própria faca na mão novamente.

"Que pena", disse Felene. "Nós poderíamos ter-nos divertido imenso. Eu sobrevivi à Ilha dos Prisioneiros. Achas que eu não dou conta de ti?"

Stephania teve de se sentar e admirar a luta que se seguiu por um momento, e não apenas porque a sua cabeça ainda estava à roda por causa da estalada de Felene. Normalmente, ela não tinha tempo para o jogo de espadas, ou para as habilidades cuidadosamente afinadas dos guerreiros. Estas duas, no entanto, faziam as suas facas dançar ao sol enquanto lutavam, com as suas mãos a prenderem os braços uma da outra, à procura de ângulos. Stephania viu Felene a dar um pontapé baixo e depois a esquivar-se de um golpe. Ela aproximou-se de Elethe, lutando com ela, enquanto ambas procuravam enfiar as espadas.

Foi quando Stephania se levantou, puxou da sua própria faca e enfiou-a nas costas de Felene.

Stephania viu-a cair de joelhos. Quando Felene colocou a mão sobre a ferida, a sua expressão foi de surpresa. A faca dela caiu no convés quando ela abriu os dedos.

"Eu não estava de todo na Ilha dos Prisioneiros", disse Stephania. "Qual de nós é que isso faz a mais inteligente?"

Felene virou-se para ela, mas Stephania percebeu que até mesmo isso era um esforço para ela. Stephania sorriu para Elethe.

"Bom trabalho. A tua lealdade será recompensada. Agora, devemos cortar a sua garganta e atirá-la para a água. Não podemos aparecer em Felldust arrastando um corpo conosco, e, depois de tudo o que ela fez, eu tenho a certeza que vais querer vingança."

Stephania viu Elethe hesitar antes de assentir com a cabeça, mas isso era de se esperar. Nem todos conseguiam ser tão práticos como ela com estas coisas.

Stephania conseguia entender isso, e Elethe já tinha mais do que provado a sua lealdade. Talvez ela devesse fazê-lo sozinha. Afinal, Felene já não estava armada.

Stephania deu um passo adiante.

"Até me bateres, isto não era pessoal", disse ela. "Era simplesmente necessário. Agora... sabes que há um veneno que eles usam em algumas das terras do sul, que mata por parar todos os músculos? Na dose certa, ele não mata, simplesmente deixa as pessoas imóveis. Devo dar-te o veneno antes de te atirar para a água?"

Ela deu outro passo e viu Felene a tentar levantar-se. Isso não importava; com a ajuda de Elethe, ela seria fácil de dominar novamente.

"Não, eu devo-te mais do que isso por nos trazeres até aqui. Que seja a garganta cortada."

Ela viu Felene a ficar tensa, como se estivesse pronta para se atirar para a frente numa última explosão de violência. Stephania preparou-se, recuando enquanto se preparava para o ataque de violência.

Naquele momento, a marinheira fez a única coisa para a qual Stephania não estava preparada. Ela atirou-se para o lado, sobre a amurada do barco. Stephania ouviu os salpicos quando ela caiu na água, e viu a espuma das ondas a elevar-se o suficiente e a salpicar o convés.

Stephania correu para a amurada, com Elethe ao seu lado, olhando para baixo com uma expressão de preocupação que fez com que Stephania ficasse satisfeita por, afinal, não ter cortado a garganta de Felene, já que isso poderia ter sido demasiada pressão para a sua aia.

"Eu sei que é difícil", disse Stephania, colocando uma mão no ombro de Elethe. "Mas, às vezes, essas coisas devem ser feitas. E tu saíste-te bem. Estou orgulhosa de ti."

"E quanto a Felene?", perguntou a sua aia. "Achas que devemos esperar e ver se ela sobrevive?"

Havia ali uma nota de esperança que Stephania precisava anular rapidamente. "Ouviste-a dizer que havia tubarões. O ferimento foi profundo e estamos longe da costa. Está feito."

Ela viu a sua aia acenar.

"Boa, Elethe", repetiu Stephania. "Tens sido a mais leal de todas as minhas servas."

Ela precisava de lembrar a sua aia de quem ela era, mas por agora, havia preocupações mais prementes.

"Nós ainda precisamos de encontrar uma maneira de levar este barco até a costa", disse Stephania. "E depois temos de encontrar o feiticeiro."

"Eu aprendi muito sobre como dirigir o barco durante o tempo que estivemos no mar," Elethe assegurou-lhe. "Felene estava ansiosa para me mostrar."

Aquilo provavelmente não tinha sido tudo, mas agora já tinha acabado. A marinheira estava morta. Elas estavam quase em Felldust, e depois disso, era apenas uma questão de tempo antes de eles encontrarem o feiticeiro.

Finalmente, as coisas estavam a correr bem, especialmente agora porque a sua aia realmente parecia saber como dirigir o barco, levando-o infalivelmente na direção do continente. Tudo o que Stephania tinha de fazer era ficar sentada na popa do barco, deixando Elethe fazer o trabalho.

Stephania sorria enquanto observava o sangue a flutuar na água atrás delas, imaginando os tubarões a juntarem-se.

## **CAPÍTULO OITO**

Um rei deveria ter sido recebido por trompetistas, arautos e pompa. Em vez disso, havia apenas o barulho da doca do Porto do Sotavento quando os marinheiros o atiraram para lá.

Lucious gemeu, apanhado entre a dor e a raiva, quando bateu na madeira.

"Eu sou um rei!", choramingou Lucious. "Um rei!"

Eles não pareciam estar a ouvir, mais do que tinham estado no navio. Talvez fosse melhor assim.

Lucious levantou-se em esforço, ignorando a dor que isso lhe provocava.

Ele conseguiu olhar em volta para a capital de Felldust, o Porto do Sotavento. Mal parecia valer o esforço. Ele tinha ouvido uma vez que Felldust tinha começado como uma terra verde, agradável, até mesmo gloriosa, exuberante com vegetação e rica com flores delicadas.

Que tinha mudado durante as guerras envolvendo os Anciãos. Agora, ainda havia bolsos de beleza e um terreno fértil permanecia, mas uma grande parte do reino era um lugar de pó a mover-se, de areia a arder, de cinza negra e de desolação. O reino atual tinha crescido entre os destroços, construído como alguém poderia ter construído um abrigo na sequência de um naufrágio.

Tinha-se transformado num dos mais importantes aliados e parceiros comerciais do Império. Lucious estava a contar com isso. Era do interesse de todos que o rei de Felldust o ajudasse a recuperar o que era dele.

*Não um Rei, o Primeiro Pedregulho.*

"Eu sei disso", murmurou Lucious para si mesmo. Ele tinha pensado que seria capaz de silenciar os intermináveis subterfúgios e a embirração do seu pai, matando-o. As suas memórias, ou a sua imaginação, ou, possivelmente, os deuses, pareciam, porém ter outras ideias.

Ele conseguia lembrar-se das lições intermináveis que o seu pai o tinha obrigado a ouvir de Cosmas no salão de aprendizagem. Todas aquelas horas que ele tinha sido forçado a passar a aprender os costumes e estruturas políticas de outras terras, como se todos os lugares, com exceção do Império, realmente importassem. Agora, era irónico que algumas daquelas lições pudessem ter valido a pena.

Lucious olhou para a cidade e tentou lembrar-se das suas lições. O Primeiro Pedregulho, Irrien, era o líder simbólico de um conselho de ministros instituído para governar Felldust, que já tinha crescido para fora da alçada dos Anciãos. Na prática, o Primeiro Pedregulho era um rei não oficial, mesmo se os outros

pedregulhos do conselho conspirassem em torno dele e exercessem os seus poderes como quisessem. O poder exato do Primeiro Pedregulho limitava-se à sua capacidade de contornar as voltas e reviravoltas da política de Felldust através do poder, violência e carisma.

Pelo que Lucious tinha ouvido falar, Irrien era altamente carismático, levando consigo o povo do reino com discursos e gestos simbólicos, liderando o resto do conselho facilmente. Se Lucious conseguisse obter o seu auxílio, o resto iria ao lugar. Pelo que Lucious tinha ouvido falar, os nobres de Felldust tinham vidas repletas de luxos raros, alimentadas por diamantes escavados das profundezas das cinzas negras e artefactos recuperados das antigas ruínas da terra, vendidos pelos comerciantes que dirigiam caravanas a eles ou a forjadores que trabalhavam em fundições nas cidades.

Ele iria ter o seu império de volta. Os pontos onde ele havia sido pontapeado doíam-lhe como fogo. Ele necessitaria de uma bebida forte para a suavizar. Mas havia outras dores também. Ainda lhe doía ter sido forçado a fugir, ver a rebelião de alguma forma a bater de volta nos soldados que ele tinha enviado para os matar no Stade. Doía-lhe ter sido forçado a roubar as roupas de alguns camponeses, vestindo-as sobre as suas para se conseguir esgueirar da cidade sem ser visto.

*E se não estivesse ocupado a matar-me, também lá terias estado.*

A verdade daquilo atingiu Lucious quase mais do que o resto. Ele tinha querido estar lá para assistir à destruição dos lordes de combate, mas se o seu pai não o tivesse chamado, Lucious provavelmente teria sido morto. O seu pai tinha-o salvado por acaso, e Lucious tinha estado ocupado a esmagar-lhe o crânio.

Lucious supôs que deveria ter ficado grato, mas, naquele momento, só conseguia pensar em quanto ele queria de volta o que lhe havia sido tirado.

Porém, ele ia recuperá-lo, assim que encontrasse o seu caminho através daquela patética cidade. Lucious tentou perceber o sentido da cidade e, depois, decidiu que Porto do Sotavento não fazia qualquer sentido. A cidade estava numa curva no sotavento da encosta de um penhasco como se encolhida ali contra a poeira. Havia partes da cidade onde isso parecia ter funcionado, mas a maior parte parecia manchada de areia e enegrecida, corroída em retalhos pelo que as pedras dos edifícios pareciam perfuradas. O mármore branco de edifícios mais ricos parecia-se com os ossos de algum leviatã encalhado, furando

através da carne podre do resto.

Deveria estar ali uma carruagem à espera dele. Ele não deveria ter de encontrar o seu caminho através de toda aquela confusão. O Primeiro Pedregulho, ele próprio, deveria ter estado lá à espera nas docas que Lucious chegasse.

"Ele teria estado se soubesse", disse Lucious.

*A sério? Tu sabes mais sobre Irrien do que isso.*

Parecia que ele não tinha sido capaz de deixar a voz do seu pai lá atrás no navio. Lucious fez o possível para ignorá-lo. Ele iria caminhar para o castelo, exigir ver o Primeiro Pedregulho e teria tudo o que lhe era devido.

*É melhor não teres esperança, pois isso inclui um machado de carrasco.*

Lucious foi em passos largos para a cidade, não se importando por não ter indicações, ou um guia, ou qualquer outra coisa. O palácio dos cinco pedregulhos era bastante óbvio, de pé como uma torre de cinco lados no centro da cidade. Desde que ele o mantivesse sob vista, seria suficientemente fácil de encontrar.

Dez minutos mais tarde, ele teve de admitir que não tinha sido a melhor das estratégias.

*Sempre tiveste inclinação para te precipitares sem pensares.*

"A culpa não é minha!", disse, de repente, Lucious. "É esta cidade abandonada pelos deuses!"

Ele pensava que Delos era emaranhada e complexa. Mas comparada à capital de Felldust, porém, era praticamente uma pequena aldeia. Porto do Sotavento era um labirinto, cheio de pessoas a balbuciar, que pareciam determinadas a levar as suas vidas cheias de vermes nas ruas. Quanto ao nome... que tipo de cidade tinha o seu nome baseado puramente na sua capacidade de manter afastado o vento e a poeira?

*Uma com muita poeira.*

"Eu vou encontrar uma maneira de te tirar da minha cabeça", prometeu Lucious. "Eu matei-te. Eu não vou arrastar-te comigo às voltas como um fantasma."

Por enquanto, porém, a voz que persistia na sua mente parecia ter razão. O

vento soprava poeira, fazendo com que Lucious tossisse enquanto caminhava pelas ruas, à procura de um caminho para a torre.

Os moradores da cidade não pareciam importar-se com a poeira, ou pelo menos a poeira não parecia atrapalhá-los. Na rua eles limitavam-se a usar lenços contra a poeira, gritando, cantando e regateando tão alto quanto o fariam num dia límpido. Lucious via escravos a varrerem a poeira das portas, com largos chapéus a manterem a poeira acabada de cair afastada das suas roupas.

Mais à frente, ele viu dois homens a discutir na rua por causa de uns dados.

Lucious contornou-os no exato momento em que uma lâmina brilhou. As pessoas mal olhavam enquanto

os dois homens lutavam. Havia mais discussões

noutras partes da rua, já que os negócios na cidade pareciam ter lugar a dois volumes: ou num silêncio furtivo ou aos gritos a plenos pulmões.

Ao princípio, Lucious pensava estar a caminhar por uma área particularmente difícil da cidade, mas um segundo olhar disse-lhe que Porto do Sotavento era mais complexo do que isso. A rua onde ele estava parecia ter casas de jogo e bordéis situados ao lado de comerciantes e casas, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo. Em consonância com a determinação da cidade em realizar todos os seus negócios nas ruas, Lucious via prostitutas ali a tentarem seduzir para o negócio e trabalhadores das tabernas a venderem o que pareciam ser ricas bebidas espirituosas, levando-as através da multidão e esquivando-se sem problemas das tentativas para as agarrarem.

Aqui e ali, Lucious vislumbrava sinais de figuras mais ricas. Palanquins transportados por escravos reluzentes corriam pelas ruas, com cortinas nas laterais que se contraíam ocasionalmente para os ricos conseguirem espreitar para fora. Eles podiam até ser nobres, embora em Felldust, fosse mais complicado do que isso. Tendo dinheiro suficiente para subornar as pessoas certas e acolher os partidos certos, não importava o sangue que se tinha. Lucious não tinha certeza se gostava disso.

Porém, havia imensas coisas para se gostar no resto da cidade, decidiu ele ao observar os atores mascarados a representar um drama obscuro na rua. Foi só quando Lucious sentiu uma mão a mexer na sua bolsa que ele percebeu que haveria coisas más nisso também.

"Volta aqui!", gritou ele, desatando a correr atrás da fugidia figura de uma jovem mulher. Ele apanhou a carteirista suficientemente depressa e ela ainda tinha a sua bolsa, mas isso não significava que ele a fosse deixar sair impune por o ter tentado roubar. Não, ele iria ensinar uma lição à miúda e anunciar ao mundo que ele estava ali!

*Isto é uma má jogada.*

"Cala a boca!", disse, de repente, Lucious enquanto corria.

Ele virou numa esquina, saltou para um beco empedrado e deu de frente com três grandes homens. Naquele momento, Lucious deu por si a amaldiçoar Felldust, lembrando-se de tudo o que tinha ouvido falar sobre os seus gangues criminosos, as suas alianças de assassinos e traficantes de escravos. Em Delos, o poder dos reis tinha feito com que tais coisas estivessem desorganizadas, mesmo existindo. Em Felldust, o sistema de um conselho governante fazia com que essas coisas fossem apenas mais uma ferramenta para as fações utilizarem.

Um dos homens disse-lhe qualquer coisa num língua que ele não compreendia. Ele repetiu, apontando enraivecido.

"Di-lo numa língua civilizada, seu tolo" disse Lucious, "ou sai do meu caminho."

Um dos outros dos homens respondeu. "Ele disse para nos dares o teu dinheiro, Imperial, ou morres."

*Não sejas tolo, avisou-lhe a voz do seu pai.*

Isso foi o suficiente para estimular Lucious à ação. Ele deu um passo para a frente, tirando a sua espada

da bainha e esfaqueando num só movimento. Não apanhou o maior deles nitidamente, mas foi mais do que suficiente para fazer com que o homem uivasse de dor.

Em seguida, ele correu de volta através das multidões, empurrando as pessoas para se desviarem. Correndo a toda a velocidade, ele ouvia o som de sandálias atrás de si. Ele saltou ao passar por um poço coberto, correu por uma rua lateral e empurrou um portador de palanquim e tudo aquilo caiu à frente daqueles que o seguiam. Ele escolheu uma direção aleatoriamente, mergulhou para dentro de uma loja que vendia estátuas e escondeu-se atrás de uma escultura de ninfas reclinadas até ter a certeza de que a perseguição tinha passado.

Que cidade. Não havia nada que não acontecesse ali? Lucious rapidamente teve uma resposta ao continuar a atravessar a cidade. Ele viu lojas onde o cheiro de incenso flutuava para a rua e pessoas a saírem de lá a cambalear com olhos que pareciam não serem capazes de fixar este mundo. Ele viu vendedores de rua a tentarem manter a poeira fora da carne que não era de nenhum animal que ele conhecesse.

Lucious passou por um mercado, onde os comerciantes pareciam felizes por vender lâminas perversamente afiadas ao lado de legumes e escravos ao lado de sedas. Lucious viu o que parecia ser um nobre a passear pelas barracas, uma mulher que claramente não era a sua esposa agarrada ao seu braço enquanto um casal de escravos corpulentos seguia atrás.

"Tu aí!", gritou Lucious, aproximando-se, porque, finalmente estava ali alguém que talvez o pudesse ajudar.

O comerciante, ou o que quer que ele fosse, continuava a tagarelar com a sua cortesã, rindo, enquanto ela experimentava uma seleção de joias. Falsas ou de vidro, aos olhos de Lucious.

"Eu estou a falar contigo", disse Lucious, avançando para colocar a mão no ombro do outro homem. Não chegou lá. Um dos homens que estava com ele agarrou-lhe o pulso com tal força que Lucious estremeceu com dores.

"Sim", disse o comerciante, voltando-se para ele e respondendo num tom Imperial acentuado. "Estás. Porém, porque é que eu iria querer ouvir alguém com o teu aspeto?" Ele acenou para os seus homens e disse algo na linguagem da cidade. Lucious não entendia, mas podia imaginar.

*Ele vai mandar espancar-te e atirar-te para a sarjeta. Onde pertences.*

"Não te atrevas", disse Lucious, com um toque de raiva. "O meu nome é príncipe Lucious do Império. *Rei* Lucious. Se me tocares é um ato de guerra! Eu vim até ti para pedir uma escolta até ao castelo. Se não tens a cortesia de me ajudar..."

"Oh, um louco, é?", disse o comerciante. "Bem, nós temos muito mais loucos para nos divertirem aqui do que tu em Felldust. Temos bobos sagrados e contadores de histórias, homens que vão tentar vender-te a lua e homens que vão uivar para ela."

Ele gesticulou para os homens novamente, mas a cortesã que estava com ele disse algo com uma risada. Tal arrancou um sorriso do comerciante que não alcançou os olhos dele.

"Parece que a minha companhia tem um coração mole. Queres orientações?"

Ele fez um gesto movendo o braço. "Há a torre dos cinco pedregulhos. Eu sugiro que te apresses até lá."

*Vais apunhalá-lo? Mostrar ao mundo exatamente o que és?*

Lucious conteve a sua raiva, até porque ele não iria sobreviver se fizesse qualquer tipo de movimento. Mais do que isso, algures atrás dele, ele pensou ter visto um movimento que envolvia um rosto que ele tinha visto antes. Parecia que os homens do beco ainda estavam à procura dele.

Então, ele partiu novamente, na esperança de conseguir dar com o caminho.

Aquela cidade não era o que ele tinha imaginado quando lá tinha chegado.

Talvez melhorasse quando Irrien lhe desse tudo o que devia ser dele.

Lucious fez o seu caminho pelas ruas, tentando focar-se na torre novamente, embora os seus olhos continuassem a ser atraídos para baixo, para o nível do solo. O comerciante estava certo sobre os loucos. Ele via-os nas esquinas, e ouvia-os também, a gritarem declarações religiosas ou políticas, ou fragmentos de filosofia em línguas que provavelmente tinham inventado no local.

Ao se aproximar, Lucious teve de se comprimir a dos lados da rua, a fim de evitar um homem que estava simplesmente de pé, a girar no meio da estrada, com uma longa lâmina nas suas mãos. Ninguém parecia se importar.

"Louco, este lugar é louco", disse Lucious.

*Bem, tu não estás propriamente em posição de comentar.*

Demorou quase mais outra hora a chegar à torre. A distância real que Lucious percorreu teria sido pequena se tivesse seguido o percurso do voo de um corvo, mas, em vez de linhas retas, Lucious deu por si em círculos e ziguezagues pelas ruas. Nenhuma parecia ir para onde ele pretendia. E não era isso apenas uma metáfora para toda a sua existência explosiva?

Finalmente, ele chegou ao pé da torre, que se estendia na direção do céu radioso em cinco colunas de pedra escura. Janelas e varandas pontilhavam-nas, mas todas elas tinham proteções contra a poeira, fazendo-as parecer ainda mais proibitivas e seladas do que eram. Lucious não conseguia adivinhar quantos pisos havia lá dentro. Certamente alguns já que ele teve de esticar o pescoço para ver o topo.

Havia guardas ao lado das grandes portas da torre, vestidos com armaduras escuras da cor do pó, contrabalançadas por manchas estranhas que mais pareciam cristal e não metal, provavelmente extraído diretamente das falésias.

As suas máscaras faziam com que, de certa forma, não parecessem humanos, com características de bestas a substituírem as suas próprias.

Um guarda ordenou algo na língua local. Lucious estava ali, tentando parecer tão impressionante quanto conseguia em roupas manchadas de viagem.

"Eu sou o rei Lucious do Império!", declarou ele, em voz suficientemente alta para que eles possivelmente o conseguissem ouvir lá dentro. "Eu vim aqui para procurar a ajuda dos nossos aliados, o povo de Felldust. Eu exijo uma audiência com o Primeiro Pedregulho."

Ele ficou ali, assim como os guardas, que estavam inclinados sobre grandes machados como se não pretendessem mexer-se nunca mais. Eles definitivamente não se mexeram para abrir a porta.

"Não me ouviram?", ordenou Lucious. "Vocês não sabem quem eu *sou*?"

Lucious considerou atacá-los com a sua faca curta, mas até mesmo ele não era suficientemente suicida para isso. Ele ficou lá a olhar para eles. E de alguma forma, impossivelmente, funcionou.

A grande porta de pedra à frente dele abriu-se, e uma figura com uma túnica coberta de poeira saiu.

"Príncipe Lucious", a figura pronunciou devagar. "O Primeiro Pedregulho vai vê-lo agora."

## CAPÍTULO NOVE

Ceres corria pelos corredores do castelo, alimentada pela sua necessidade de chegar a Thanos antes que o perdesse para sempre. O medo impulsionava-a; ela não podia ganhar uma cidade e perder o homem de quem gostava.

Ceres corria. Ela não parou quando um par de guardas se atravessou no seu caminho com lanças apontadas a si. Em vez disso, ela fez-se deslizar, golpeando ao passar por um guarda, colocando-se novamente de pé com um salto e continuando a golpear à altura da garganta enquanto continuava a correr. Ela ergueu a espada para outro golpe quando uma figura apareceu numa esquina em frente a si, parando mesmo a tempo ao se aperceber que era um servo e não um guarda.

"Onde é que eles estão a executar Thanos?", perguntou Ceres.

"No pátio s-sul. Por ali. No terceiro corredor. Por favor, não me magoes."

"Eu não te vou magoar. Vai para o grande salão. O meu pai e o meu irmão vão manter-te em segurança."

Pelo menos, ela assim o desejava. Ceres já tinha visto tanta gente morrer naquele dia.

O servo podia ter começado a agradecer-lhe, mas Ceres já estava a correr novamente. Ela correu até um lance de escadas. Outro guarda deu um passo à frente dela. Desta vez, era um guarda-costas real. Ele empurrou-a com uma espada curta. Ceres aparou o golpe, e, naquele momento, o poder dentro de si ergueu-se em resposta, atacando-o para o desviar do seu caminho, com pedra já a rastejar por cima da pele dele.

Ceres derrapou na terceira curva. A velocidade a que ela se movia fazia-a deslizar no mosaico gasto do chão. Ela aguentou-se sem cair e manteve-se em movimento, sabendo, por instinto, que estava no lugar certo. Havia muitas pessoas ali reunidas para que pudesse ser qualquer outra coisa.

Eles estavam nas janelas e nas portas. Havia servos e nobres, até mesmo alguns guardas, embora eles parecessem estar mais preocupados em olhar do que em tentar defender o castelo.

Um deles olhou em volta quando Ceres se aproximou e, depois, atacou.

Ceres desviou-se para o lado, empurrando-o e pondo-se atrás dele.

"Thanos", disse Ceres. "Onde é que ele está?"

O guarda apontou para a janela mais próxima. Ceres atirou-lhe a cabeça contra o chão, deixando-o inconsciente. Ela correu para a janela, ignorando o resto das pessoas que lá estavam, e olhou.

Ela estava acima do nível do chão agora, olhando para o pátio. O que ela viu ali tirou-lhe o fôlego.

Estava uma força na outra extremidade do pátio, rodeada de carrascos e guardas. Lá, estava pendurado Thanos, com os braços amarrados atrás das costas e as suas pernas aos pontapés enquanto tentavam encontrar um ponto de apoio no ar. O seu rosto estava vermelho com a necessidade de obter oxigénio, embora não tão vermelho como as brasas que ardiam ao seu lado, obviamente à espera de algum destino pior.

E as pessoas estavam ali a olhar, incapazes ou sem vontade de agir. Ceres não ficaria ali. Ela não conseguia, pelo que ela fez a única coisa que podia. Ela dirigiu-se para a borda da janela e saltou.

A pedra do pátio veio até ela mais depressa do que Ceres esperava, fazendo com que os seus joelhos trepidassem ao atingir o chão. Ela rebolou, colocando-se de pé com as suas armas nas mãos.

Os carrascos e guardas já estavam a reagir, girando e puxando das suas armas. Ceres entrou em cena para ir ter com o primeiro, aparando o balanço de um ferro quente e batendo-lhe com o cotovelo no rosto para o derrubar.

Outro veio na direção dela com um machado de carrasco. Ceres desviou-se do primeiro movimento descendente do machado e, em seguida, saltou quando homem o balançou. Ceres pulou por cima dele, empurrando-o para baixo, com as suas espadas a atingirem-lhe a clavícula.

Ela virou-se no momento em mais adversários se preparavam para lutar, mas não havia *tempo* para uma batalha prolongada. Thanos não tinha assim tanto tempo. Ela tinha de salvá-lo, mas os carrascos estavam entre ela e o local onde ele ainda estava suspenso pela corda à volta do pescoço.

Ceres hesitou, tentando avaliar o peso da sua espada; em seguida, atirou-a como um disco, duro e verdadeiro. Ela viu-a a cortar a corda que estava a pendurar Thanos, deixando-o cair para o cadafalso. Ela teria corrido para ele naquele momento, mas os carrascos e os guardas estavam sobre ela.

Uma espada foi na direção do rosto de Ceres. Ela conseguiu detê-la por pouco. Um ferro quente roçou o braço da sua espada e ela teve de lutar para não deixar cair a arma que segurava. Ceres atacou com a sua lâmina, sentindo-a a picar no alvo. Em seguida, ela atacou com o poder que vivia dentro de si. Um carrasco transformou-se em pedra com um espigão para esventrar pronto a atacar, e Ceres afastou-se.

Eles continuavam a chegar e, apenas com uma lâmina, era difícil, até mesmo para Ceres mantê-los sob controlo. Ela abateu um guarda e afastou-se a rodopiar de um segundo, mas um golpe de um martelo pesado atingiu-a, desequilibrando-a.

Por um momento, Ceres cambaleou. Aquele instante foi tudo o que um dos guardas necessitou para atacar.

Ele pulou para a frente, forçando Ceres a defender-se, e, quando ela bloqueou o golpe, o guarda deu-lhe um pontapé, fazendo-a cair. Ele colocou-se sobre ela...

... e, em seguida, a sua cabeça voou quando Thanos entrou no espaço que ele tinha deixado. Ele estendeu a mão para Ceres. A mão dele ainda tinha fragmentos de corda amarrados à volta e o seu pescoço ainda tinha o nó da força pendurado. Ceres deu-lhe a mão, simplesmente grata por sentir que ele estava realmente ali a ajudá-la a levantar-se. Que ele estava realmente vivo, não morto.

Então, eles ficaram costas-com-costas. Se tivesse havido mais tempo, Ceres poderia ter dito qualquer coisa. Poderia ter-se agarrado a ele com força só pela sua gratidão de o ver vivo, e com amor e muito mais. Mas não havia tempo. Os guardas ainda estavam a chegar, e eles tinham de estar prontos para os receber.

Ceres defendia e atacava, golpeava e desviava-se, tentando atirar os guardas uns contra os outros, apanhando um machado com a mão esquerda quando um caiu das mãos de um guarda que estava a morrer. Normalmente, ela teria saltado e rodopiado, feito o seu caminho a dançar através da violência e nunca ficando num ponto.

Agora, porém, ela estava ali, dando conta dos guardas quando eles se dirigiam a si. Ela aparou o balanço de uma espada com armas cruzadas, contra-atacou com o machado que segurava e estocou com a sua espada ao mesmo tempo.

Ela não se virava para ver que ameaças poderiam estar por trás de si. Ela tinha de confiar que Thanos seria capaz de a proteger. E ela confiava. Mesmo cercada por lordes de combate no Stade, ela não se sentia assim tão protegida como ali, e ela estava determinada a garantir que nenhum guarda conseguia passar para ferir Thanos.

Um lanceiro correu na direção deles e Ceres movimentou-se para se colocar entre o homem e Thanos. Ela enganchou o eixo da arma dele no seu machado, puxando a lança das suas mãos enquanto o abateu.

"Tenta ir para o cadafalso", gritou Ceres para Thanos.

"Estou mesmo atrás de ti", ele assegurou-lhe.

Eles foram juntos para o cadafalso, subindo para a plataforma que ali se encontrava. Ceres aniquilou um guarda que tentou atacar Thanos enquanto ele subia para lá. Depois, ficou lado a lado com ele, enquanto os guardas andavam de um lado para o outro abaixo deles. Ceres pontapeou um guarda de volta para a multidão quando ele tentou escalar para ir atrás deles, e viu Thanos a cortar o braço de um carrasco quando ele atacou.

Eles estavam lado a lado. Ceres deu por si à espera da onda de ataque seguinte. Porém, Ceres não queria esperar. Ela saltou para o meio dos homens que restavam quando eles começaram a subir os degraus até ao cadafalso. Ela golpeava para todos os lados, confiando que Thanos iria segui-la. Ela usava a vantagem da altura para impulsionar o seu ataque.

Ele seguia-a. Ceres via-o a lutar com toda a habilidade e paixão de que ela se lembrava, detendo espadas, golpeando, cortando e movendo-se. Thanos lutava como um rochedo, tão confiável e inabalável como uma pedra no meio do caos, detendo todos os ataques que lhe eram dirigidos. Ceres sentia-se mais

como se fosse água, deslizando pelos espaços e atravessando-se por todas as defesas que se atravessassem no seu caminho.

Mesmo assim, havia mais homens ali do que ela pensava que poderia haver.

Imensos guardas tinham aparecido para irem ver Thanos morrer. Ceres tinha corrido tão depressa quanto conseguia para salvá-lo, mas isso significava que ela tinha corrido muito mais do que Sartès, ou do que o seu pai, ou do que qualquer um dos outros que podiam tê-la ajudado na luta.

Ali apenas estava Thanos, mas para Ceres, isso era tudo. Ela aparou um golpe destinado à cabeça dele, afastando-se para permitir o seu contra-ataque.

Ele arrancou as pernas de um dos guardas e Ceres atacou com o seu calcanhar quando o homem se começou a levantar. Aos olhos de Ceres eles lutavam como duas metades de um todo intrincado, sempre parecendo saber qual era o próximo passo do outro. Eles estavam juntos no centro de um anel de inimigos. Ceres esperava pela onda seguinte de atacantes.

"Ceres", disse Thanos, "há coisas que eu deveria dizer-te..."

"Então dizes quando nós tivermos vencido", disse Ceres.

"Eu preciso de dizer isto. Eu..."

Porém, ela não conseguiu descobrir o que Thanos queria dizer porque os rebeldes escolheram aquele momento para entrarem pelo pátio adentro. Eles corriam depressa, matando os guardas enquanto eles ainda estavam a olhar para o outro lado. Ceres viu o seu pai a empunhar o seu martelo de ferreiro e o seu irmão a esfaquear com uma lâmina que parecia ter sido feita só para ele.

Eles passaram pelos restantes guardas, como se eles não estivessem ali. Com o fator surpresa do seu lado, eles mataram-nos até só sobrar um homem. Dado o que Ceres tinha visto os executores a fazerem a partir da sua cela, desta vez ela não estava arrependida.

Em questão de segundos, ela deixou de estar de pé no meio de um círculo de inimigos para passar a estar num composto por amigos. Sartès já estava um passo à frente.

"Nós tomamos a maior parte do resto do castelo", começou ele. "Pode haver alguns guardas escondidos nos quartos exteriores, mas..."

Ceres amava o seu irmão, mas por enquanto, ela só tinha tempo para um homem. Ela virou-se e agarrou-se a Thanos, beijando-o, porque parecia impossível não o fazer. Ele beijou-a de volta. Ceres sentia ali paixão, desejo.

"E eu vou ficar quieto, então", disse Sartès.

Mesmo isso não impediu Ceres. Ela tinha atravessado um oceano para tentar voltar para Thanos e corrido pelo castelo para tentar salvá-lo. Sempre que ela havia estado em perigo, sempre que havia estado perdida, ela pensava em Thanos. Ela agarrou-se a ele, apesar dos aplausos dos homens ao redor dela, lembrando-a de que eles estavam tudo menos sozinhos.

Quando Ceres finalmente se afastou dele e olhou em volta, viu os olhos postos em si. Os únicos olhos que importavam para si eram os de Thanos, mais profundos e bonitos do que ela se lembrava, mas ela tinha de ter em mente que ela era mais do que apenas uma pessoa. Ali, ela era uma líder.

Mesmo assim, ela agarrou-se ao braço de Thanos, enquanto se dirigia a eles.

A energia da batalha a abandoná-la e a euforia misturada com a fraqueza, eram razões mais que perfeitas para ela se apoiar um pouco mais nele.

"Nós conseguimos!", declarou ela. "*Tu conseguiste. O castelo é nosso!*"

Enquanto os aplausos retomavam, Ceres voltou-se para Thanos, e abraçou-o mais uma vez.

## CAPÍTULO DEZ

Akila grunhia com esforço enquanto se arrastava até ao telhado de um celeiro com vista para o porto de Delos. Ele esforçava-se por se manter baixo enquanto se arrastava até à borda do telhado, olhando para baixo para ver as tropas ali reunidas e concentradas nas ruas laterais.

"Eles estão a tentar fugir", disse um dos seus homens. Akila lembrou-se de que o nome dele era Barist. Antes da rebelião ele tinha sido um agricultor no lado sul de Haylon. "Talvez devêssemos deixá-los ir."

"Se um lobo apanhar as tuas ovelhas, ficas satisfeito se o expulsares?", perguntou Akila. "Não, porque ele vai voltar na noite seguinte, e na próxima. Se os deixarmos ir agora, vamos combatê-los novamente amanhã."

Embora parecesse não ser nada mais do que combater, naquele momento.

Akila tentou lembrar-se da sua vida antes da rebelião. Parecia ser um passado distante e não apenas uma questão de meses.

Porém, ele tinha de se concentrar no presente.

"Barist, leva alguns homens para os nossos navios e usa-os para bloquear o porto. Lina, o teu grupo vai usar os telhados para chegar à corrente do porto e levantá-la o mais silenciosamente possível. Arek, o teu grupo é o dos caçadores a explorarem o terreno; vão indo para as principais ruas e forcem os imperiais a reposicionarem-se. Eles vão fazê-lo ali e ali, salvo melhor opinião. "Akila apontou para dois pontos. "O que significa que Pendro e Albus, vocês vão ter a vossa gente *ali* e *ali*. Fiquem fora de vista até atacarem. Os restantes fiquem comigo. Vamos ficar à espera de surpresas. Ide."

A sua gente apressou-se, e, mesmo com os nervos da batalha presentes, Akila conseguia ver a confiança com que os seus soldados estavam. Confiança esta que vinha, em parte, de terem ganho em Haylon, e em parte por acreditarem no plano dele.

Aquela era a parte mais difícil de ser um líder. Ele tinha de parecer confiante, convencendo-os a todos que obviamente o plano dele ia resultar, quando era inevitável que ele não iria ver alguns deles novamente. Se ele fosse apenas um deles, ele poderia ter avançado para o combate sem se preocupar com isso. Em vez disso, ele tinha de se preocupar o suficiente com cada um deles, e tinha de ficar para assistir, segurando-se por muito que quisesse ajudar.

Então ele ficou ali a observar, e, felizmente que ele havia escolhido bem o seu lugar, porque isso significava que ele podia ver a sua gente, todo o caminho até lá abaixo às docas. Ele sentia-se orgulhoso deles enquanto os via a correrem

lá para baixo. Parte era por causa da velocidade e habilidade com que eles o faziam, movendo-se com os conhecimentos que tinham adquirido a lutar contra o Império na sua ilha natal. Parte era porque eles estavam preparados para fazer aquilo numa cidade que não era a deles, ajudando aqueles que estavam a tentar libertar-se dos seus denominados mestres.

Um jovem soldado veio posicionar-se ao lado dele, obviamente nervoso com a luta que estava por vir. Se tivesse sorte, o jovem não teria de sair daquele local durante o tempo que demorasse o que estava por vir.

"O que é que achas de Ceres?", perguntou o jovem, do nada. "Ela é realmente tudo o que dizem?"

Akila encolheu os ombros. "Tu viste-a no Stade. Ela é uma das Anciãs. Ela é tudo o que Thanos tinha descrito. Agora, foco na batalha."

"Sim, Akila."

No entanto, Akila continuou a pensar em Ceres. Ela era realmente tudo o que Thanos tinha dito que ela seria. Ele tinha assumido que Thanos tinha dito aquilo porque estava apaixonado, exagerando a sua inteligência, as suas habilidades como lutadora, a sua bravura. No entanto, daquilo que Akila tinha visto, Thanos tinha subestimado as coisas.

Akila tinha ficado impressionado com Ceres no momento em que a vira lutar. Ao ouvir algumas das histórias sobre ela a liderar a força de combate para conquistar a cidade, cresceu em si um profundo respeito por ela. Ela tinha uma autoridade natural que fazia com que as pessoas a quisessem ouvir, e, na verdade, ela parecia preocupar-se com todos os que lutavam por ela.

Porém, havia a questão do seu sangue de Anciã. Isso complicava as coisas.

Que ela o possuía era inegável, dadas as coisas que ela havia feito. Que ela estava a usá-lo para o bem da rebelião também era óbvio.

A questão era o que acontecia a seguir.

"Acabaram-se os reis", sussurrou Akila, com as suas mãos a apertarem a borda do telhado. Tratava-se de alterar o sistema do Império, não apenas quem estava no comando, independentemente da sua linhagem.

Além disso, os Anciãos não tinham propriamente uma reputação impecável.

Eles tinham tido imenso conhecimento e poder, mas tinham tido tantas falhas no seu caminho como qualquer outra pessoa. A história do Império de se livrar dos senhores feudais do mal podia não ter sido a história toda, mas foi *parte* da história, e Akila não tinha vontade de voltar a isso.

Antes de poderem discutir sobre o que vinha a seguir, porém, eles ainda tinham de ganhar a cidade. Akila via o seu povo a colocar-se em posição e ele ainda queria saltar para baixo para se juntar a eles. Em vez disso, ele tinha de

assistir enquanto a força que se dirigia pela rua principal avançava, tocando cornetas e fazendo tanto barulho quanto possível.

Os do Império deviam tê-los feito recuar naquele momento, exatamente para os pontos que ele havia escolhido, mas eles não o fizeram. Em vez disso, Akila viu-os a avançarem.

"A vida é sempre mais complicada do que a estratégia", citou Akila. "Bolas."

"Vamos para baixo para ajudá-los?", perguntou o jovem soldado ao lado dele.

Akila queria dizer que sim. Ele queria liderar, ele próprio, o ataque, mas não era isso que um general devia fazer. Em vez disso, ele gesticulou para metade dos seus homens.

"Vão até lá e reforcem-nos. Tu, rapaz, corre para as forças de emboscada e diz-lhes para esperarem pelo meu sinal. Eles vão irromper. Eu sei que eles vão. E

estejam preparados para surpresas. Há mais. Estou certo disso."

Ele tentou soar mais confiante do que estava. Tentou não dar nenhum sinal do quão difícil era tomar aquela decisão. Se ele estivesse errado sobre aquilo, o seu povo, que estava na rua principal, poderia ser aniquilado. Mesmo se ele estivesse certo, alguns deles iriam morrer, mas não tantos como se ele compromettesse o seu povo naquele momento.

Foi o instinto que o deteve. Instinto, e a questão lancinante do motivo pelo qual os soldados do Império iriam atacar, em vez de tentarem fugir na direção da segurança. Eles não eram os guerreiros comprometidos da rebelião, tão comprometidos com a sua causa que podiam morrer em vez de ceder. Eram homens que estavam ali para a sua própria sobrevivência.

Portanto, o ataque só fazia sentido se fosse uma finta.

Quando ele viu os primeiros soldados imperiais a surgirem das coberturas dos edifícios ao redor das docas, ele soube que tinha acertado. Talvez por verem os reforços a descerem do telhado, eles tivessem assumido que Akila tinha comprometido as suas forças e começaram a correr para os navios. A força a lutar contra os seus soldados na rua principal virou-se e irrompeu, obviamente, à espera para se juntar aos seus amigos.

Akila desembainhou uma corneta do seu cinto, à espera que eles se aproximassem das suas forças de emboscada. Mais perto. Naquele momento. Ele tocou a corneta, e a sua nota soou até mesmo sobre a violência do porto.

Ele viu a sua gente a sair dos locais onde eles tinham preparado as emboscadas, batendo nas forças do Império, enquanto outros começaram a trazer barcos para bloquear o porto. Ele ouvia o embate das espadas e os gritos dos moribundos. Viu uma combatente com as cores de Haylon a cair com uma espada encravada no peito.

De cima, aquilo quase que parecia sereno, com padrões que poderiam ter sido alguma estranha obra de arte. No entanto, Akila sabia que não havia nada de bonito na violência que estava a ter lugar ao nível do solo. Ele viu um homem empalado por uma lança e o seu portador a ser, por sua vez, abatido por dois rebeldes. Um soldado caiu do porto. Poderia ter nadado se não fosse o peso da sua armadura.

Akila viu um pequeno grupo de soldados do Império a fugir, de algum modo a deslizar através dos grupos convergentes de rebeldes e a correr para um dos barcos amarrados no porto. Eles saltaram para bordo e Akila conseguiu ver perigo ali. Se eles fizessem um buraco no bloqueio que ainda não estava plenamente formado, se eles conseguissem enganar a corrente do porto, quantos mais conseguiam fugir?

Naquele momento Akila sacou da espada, tentando avaliar o caminho para baixo. Ele saltou para uma parte inferior do telhado, não esperando para ver se o seu povo o seguiria. Ele sabia que eles o seguiriam. Ele correu, na direção da extremidade do porto. Ele conseguia ver os soldados do Império a aproximarem o seu barco, mas eles ainda estavam perto da borda do cais.

Akila não hesitou. Ele correu, sentiu a borda da pedra sob os seus pés, e saltou, caindo no convés com um baque. Ele ouviu o baque de outros pés no convés, mas nesse momento ele já estava a correr para tratar do seu primeiro adversário. Uma espada desenhou uma linha quente no seu ombro, mas Akila golpeou, abatendo o homem.

Outro soldado foi contra ele, fazendo com que os dois caíssem no convés.

Akila manteve o controlo sobre a espada e segurou pelo pulso o braço do soldado que tinha a espada. Eles lutaram ali, rebolando, enquanto os dois procuravam libertar as suas armas. Ao redor deles, Akila conseguia ouvir os sons de mais violência.

Ele virou a cabeça para a frente, agarrando o seu adversário pela cana do nariz. Em seguida, empurrou-o bruscamente para longe. Akila colocou-se de pé num salto e estocou, ouvindo o homem arfar quando a espada lhe entrou no pulmão.

À sua volta, a luta já estava a chegar ao fim. Era isso que Akila queria. Um comandante que procurava uma espécie de batalha prolongada era um comandante que não valorizava suficientemente os seus soldados. Porém, mesmo com aquela brevidade, Akila sentia o seu coração acelerado, os seus pulmões a sugarem grandes goles de ar. A dor do ferimento no ombro estava a vazar a sua adrenalina, à medida que o sangue se espalhava pela sua camisa.

Os seus homens puxaram o barco de volta para a margem com a perícia dos habitantes da ilha. Akila saiu e olhou à volta, à procura do lugar seguinte onde

ele pudesse fazer algo de bom.

Não havia muito que fazer, no entanto. Os poucos soldados imperiais que não estavam mortos já se estavam a render, com as tropas de Haylon a espalharem-se em controlo da ilha. Akila teria sorrido à vitória, só que, naquele momento, ele viu o jovem soldado que ele havia enviado com a sua mensagem.

O jovem estava sentado contra um dos postes de ferro ao qual estavam amarrados os navios maiores, e o sangue que lhe cobria o peito disse a Akila que ele não se ergueria novamente. Os olhos dele ainda estavam abertos. Quando Akila se aproximou, a respiração dele vinha em breves suspiros.

"Estou... estou a morrer?", perguntou o rapaz.

Akila poderia ter mentido, mas não o fez. A falsa esperança era pior do que não ter nenhuma esperança. "Sim."

"Eu recebi a mensagem", disse o jovem. "Eu consegui, Akila."

"Conseguiste", assegurou-lhe Akila, colocando a mão no ombro do rapaz.

Ele manteve-a ali até a luz desaparecer dos seus olhos.

Ele levantou-se, olhando em volta enquanto os seus homens comemoravam a sua vitória. Aquela era a outra parte de ser um líder. Sentir-se sozinho, mesmo quando todos os outros sentiam a onda de euforia pelo facto de estarem vivos depois de uma batalha. Eles tinham conquistado o porto.

Mas Akila apenas conseguia pensar nos mortos.

## **CAPÍTULO ONZE**

Acordar naquela manhã foi uma das experiências mais felizes na vida de Thanos. Ele acordou estirado em cima da sua própria cama, ainda vestido do dia anterior. Não era isso que tornava aquele dia feliz. Nem era o facto de ele estar de volta ao seu próprio quarto, num lugar onde ele tinha pensado nunca conseguir regressar.

Ele estava feliz por estar simplesmente a acordar. Na verdade, no dia anterior, quando o tinham deixado numa jaula à espera para morrer, ele não estava à espera que aquilo acontecesse. Ele tinha sobrevivido, e o domínio do Império sobre Delos tinha acabado, pelo menos até àquele momento. Tudo graças à bravura de Ceres e à sua capacidade de unir as pessoas.

Ceres era a outra razão pela qual Thanos estava tão feliz naquele momento, e, de longe, a mais importante das duas. Ela estava ali ao lado dele, completamente vestida como ele e ainda a dormir, com o seu peito a subir e a descer suavemente a cada respiração.

Thanos não se conseguia lembrar se tinha pretendido mais do que simplesmente dormir quando eles tinham chegado aos aposentos dele. Naquele momento, ele havia ficado demasiado emocionado por ainda estar vivo e por ver Ceres. Ele tinha tido tanta certeza de que ela estava morta, que, vê-la viva assim, tinha-lhe provocado uma sensação de alívio ainda maior do que aquela que ele tinha tido por saber que não ia ser morto.

Tinha havido tanta coisa que ele queria ter dito, na sequência da batalha pelo castelo. Tinha havido tanta coisa que ele queria fazer também, mas ele e Ceres não tinham ido mais longe do que simplesmente agarrarem-se um ao outro na noite anterior. Eles tinham ambos ficado muito exaustos depois de tudo o que tinha acontecido. Eles tinham adormecido a olhar um para o outro, e os sonhos dele tinham sido inundados por pensamentos de Ceres.

Thanos sentia-se um pouco culpado por isso, porque ele sabia que deveria ter estado a pensar em Stephania. A sua esposa, a mãe da sua criança, a mulher pela qual ele tinha voltado. Ele só tinha feito isso, porém, depois de tentar encontrar Ceres.

A mulher que ele amava.

Ele acordou-a com o mais gentil dos beijos, sentindo-a levantar-se para o encontrar, beijando-o de volta com ternura.

"Eu realmente espero que isto não seja um sonho", ele ouviu Ceres sussurrar.

"Não é", prometeu-lhe Thanos. "Apesar de que, se fosse, seria um realmente bom."

Numa pequena traição, a sua memória trouxe-lhe uma imagem de um outro acordar naquele mesmo quarto, noutro dia, observando Stephania estendida ali quase exatamente onde Ceres estava. Ele afastou o pensamento.

"Eu gostaria que pudéssemos ficar aqui assim para sempre", disse Ceres.

Thanos sorriu, estendendo a mão para tocar no rosto de Ceres. "Eu também."

Porém, ele sabia que eles não podiam. Mais cedo ou mais tarde, alguém viria a exigir algo deles, eles teriam de se levantar e fazer todas as coisas que eram precisas para conquistar uma cidade. Não que Thanos nunca o tivesse feito.

"Onde é que estiveste este tempo todo?", perguntou Thanos.

"É uma longa história", disse Ceres. "E eu quero ouvir o que aconteceu contigo. Como é que foste parar a uma jaula?"

Ele preferia ter ouvido falar sobre ela, mas um deles tinha de ser o primeiro, e eles tinham tempo suficiente. Suficiente para tudo, ele esperava.

"Eles acharam que eu tinha assassinado o rei", disse Thanos. "O meu pai."

"Oh, Thanos", disse Ceres, e ele sabia que ela era provavelmente a única pessoa ali que compreendia a complexa teia de emoções que envolvia descobrir que uma pessoa não era quem pensava ser. Ela certamente sabia o que era perder as pessoas. "Mas, e o resto? Há tantas mais coisas que eu quero saber."

Não, havia demasiadas coisas que Thanos queria saber.

"Eu penso que mereço saber o que aconteceu depois de eles te terem levado para longe a bordo daquele navio prisão", disse Thanos.

"Se me disseres o que aconteceu quando desapareceste na ilha", respondeu Ceres.

Então eles contaram as coisas assim um ao outro, em fragmentos, até as duas metades se parecerem misturar num todo. Thanos contou a Ceres sobre o tempo que ele havia passado em Haylon com Akila e os outros, e ele ouviu com temor Ceres a contar-lhe sobre o seu tempo com o Povo da Floresta na ilha deles.

Thanos viu o quanto ela ficou preocupada consigo quando ele lhe contou sobre as tentativas para o assassinarem, e, em seguida, ouviu a história dela, sobre conhecer a sua mãe, sabendo o quanto isso devia ter mudado tudo o que ela pensava sobre o mundo. Ele contou-lhe sobre a Ilha dos Prisioneiros e os horrores que ele tinha visto lá.

"Foste mesmo lá por causa de mim?", perguntou Ceres.

Como se houvesse realmente alguma dúvida sobre isso.

"Por ti vale a pena ir a qualquer lado", respondeu Thanos.

Ela agarrou a mão dele, levando-a até ao seu coração. Thanos conseguia sentir a sua batida, lembrando-lhe que ela estava viva, e com ele, e que ela era

real. "Bem, eu espero não ir para lado nenhum agora."

Em tudo o que ele contou a Ceres, houve um nome que Thanos não conseguiu dizer: Stephania. Ele contou-lhe sobre o tempo que ele tinha passado a espionar os rebeldes em Haylon, mas não sobre Stephania a matar o homem que tinha ameaçado denunciá-lo. Ele contou-lhe sobre ter fugido da cidade, mas não sobre tudo que Stephania tinha feito para torná-lo possível. Ele contou-lhe sobre voltar para encontrar o seu pai, mas não sobre a principal razão pela qual ele tinha vindo para a cidade.

Não que ele quisesse mentir a Ceres. Ela era a única pessoa no mundo com quem ele queria partilhar tudo. No entanto, ao mesmo tempo, ele não queria arriscar estragar aquele momento. Ele não queria estragar a perfeita conexão entre eles, trazendo à baila a mulher que era sua esposa apenas no nome. Que tinha tentado matá-lo.

Por quem ele havia voltado, e por quem ele havia escrito o seu amor.

Ela não estava ali, porém, e isso fazia a diferença. Se ela tivesse estado ali, Thanos poder-se-ia ter sentido compelido a fazer o que era correto e ficar ao lado dela por causa do seu filho. Mas, em vez disso, Thanos estava ali com Ceres, e as coisas não poderiam ser mais perfeitas.

"Fica comigo para sempre", implorou Thanos.

Era o tipo de coisa que os jovens amantes diziam, mas ele sentia-o. Ele queria ficar com Ceres durante todo o tempo que ela o permitisse, e nunca sair do seu lado.

"Espero que sim", respondeu Ceres com um sorriso. "Embora eu ache que nós teremos de sair deste quarto, em algum momento, para organizar a defesa da cidade, e depois disso vamos precisar de resolver coisas como onde vivemos e como vamos desfazer todos os danos que o Império tem provocado.

"Thanos ouviu-a suspirar. "Há tanta coisa para fazer, Thanos."

"Há", concordou ele, beijando-a novamente. "Mas depois."

"Mais depois", disse Ceres, deslizando os seus braços ao redor dele.

Infelizmente, bateram à porta da câmara de Thanos e as coisas não puderam ir mais longe. Ele sabia que tinha chegado o momento do mundo real se intrometer. Relutantemente, Thanos levantou-se, arrastando Ceres com ele.

"Pronta para seres uma líder novamente?", perguntou ele.

"Nem por isso", disse Ceres. "Mas alguém tem de o ser."

Entraram servos, acompanhados pelo irmão de Ceres, Sartes, presumivelmente ali para entregar notícias.

"Desculpa", disse Sartes. "Eu tentei evitá-lo tanto tempo quanto consegui."

"Tudo bem", respondeu Ceres.

Thanos sabia que ele o tinha feito, mas, mesmo assim, ele desejava que tivesse demorado mais tempo.

"Eu acho que há imensas coisas que Ceres precisa de saber", pressupôs Thanos. Ele tinha passado a sua vida a aprender todas as coisas que eram necessárias para dirigir uma cidade, e isso tinha sido somente em tempo de paz.

Num momento como aquele, seria muito mais complicado.

"Eu quero que tu os oiças também", disse Ceres. "Eu preciso de toda a ajuda que conseguir."

Thanos ajudaria de qualquer maneira que conseguisse, mas havia coisas que precisava de saber também. "Ouviste alguma coisa sobre Lucious? Ele foi capturado na cidade? Ele foi morto?"

Ele viu Sartes sacudir a cabeça. "Há relatos a chegar de que ele tentou encontrar um navio para levá-lo para Felldust. Alguns dos capitães imperiais que se renderam dizem que ele tentou ordenar-lhes que o fizessem."

Thanos viu Ceres abraçar o seu irmão.

"Parece que tens estado ocupado", disse ela.

"O pai fez uma parte, assim como Akila e os outros", disse Sartes. "Akila diz que eles têm o porto, e vai continuar a patrulhar, a menos que tu queiras fazer outra coisa."

Thanos ficou impressionado. O irmão de Ceres parecia mais velho do que a idade que tinha, competente e pronto para ajudar a organizar as coisas. Talvez ele tivesse sido sempre assim, ou talvez tivesse sido a guerra que o tinha feito assim.

"Porque é que Lucious iria para Felldust?", perguntou Ceres. Thanos demorou um pouco a perceber que ela estava a perguntar-lhe a ele, e não a Sartes. Fazia sentido, porém. Afinal, ele era o único que conhecia o seu irmão. O

que é que Lucious iria fazer a seguir?

Thanos não tinha a certeza de que sabia. Ele não tinha imaginado que Lucious se atreveria a matar o pai deles.

"Felldust sempre foi um aliado do Império", respondeu ele, "portanto, ele pode estar apenas à procura de um lugar para onde fugir."

Ele viu Ceres encolher os ombros.

"Portanto, nós deixamos que ele fuja."

Thanos abanou a cabeça.

"Ou ele pode ter ido lá à procura de um exército emprestado", disse Thanos.

Ceres parecia preocupada.

"Conseguiria ele realmente fazer isso?", perguntou Ceres.

Thanos tentou pensar.

"Eu não sei. Irrien, o Primeiro Pedregulho de Felldust, é tido como astuto e cruel em partes iguais. Se ele vir uma vantagem em atacar, ele pode experimentar fazê-lo, mas ele não vai fazê-lo por ser bondoso."

Não era um bom pensamento. Os governantes de Felldust competiam entre si, o que significava que qualquer nobre que subisse ao posto de Primeiro Pedregulho era provavelmente de um pragmatismo implacável, e Thanos sabia tão bem quanto qualquer um o quão fraco o Império estava precisamente naquele momento.

"O nosso pai disse-me que poderia haver provas de quem eu era em Felldust", acrescentou Thanos. "Ele disse que a minha mãe foi para lá. Talvez Lucious esteja também à procura."

De repente, Thanos sabia o que tinha de fazer.

"Eu preciso de ir para Felldust", disse Thanos.

Ceres olhou para ele por um momento.

"O quê? Não."

"Eu tenho de ir", disse Thanos. "Lucious vai voltar com um exército se eu não for, e..."

"Ir para Felldust pode matar-te", disse ela.

Ele sorriu.

"E ficar aqui também", respondeu ele. "Eu devo admitir, eu não gosto muito da ideia de ter um exército a descer sobre Delos."

Ela sorriu para ele.

Ele não ia permitir que ninguém atacasse a sua cidade. Especialmente quando a mulher que ele amava estava lá à espera. Ele iria manter Ceres em segurança.

"Eu vou fazê-lo", assegurou Thanos. "Eu vou fazer tudo o que precisar para deter Lucious. Vou encontrá-lo."

Ceres colocou a mão no braço dele. "Não faças nada com o qual não consigas viver."

Thanos abanou a cabeça, porque nunca era assim tão simples. As coisas que não se faziam tinham consequências, tanto quanto as coisas que se faziam.

"Se eu o tivesse matado quando ele estava a atacar aldeias, muita gente ainda podia estar viva."

Stephania tinha-o impedido de o fazer. Ela tinha afirmado que ela estava a tentar salvá-lo, mas tinha sido ela a apunhalar Thanos pelas costas.

"Se tens a certeza...", disse Ceres. "Eu não quero enviar-te assim, Thanos. Eu não gosto da ideia de te mandar para o meio do perigo."

"Tu não me estás a mandar. Eu é que estou a escolher ir. Eu vou voltar", Thanos prometeu-lhe. Ele queria prometer-lhe mais do que isso naquele

momento. Ele queria casar com ela.

No entanto, ele não poderia fazer isso. Agora não. Não no meio daquela correria. Ele não podia sequer perguntar, porque isso não seria justo, com todas as coisas que ainda podiam acontecer.

"Eu vou voltar", prometeu, em vez disso, Thanos. "Independentemente do que aconteça."

"É melhor que o faças", disse-lhe Ceres.

"Eu volto", prometeu Thanos. "Eu vou deter a invasão e vou matar o meu irmão ou vou morrer a tentar."

## **CAPÍTULO DOZE**

Ceres estava no meio do grande salão, sentindo-se como se se estivesse a afogar num mar de dúvidas e informações.

"Queres que patrulhemos as ruas a cavalo?", perguntou um dos homens de Lorde Oeste.

"E relativamente à retomada do comércio?", perguntou Yeralt. É claro que o filho do comerciante tinha encontrado uma maneira de sobreviver a tudo que o Império tinha feito quando Anka e tantos outros da rebelião haviam morrido. Ele tinha algumas contusões, e havia um olhar assombrado nos seus olhos, mas, à parte disso, ele parecia o mesmo de sempre. "Na pior das hipóteses nós podemos usar os túneis para fazer entrar e sair bens."

"Precisamos selar esses túneis", respondeu Akila, "ou os primeiros inimigos a chegarem vão entrar aos magotes diretamente. Também podemos não ter muralhas."

"Nós mal *temos* muralhas depois de todas as batalhas", salientou Ceres. Ela sentiu a mão do seu pai no seu ombro, o seu peso ali tão reconfortante como sempre.

"Eu posso organizar grupos de trabalho para começar a remendar as muralhas", disse ele. "Nós podemos reforçar as portas com barras de ferro."

"Obrigado", disse Ceres.

"Mas os túneis...", começou Yeralt.

"Podemos levar carroças e barcos para fora da cidade abertamente", salientou Ceres, "embora ainda não

tenhamos número suficiente de pessoas para escoltá-

los."

"Então qual é o objetivo?", questionou o filho do comerciante. "Com todo o respeito, vocês não entendem as complexidades do comércio envolvido, pelo que então talvez seja melhor deixá-lo para aqueles que entendem."

Ela olhou para uma das janelas do grande salão, olhando para a liberdade do céu azul ao longe. Naquele momento, ela desejava ir com Thanos para as docas.

Ela desejava poder vê-lo a partir para a sua viagem para Felldust. Parte dela desejava poder ir com ele, porque ela não queria deixar Thanos fora da sua vista novamente. Ela não queria correr o risco de o perder

E, verdade fosse dita, ela não queria passar o seu tempo a tentar lidar com um milhão de problemas ao mesmo tempo. Ela sabia lutar, mas isso não significava que ela soubesse como providenciar o abastecimento de alimentos

para uma cidade que havia sido isolada deles por um cerco, ou antever o que quer que fosse acontecer a seguir.

Então, ela deu um passo para longe dos outros, sentindo como se o mundo inteiro estivesse a pressionar.

Sartes pareceu persentir um pouco do seu dilema, porque ele foi ter com ela, abraçando-a à frente dos outros, apesar da situação.

"Nós estamos aqui", disse Sartes. "Nós podemos resolver isto."

"Isso é fácil de dizer", respondeu Ceres. "Mas como? Há ainda imensas coisas que precisamos de resolver."

"Tais como?", perguntou o irmão.

Vieram-lhe muitas coisas à mente, de modo que Ceres deixou escapar a primeira que lhe surgiu. "Ainda haverá pessoas na cidade que querem lutar contra nós."

"Menos do que pensas", disse Sartes. "Os que estavam a ser forçados a lutar pelo Império não vão querer continuar. Os poucos que realmente nos odeiam vão saber que perderam."

"Portanto, há eles todos", disse Ceres, acenando com a cabeça na direção dos outros. "Eles trabalharam juntos porque eles odiavam o Império, mas agora?"

Akila e os rebeldes não se vão contentar com um único líder. Yeralt provavelmente está a pensar na melhor maneira de ganhar o máximo de dinheiro possível. Alguns dos homens de Lorde Oeste provavelmente já estão a tentar descobrir quem tem o sangue mais nobre... "

"Eu acho que eu te deveria mostrar uma coisa", disse Sartes.

Ceres franziu a testa, mas seguiu-o, confiando que o seu irmão sabia o que estava a fazer. Ele dirigiu-se para uma varanda, situada acima do grande salão e com vista para a cidade. Ceres conseguia ver as pessoas ali, espalhadas por todas as direções, parecendo como se quase todas as pessoas na cidade tivessem ido para a rua.

Eles estavam a comemorar. Não, era mais do que isso. Eles estavam a aclamar o nome dela.

"Ceres! Ceres! Ceres!"

Ceres conseguia ouvir o poder e a felicidade nas suas vozes. Era como estar de volta ao Stade novamente, quando as pessoas tinham torcido por ela, não apenas por quem ela era, mas por tudo o que ela representava também. O que é que ela representava agora? Ela era a mulher que tinha derrubado o Império, que tinha derrubado a governação da rainha e expulsado Lucious. Que tinha salvado os rebeldes e libertado a cidade. Era muita responsabilidade.

"Talvez mais tarde tenhamos de organizar uma melhor maneira de gerir as coisas", disse Sartre. "Mas, por agora, eles confiam em ti. Eles acreditam em ti, e

eu também. Tu consegues fazê-lo."

Ceres abraçou o seu irmão novamente. "Obrigado."

Ela recompôs-se cuidadosamente antes de entrar. Ela não ficou surpreendida ao descobrir que os outros no grande salão já tinham encontrado outro assunto para discutir.

"E eu digo que eles não são de confiança!", insistiu um dos lordes de combate. "Foram eles que vieram para nos ver morrer!"

"As coisas iriam desmoronar-se sem a devida ordem", respondeu um dos homens de Lorde Oeste.

"Devemos matá-los rapidamente. Eles fariam o mesmo."

"Estamos a discutir sobre o quê?", perguntou Ceres, e, naquele momento, ela encheu a sua voz com autoridade. Ela podia não querer governar ali, mas alguém tinha de organizar as coisas, e se ela não o fizesse, quem o faria?

Akila respondeu. "Sobre o que fazer com aqueles que ajudaram o Império.

Sobre os servos aqui, os soldados, a rainha e os nobres."

Ceres pensava que eles tinham tido essa discussão no grande salão, mas ela devia ter imaginado. Algumas coisas só poderiam ser adiadas, e não postas de lado completamente.

"E todos vocês sentem que devem ser mortos?", perguntou Ceres. Ela tinha visto uma parte do que tinha acontecido durante a tomada do castelo. Ela tinha visto os corpos deitados nos corredores, abatidos por homens que, provavelmente, se viam como heróis. Ela tinha visto o medo nos olhos das jovens nobres, certas de que seriam estupradas e assassinadas pelos rebeldes.

Talvez algumas tinham sido. "Vocês acham que devemos tornar-nos em tudo o que o Império tem sido?"

O lorde de combate encolheu os ombros. "Eles viram-nos mortos."

Para ele, era provavelmente uma resposta. Mata um inimigo, ou ele mata-te a ti. Porém, tinha de haver algo mais, ou como é que alguém poderia começar a ser bom?

"É Histus, não é?", perguntou Ceres. "Eu sei como vocês se sentem. Eu estive no Stade com pessoas a uivarem pelo meu sangue. Eu estive lá enquanto Lucious tentava organizar a minha morte. Mas isso não significa que devemos ser como ele. Vocês querem começar a matar as pessoas que ajudaram o Império? Por onde é que iam começar? Onde é que iam *parar*?"

Ceres olhou para eles incisivamente, e, para sua surpresa, ela viu que todos eles estavam a olhar para ela. Para ela ainda era estranho ter pessoas a olhar para si, à espera de ouvir o que ela tinha a dizer. Não era assim há muito tempo atrás, quando ela era simplesmente a filha de um ferreiro. Uma pessoa insignificante, ou o mais próximo disso.

"Estou a falar a sério", disse ela. "Onde é que cada um de vocês iria parar?"

Matariam os nobres? Thanos é um nobre, e metade dos outros não são maus, eles simplesmente nunca se esforçaram o suficiente a pensar sobre o que a vida deles significava. Vocês vão matar soldados que foram forçados a lutar? Servos que nunca fizeram mais do que levar comida e água aos nobres?"

Ela fez uma pausa para deixar que eles interiorizassem aquilo. Havia muitas pessoas ali, naquele momento, com o gosto de sangue. Tal conduziria a um massacre com demasiada facilidade.

"Haverá aqueles que o merecem", salientou Akila. "Haverá homens que já mataram, e já me disseram que algumas das aias de Lady Stephania não têm aversão a matar."

"Se nós temos prova de que eles cometeram crimes", disse Ceres, "então vamos tratá-los como criminosos, mas não vamos simplesmente começar a abater pessoas. Não vamos ser como eles. Não vamos decidir que, só porque estamos no lado certo, tudo o que fazemos é justo."

Essa era a maior armadilha, não era? Decidir que estavam a trabalhar por causas nobres, e, então, por definição, o que quer fizessem estava certo. Matar, torturar e roubar ainda eram os crimes que sempre tinham sido.

"Então o que *vais* fazer?", exigiu saber Yeralt.

"Nós vamos começar a construir Delos de acordo com o tipo de lugar que queremos", disse Ceres. "O que significa que vamos ter de defendê-la até que possamos fazê-lo."

Ela tinha andado a pensar sobre isso quase constantemente. Agora estava na hora de descobrir se algum dos seus planos fazia sentido. Ela apenas esperava que as pessoas que estavam com ela não conseguissem perceber que ela tinha dúvidas.

"Akila, tu e os teus homens podem patrulhar fora do porto, e avisar-nos atempadamente se os inimigos tentarem reconquistar Delos por mar?"

Akila assentiu. "Nós podemos fazer isso."

Ceres virou-se para o homem que estava à espera, porque o principal era que cada um deles sentisse como se houvesse um plano.

"E talvez possamos começar a ter uma rota comercial entre Delos e Haylon", disse Ceres. "Yeralt, isso seria melhor do que tentar roubar caravanas?"

O filho do comerciante concordou. "Seria."

"Vamos precisar de organizar os funerais das pessoas que foram mortas no cerco", disse Ceres. Interessava-lhe um em particular. "Quero que a pira funerária de Anka tenha todas as honras possíveis. E os lordes de combate que caíram no Stade. Os guardas... deixem os guardas que eu transformei em pedra onde eles estão. Eles podem servir como um monumento ao que aconteceu. Nós não vamos usar o Stade para mais Matanças."

Aquilo estava resolvido na sua mente. Ela não iria ficar à espera enquanto mais lordes de combate eram abatidos por diversão.

"E quanto à reconstrução da cidade?", perguntou Sartes.

Ceres abanou a cabeça. "Vamos fazê-lo, assim que pudermos, mas por agora temos de nos concentrar nas muralhas e nos portões. Levem alguns dos soldados que se renderam. Peçam-lhes para ajudar a mover os escombros das casas danificadas para construir barricadas. Precisamos estar preparados, e podemos testar se eles estão dispostos a ajudar."

"O que deixa apenas uma coisa para decidir", disse Akila, apontando para as portas do grande salão.

Ceres duvidava que fosse apenas uma coisa. Mesmo assim, ela viu as portas a abrirem-se, e dois ex-homens de Lorde Oeste apareceram com uma figura entre eles. A rainha Athena parecia abatida e suja, com correntes presas ao redor dos seus pulsos e um soldado a segurar-lhe cada um dos seus cotovelos. Eles levaram-na para a frente, colocando-a de joelhos entre Ceres e os outros.

"Eu espero que tu concordes que *ela* deve morrer", disse Yeralt.

A rainha Athena olhou para cima para eles, orgulhosa e desafiadora. Ceres olhou para ela da mesma maneira.

"Precisamos matá-la", disse Histus.

Mesmo Sartes e o pai dela olharam para a rainha com um óbvio ódio.

"Eu quero falar com ela a sós", disse Ceres.

Eles olharam surpreendidos para ela.

"Ceres?", começou Sartes.

Ceres abanou a cabeça. "Eu preciso de fazer isso, e preciso de fazê-lo sozinha. Por favor, todos vocês."

Para sua surpresa, todos saíram sem tentar discutir. Eles fecharam a porta atrás deles, deixando-a a ela e à rainha na vasta imensidão do grande salão.

"É aqui que me dizes que eu mereço morrer pelo que tentei fazer ao teu amado Thanos?", quis saber Athena. Ela estava tranquila. "Oh, eu deveria ter esperado por permissão? Afinal, tu és a rainha agora, não és?"

Ceres sabia que Athena estava a tentar provocá-la, mas agora, com Thanos em segurança, ela recusava-se a se deixar ser levada.

"Eu não queria ser rainha", disse Ceres.

"Claro que queres", ripostou Athena. "Toda a gente quer poder, quer o admitam a si próprios ou não. Podem querê-lo para proteger aqueles com que se preocupam, ou para terem uma vida mais facilitada, mas querem-no da mesma forma."

Soava muito como um pai a dar uma lição a uma criança rebelde. Só que, naquele caso, Athena estava errada.

Ceres abanou a cabeça. "As pessoas não são como tu. Elas não pensam da mesma maneira que tu."

"Tens razão", disse Athena. "Na maior parte das vezes elas são estúpidas, pequenas coisas tolas, sem a força ou a coragem para fazer o que é necessário."

Sem qualquer *linhagem*. Mas então, eu esqueci-me, tu tens todo o sangue nobre que qualquer um poderia querer, não é?"

Ceres tinha pensado muito sobre o sangue de Anciã nas suas veias. Tinha sido isso que tinha convencido Lorde Oeste, afinal.

"Eu não sou como tu", insistiu Ceres.

"Não?", replicou Athena, dirigindo-se até à janela. "Quantas pessoas já mataste para chegar ao trono?"

Uma parte de Ceres queria reagir. Ela sentia os seus punhos a cerrarem-se, mas obrigou-se a manter calma.

"Eu não estou no trono", disse Ceres. Ela não era uma rainha. Ela garantidamente não governava o Império por ser a mais forte, ou a que tinha o sangue certo, ou o mais cruel. Naquele momento, ela estava a liderar só porque parecia que era a ela que os outros davam ouvidos.

"Achas mesmo que alguém acredita nisso?", perguntou a rainha. "Oh, podes achar que não és rainha ao princípio, mas vais ser uma não oficial. Aí vem Ceres. O regresso dos nossos mestres Anciãos!"

"Cala-te!", disse Ceres de repente. Os poderes dela percorreram-na, inflamados com a sua raiva. A lembrança das coisas para as quais ela tinha usado esses poderes foi muito forte naquele momento.

"O que vais fazer?", ripostou a rainha. "Matar-me? Transformar-me em pedra? Enfiar-me uma espada no meu coração? Eu morri no momento em que tu conquistaste a cidade. Eu sou a mulher que governa o

Império que tu desprezas.

Fui eu que condenei à morte o teu amado Thanos."

Parecia quase como se a rainha quisesse que ela o fizesse. Talvez ela só temesse o tipo de morte que ela teria preparado para qualquer um que se opusesse a si. Talvez ela pensasse que um golpe de espada seria mais justo.

"Eu salvei Thanos", disse Ceres. Ela abanou a cabeça. "Não há mais nada que possas fazer para nos magoares, Athena, e eu não te vou matar. Vamos prender-te. Aprisionar-te algures onde não consigas fazer nenhum mal."

Athena riu-se. "Achas que eu não consigo fazer nenhum mal?"

Ceres estendeu as mãos. A ex-rainha estava ali, acorrentada, sem forma nenhuma de fazer alguma coisa. Ela não tinha força, nem aliados. Nada mais que palavras.

"Bem, vamos tentar isto", disse Athena. "Sabes *porque* é que Thanos voltou a Delos?"

Ceres hesitou apenas por um segundo, mas foi o suficiente.

"Não foi por ti", disse Athena. "Foi por Stephania. Ele veio para a salvar. A ela e ao filho que ela carrega. O filho dele."

Ceres gelou ao ouvir aquelas palavras. "Estás a mentir."

Claro que ela estava a mentir. Mentir era tudo o que Athena fazia. Mas então porque é que ela se sentiu tão vazia ao ouvir aquelas palavras?

"A mentir? Mas o que ele fez não foi mais do que um homem naturalmente faria pela sua esposa. Tu sabes sobre essa parte, é claro... Ou talvez não. Oh, isso é maravilhoso."

Não, Ceres não sabia, e agora que ela pensava nisso, ela apercebeu-se que Thanos não tinha dito nada sobre Stephania. Ele tinha-lhe contado tanto sobre o que lhe tinha acontecido, mas agora, Ceres conseguia ver as lacunas em tudo o que ele havia dito. Lacunas que Stephania encaixou com demasiada facilidade.

Ela colocou a rainha Athena novamente de joelhos muito facilmente, empurrando-a, sentindo a raiva e o poder a subir por si.

"Fá-lo", disse Athena. "Mostra ao mundo o que és. O que ambas somos."

Ceres afastou-se, porque ela não confiava em si mesma para tocar em Athena novamente. "Guardas!"

Os rebeldes foram a correr, como se estivessem à espera de encontrar uma batalha. As suas expressões não melhoraram pelo que quer que tenham visto no rosto de Ceres.

"Levem-na daqui", disse Ceres. "Coloquem-na em algum lugar seguro e certifiquem-se que não a magoam. Nós não somos como ela."

"Oh", disse Athena quando os guardas começaram a levantá-la. "Tu vais ficar muito pior do que alguma vez eu ficarei."

## CAPÍTULO TREZE

Stephania caminhava num desconforto abjeto, com o calor do Felldust a bater em si. Apenas o pensamento do que estava no final da sua jornada a impedia de ordenar aos escravos, que transportavam o palanquim onde ela estava, que parassem, virassem e a levassem de volta na direção da costa.

"Devo ir buscar-te um pouco de água, minha senhora?", perguntou Elethe.

"Pareces ressequida."

Stephania aceitou agradecida. Desde que elas tinham chegado ali que a sua aia parecia estar a desviar-se do seu caminho para se certificar de que Stephania tinha tudo que precisava. Talvez fosse porque Stephania estava grávida, ou talvez fosse porque ela estava a tentar compensar por ter estado tão perto da ladra, Felene. Aos olhos de Stephania, ela já o tinha feito, ajudando a matá-la, mas não havia nenhuma razão para ela dizer isso à sua serva. Era melhor mantê-

la pronta para servir.

Stephania ouviu um rugido vindo de cima e agachou-se de volta na cobertura do palanquim quando uma criatura pairou baixo sobre a caravana. Parecia um triângulo endurecido de carne, maior do que um homem. A poeira negra que parecia cobrir tudo ali ficou com um rasto à sua passagem e pingou de uma longa cauda com picos.

"Picador da areia!", gritou alguém, e os mercenários com a caravana agarraram nas suas lanças, ameaçando a coisa enquanto ela voava até mergulhar a pique na poeira ao lado da larga faixa por onde eles viajavam.

Foi assim durante grande parte do percurso. Felldust era uma terra estranha, a poeira preta implacável apenas interrompida por manchas de verde, com metade das quintas ali consistindo em cultivos a crescer fora da paisagem desolada e escura. Os animais ali pareciam ser adequados à natureza devastadora do lugar. Havia ali lagartos de cor vermelho-sangue tão grandes quanto lobos que espreitavam a caravana, à procura de restos de carne. Havia ali estranhas plantas que cresciam a partir do pó, translúcidas como vidro. Ao longe, Stephania viu uma ave a voar em círculo, que ela tinha visto mais de perto no dia anterior, grande o suficiente para tapar o sol.

Chegar ali tinha sido tudo menos fácil. Tinha sido o calor, as bestas perigosas e a interminável poeira sufocante. Tinha havido até cavaleiros ao longe, embora Elethe lhe tivesse dito que tal não era um problema.

"Temos mercenários suficientes para matá-los e eles sabem disso. Felldust é um lugar onde o que importa é o poder que se tem, por isso, preparamo-nos."

"É diferente em algum lugar?", contrapôs Stephania. Se havia algum lugar que era diferente, ela não o tinha encontrado. Podia-se fingir que a lei e a moral eram suficientes, mas, em última instância, todos trabalhavam em benefício próprio.

A caravana mostrou isso muito claramente. O tio de Elethe tinha encontrado um mestre da caravana que claramente não tinha escrúpulos sobre o que transportava através de Felldust. Sim, havia ali especiarias e peças de tecido, mas Stephania também detetou os aromas de vapor do pulmão e jardim dos deuses, venenos, exceto em pequenas doses, mas muito utilizados como drogas pelos mais fracos mentalmente. Depois, havia a linha de escravos que se arrastava na poeira atrás da caravana principal, acorrentados uns aos outros e forçados por chicotes a caminhar. Por toda a sua conversa de não ter reis, Felldust era uma terra que esmagava os fracos por baixo dos pés ainda mais garantidamente do que o Império.

Stephania tinha passado mais outra hora desconfortavelmente sentada quando avistou uma povoação à frente. Não era grande, mas estava rodeada por postos de ponta aguçada e uma vala, obviamente, concebidos para impedir a entrada de cavaleiros indesejados. Stephania viu corpos empalados em alguns postes, presumivelmente como exemplos para os outros.

"Este é um campo neutro", gritou o mestre da caravana, num aviso que era, provavelmente, destinado tanto aos seus homens quanto a ela. "Qualquer um que ofereça violência a um homem livre aqui é morto por todos."

Eles dirigiram-se para o acampamento fortificado. Stephania viu ali comerciantes de todos os tipos, mas ela não tinha dúvidas de que o negócio principal do lugar eram os escravos. Jaulas para eles e correntes em linha assumiam grande parte do espaço. Outras áreas pareciam hospedar guerreiros a comemorar quaisquer que fossem os ataques que tinham realizado e tendas que poderiam ter tido curandeiros ou torturadores, armeiros ou caçadores de tesouros.

Stephania duvidava que o feiticeiro que ela procurava se encontrasse em tal lugar, mas uma vez que a caravana tinha chegado a um impasse para o mestre da caravana fazer negócios, fazia sentido procurar noutras direções.

"Pergunta por ai", disse ela para Elethe. "Vê se consegues descobrir mais informações sobre o local onde o feiticeiro vive."

"Onde o sol poente se encontra com os crânios dos mortos de pedra", disse Elethe com um aceno de cabeça, ecoando as palavras que Stephania tinha arrancado à velha bruxa, Hara. Stephania ficou impressionada por ela se lembrar das palavras com tanta precisão. "Eu vou encontrar o que é necessário."

Stephania esperou no palanquim, enquanto a sua aia foi tratar do que tinha a tratar. Ela não tinha nenhum desejo particular de caminhar pelo acampamento assistindo à violência e à crueldade. Oh, ela não se importava de todo com o negócio dos traficantes de escravos, porque o mundo era mesmo assim, mas isso não significava que ela precisasse de o ver.

Finalmente, Elethe voltou, e a emoção no rosto dela dizia que ela tinha encontrado algo.

"O que foi?", quis saber Stephania.

"Um dos traficantes de escravos diz que tem um homem que já esteve com o feiticeiro", disse Elethe. "Eu conheço os mortos de pedra, mas ele pode-nos dizer mais."

Isso era potencialmente útil.

"Não teremos de passar dias à procura do local onde o sol lhes bate", disse Stephania. Ela levantou-se, juntando-se a Elethe. "Leva-me até ele."

Ela caminhou pelo acampamento, vendo as cabeças dos guerreiros e traficantes de escravos a rodarem para olharem para ela. Ela estava acostumada a homens a olharem para si, mas havia ali uma intensidade que ela só tinha visto antes em Lucious.

Ela ficou grata por finalmente encontrar a tenda que ela procurava, embora olhar para ela reduzisse de alguma forma essa gratidão. Era uma grande tenda de sedas extravagantemente decorada com cenas que faziam com que até mesmo Stephania tivesse vontade de corar. Dois guardas corpulentos estavam ao sol, despídos da cintura para cima com machados amarrados às costas.

"Lady Stephania está aqui para ver Brek", disse Elethe, e os bandidos ficaram ali durante mais um pouco antes de se chegarem para trás.

Havia dois homens lá dentro sobre o tapete que formava o chão. Um estava de joelhos vestido com trapos, com algemas a prenderem-lhe os pulsos. O outro era parecido com os homens que estavam à porta se eles passassem mais de um par de décadas a beber e a cavalgar ao sol. Ele usava ornamentos de ouro em cada membro, e o machado ao lado dele tinha um punho gravado.

"És Brek?", perguntou Stephania.

"Sou", disse ele, apontando para Stephania para ela se sentar. Ela sentou-se, com Elethe ao lado dela como um guarda.

Stephania havia-se encontrado com muitas pessoas, em muitas circunstâncias diferentes. Aquela conversa estava muito longe das educadas conversas em salões nobres.

"A minha aia diz-me que podes ter informações que eu preciso", disse Stephania.

"Não foi isso que eu disse", respondeu Brek. "Eu disse que tinha uma pessoa que já esteve onde tu queres ir. E aqui está ela. Se tiveres dinheiro suficiente para lhe pagares."

Stephania devia ter adivinhado aquela parte, com um traficante de escravos.

"Eu quero falar com ele, não comprá-lo", disse Stephania.

Ela viu o traficante de escravos a encolher os ombros. "Tudo tem um custo."

Stephania encolheu os ombros também, porque o importante em momentos como aquele não era parecer chateada. "Quanto?"

"Bem, talvez pudesses entregar aquela tua linda serva?", sugeriu o traficante de escravos.

Stephania poderia tê-lo considerado noutras circunstâncias, mas ela valorizava bem o que era dela. Elethe era um recurso a ser gasto, mas não um a ser desperdiçado. Em vez disso, ela tirou um pequeno saco de joias. "Eu não sei muito sobre o teu... negócio, mas disseram-me que estas coisas fazem-se geralmente mais com ouro ou joias."

"Muito bem", disse Brek, agarrando no saco e derramando o conteúdo numa palma de mão carnuda.

Stephania ignorou-o enquanto ele contava, voltando a sua atenção para o homem que vestia trapos. "Conheceste o feiticeiro que vive perto das faces dos mortos de pedra?"

O homem olhou para ela com medo óbvio. "Eu... eu não posso..."

"Onde é que o posso encontrar?"

O escravo abanou a cabeça. "Ele disse que se eu alguma vez falasse dele..."

A já parca paciência de Stephania estava rapidamente a chegar ao fim. Ela olhou para o traficante de escravos. "Se ele é meu, há alguma coisa que me impeça de o levar a um torturador? Ou de o esfolar um pouco de cada vez, eu própria?"

"Nada", concordou Brek. O traficante de escravos parecia apreciar a perspectiva.

"Não, por favor...", disse o escravo. "Ele vive... numa montanha contorcida para lá do rio. Para lá do ponto de encontro do outro lado dos mortos de pedra.

Eles costumavam colocar lá os mortos. Eu subi para tentar roubar os túmulos, e..."

Stephania viu-o a fazer uma careta e, em seguida, apertar o peito. Ele tombou para a frente, e Stephania viu algo a rastejar da sua boca. Ela saltou repentinamente quando escaravelhos começaram a cobrir o tapete, e ela ouviu o traficante de escravos jurar na língua de uma das tribos de Felldust.

"Feitiçaria", disse ele, cuspiendo no tapete. "Tu trazes feitiçaria até à minha porta?"

"E agora estou a ir-me embora", disse Stephania. Ela atirou uma moeda para o corpo do escravo. "Pelo trabalho de limpeza do corpo."

Ela fê-lo da mesma maneira que faria se estivesse a dar dinheiro a um servo.

Era melhor recordar as pessoas do lugar a que elas pertenciam.

"Dá os meus cumprimentos ao teu mestre da caravana", disse Brek para Elethe, aparentemente ignorando Stephania completamente. "Ele é um velho amigo."

Ela e Elethe correram de volta para a caravana, onde parecia que os negócios haviam terminado. Ao longe, ela olhou ao redor, observando o homem que o tio de Elethe tinha encontrado a falar com os seus homens. Ela viu-o a olhar em frente para elas e a sorrir de uma forma que a fez parar.

"Vai ter com os homens", disse Stephania. "Dá-lhes uma mensagem minha."

Ela sussurrou-a para Elethe, que olhou para ela com surpresa.

"Talvez não seja necessário", assegurou-lhe Stephania. Embora Stephania duvidasse disso. Ela sabia como eram os homens.

Ela deu um passo para trás para o seu palanquim, à espera, enquanto os escravos que o transportavam o levavam de volta ao caminho. Ela acomodou-se com Elethe, esperando pela longa jornada que se seguia e fazendo mais planos.

Quando parou apenas passado alguns minutos, ela sabia que tinha tido razão.

"Prepara-te para problemas", disse ela.

Efetivamente, quando ela saiu do palanquim, o mestre da caravana estava lá, junto com um grupo dos seus homens, esperando ao lado da estrada, com expressões estabelecidas.

"Deixa-me adivinhar", disse Stephania. "Estamos agora bem fora dos limites do território neutro."

O homem estendeu as mãos. "E Brek fez uma oferta por ambas. Uma oferta considerável."

"Eu tenho a minha própria", disse Stephania, usando a sua mão com luva para atirar uma moeda para o homem. Ela viu-o a agarrá-la.

"Achas que tens alguma coisa que eu não possa..."

Stephania observou os seus olhos a arregalarem-se enquanto o veneno se apoderava.

"A minha oferta não é para um homem morto", disse Stephania. Ela virou-se para os homens que estavam com ele. "E a coisa sobre mercenários, eu acho, é que eles tendem a trabalhar para quem faz a maior licitação."

Ela estalou os dedos, e mercenários emergiram dos vagões, descendo com espadas e tacos sobre quem tinha ficado com o mestre da caravana.

Stephania sorriu, observando a carnificina.

Ninguém poderia impedi-la agora.

## **CAPÍTULO CATORZE**

Quando Thanos olhou por cima da amurada do navio e viu Ceres a aproximar-se do cais, o seu coração disparou. Teria ela vindo para o ver partir na sua viagem? Teria ela vindo para se juntar a ele, viajando com ele para Felldust?

Ele sabia que tal não poderia realmente acontecer, mas mesmo assim, ele poderia desejá-lo. Tão pouco tempo depois de a reencontrar, a última coisa que ele queria era ir-se embora. Pensar no perigo que Lucious ainda representava era suficiente para convencê-lo de que ele precisava de fazer aquela viagem.

O navio era uma das galeras maciças retiradas ao Império, agora tripulado por voluntários, em vez de escravos. Eles tinham dado a Thanos uma cabina virada para a parte de trás, e ele estava a ir para lá naquele momento. Ele queria encontrar-se com Ceres em qualquer lugar onde eles pudessem estar juntos em privado. Se aquela era para ser a última vez em que eles iam estar juntos durante algum tempo, Thanos queria paz suficiente para que pudesse ser especial, mesmo que fosse numa cabina que estava quase vazia, tendo apenas uma cama e uns baús onde ele tinha a sua armadura, roupas e armas. Ele estava

à ponta da cama, imaginando qual seria o aspeto dela quando ali chegasse, com os olhos cheios de amor, e felicidade a coincidir com a sua, por se conseguirem ver um ao outro mais uma vez.

Ele não estava à espera de raiva ou dor, ou de qualquer uma das outras coisas que ele viu na expressão dela quando ela abriu a porta da cabina, ali de pé contra a luz, bonita e implacável em partes iguais.

"Ceres?", disse Thanos, de pé para a receber. "O que foi? O que é que se passa?"

Ao dizê-lo, porém, ele soube que só podia ser uma coisa.

"O que é que se passa?", perguntou Ceres. Ele conseguia ouvir a dor por detrás de tudo o resto. "A rainha tinha imensas coisas a dizer sobre ti - e sobre Stephania."

Ele ficou apreensivo, querendo saber o que ela poderia ter dito. Ele mal sabia o que dizer.

"Ela disse que tu e Stephania eram casados", acrescentou. "Que ela estava grávida da tua criança."

Ele ficou abalado e de ombros caídos. Que tolo ele tinha sido por não lhe ter contado ele próprio.

"É verdade", disse ele, numa voz quase inaudível.

Ele olhou para cima e preparou-se para a reação de raiva, mas a tristeza que viu no rosto de Ceres foi pior.

"Tu *casaste*-te com ela? Disseste realmente sim para se tornares marido daquela *cobra*?"

Naquele momento havia descrença juntamente com a dor.

Thanos fez o seu melhor para explicar. "Eu pensei que tinhas morrido."

"Então não perdeste tempo em ires ter com ela?", ripostou Ceres.

Ele não sabia o que dizer; ele sabia que não era assim, e, no entanto, ele não sabia como verbalizar plenamente tudo o que tinha acontecido.

"Por favor, deixa-me explicar", disse Thanos.

Ele viu Ceres ali de pé com os braços cruzados. Ele sabia que independentemente do que ele dissesse naquele momento, ambos iriam, ainda assim, sofrer.

"Que tal dizeres-me a verdade?", disse Ceres.

"Eu não te queria magoar", disse Thanos.

"Achas que isto não magoa?", ripostou Ceres. Thanos pensou ter visto o início de lágrimas nos olhos dela. "Tu devias-me ter contado tudo, Thanos."

Ele baixou a cabeça.

"Tens razão", disse ele. "Eu deveria ter-te contado tudo. Mas eu tinha medo de estragar as coisas. Eu

casei-me com Stephania, é verdade. Eu pensei que tinhas morrido, e ela foi a única pessoa que esteve lá para mim quando tu te foste e... eu não estou a dizer nada de jeito."

"Continua", disse Ceres, embora houvesse ali uma nota de insensibilidade, quase como se ela estivesse a tentar proteger-se da dor. Thanos conseguia entender isso. Ele teria feito qualquer coisa para não a magoar daquela forma.

Qualquer coisa, menos dizer-lhe a verdade, para começar, aparentemente.

"Foi ela que me ajudou a procurar quem me tinha tentado matar. Eu pensava que tinha sido Lucious. Eu sentia como se Stephania fosse a única pessoa em que eu podia confiar. Eu acho que parte disso... todos queriam que nós nos casássemos, de qualquer maneira, originalmente, por isso parecia quase como se eu não conseguisse resistir à maré... "

Thanos poderia ouvir-se a si mesmo a dizer tudo da forma errada. Como poderia ser tão fácil combater através dos inimigos e ser tão difícil conversar com a mulher que ele amava?

"Nós casámo-nos e... e tal pareceu tirar um pouco da dor. Quando eu ouvi que iria ser pai, fiquei tão feliz. Então eu descobri que tinha sido Stephania que me tinha tentado matar."

Thanos viu a surpresa no rosto de Ceres e prosseguiu. Ele precisava que ela entendesse o que tinha acontecido.

"Ela ajudou-me a fugir das masmorras quando eles me acusaram de ser um traidor, mas nessa altura eu já tinha visto muito do que ela era. Ela tinha assassinado tantas pessoas e traído qualquer um que se atravessasse no seu caminho. Quando eu ouvi que tu poderias ainda estar viva, quando soube que ela me tinha mentido sobre ti, então eu abandonei-a por ti. Eu deixei-a para vir à tua procura. Eu escolhi-te a ti."

Ceres parecia não se importar.

"Porém, tu voltaste por causa *dela*", salientou Ceres. "Tu sabias que eu estava viva, mas voltaste a correr para Delos por ela."

Thanos abanou a cabeça.

"Não foi nada disso", ele insistiu. "Eu senti-me culpado por ter fugido, abandonando a minha esposa e filho. A marinheira que eu salvei da Ilha dos Prisioneiros... ela fez-me ver o quão errado era simplesmente virar costas assim, deixando Stephania em perigo ".

"Ela?", questionou Ceres, e a sua expressão endureceu-se novamente. "Soa como se te tivesses simplesmente *cercado* de mulheres desde que eu me fui embora."

"Felene não é..., ela não... Eu limitei-me a salvar-lhe a vida e ela ajudou-me a navegar de volta para Delos. A ideia era que ela ajudasse Stephania a ir-se embora de barco se o rei a libertasse em troca de mim."

Thanos sabia que não se estava a sair bem com aquilo, mas era como se ele não conseguisse parar.

"Ofereceste-te para trocar a tua vida pela dela?", perguntou Ceres, e Thanos conseguiu ver como ela

estava paralisada. "Ama-la o suficiente para fazer isso por ela?"

"Eu... eu amo-a", admitiu Thanos, "Mas é diferente da forma como eu te amo a ti, Ceres, e isto foi obrigação, não amor. Eu queria fazer o que era correto."

"Eu acho que tu não tens nenhuma ideia do que é correto", disse Ceres.

Thanos conseguia ver as lágrimas a caírem-lhe abertamente dos seus olhos naquele momento.

Ele estendeu a mão para confortá-la, e Ceres recuou.

"Não, não me toques. Não depois disto."

"Ceres, deixa-me apenas..."

"Explicar? Eu acho que explicaste o suficiente. Eu sei que eu já ouvi o suficiente. Já ouvi o suficiente, Thanos, e eu... eu não consigo lidar com isso. Eu não consigo fazer isto."

Ela virou-se para a porta, e Thanos deu um passo atrás dela. Ela deteve-o com um olhar.

"Não faças isso. Não me sigas. Não tentes com que isto resulte, porque não

vais conseguir. Acabámos, Thanos. Eu não quero voltar a ver-te."

Ela saiu da cabina com a mesma velocidade que Thanos a via usar quando ela lutava, quase mais depressa do que ele conseguia seguir. Ele ouviu a porta bater, com tal força que parte da madeira ali se partiu, fazendo voar lascas, tão compridas quanto o antebraço de Thanos, pelo convés.

Thanos correu para a porta, abrindo-a apesar dos estilhaços cortantes da coisa se terem enterrado na palma da sua mão, fazendo sair sangue. Thanos não se importava. A única coisa que importava naquele momento era Ceres. Ele tinha de encontrá-la. Ele tinha de impedir que ela se fosse embora de modo a conseguir encontrar palavras melhores para explicar o que tinha acontecido.

Tinha de haver alguma maneira de ele conseguir libertar para fora tudo o que lhe ia no coração, para que Ceres o conseguisse ver.

Ele correu para a amurada do navio, procurando por sinais de Ceres, não se importando por deixar uma impressão na madeira da sua palma sangrenta.

Porém, Thanos não viu nenhum sinal dela, mesmo quando observou a doca mais ao longe, procurando por ela.

Ele agarrou um marinheiro pela túnica nas proximidades, girando o homem para que olhasse para si.

"Onde está Ceres?", perguntou ele. "Viste-a?"

Thanos só percebeu que ele estava a gritar quando viu o medo no rosto do homem.

"Ela passou a correr", disse o homem. "Eu nunca vi ninguém a mover-se tão depressa. Ela saltou do lado do navio para as docas como se não fosse nada."

Depois, desapareceu."

Thanos correu para a amurada novamente, apoiando-se contra ela, preparando-se para replicar Ceres. Ele não esperava conseguir acompanhá-la, mas ele sabia para onde ela estaria a ir: de volta para o castelo. De volta para o seu irmão e para o seu pai. Ele poderia encontrá-la lá. Ele poderia falar com ela.

Ele poderia...

Ele ficou ali a chorar, sentindo as lágrimas a caírem-lhe silenciosamente pelas maçãs do rosto. Ele agarrou-se à amurada do navio, e, naquele momento, aquilo era a única coisa que fazia com que Thanos aguentasse. Ele sentia-se tão fraco e instável como se tivesse sido esvaziado, com o mundo ao seu redor a parecer girar enquanto ele lutava para manter as suas lágrimas quietas. Ele não conseguia detê-las, mas ele também não podia deixar que alguém as visse.

Ele sentia-se da mesma maneira que se tinha sentido quando lhe disseram que Ceres tinha morrido. Não. Agora, Thanos sentia-se pior, porque aquela perda era culpa dele. Sem Ceres, ele sentia-se tão inútil que ele poderia ter-se atirado ao mar se não fosse óbvio que os marinheiros que lá estavam o tirariam de lá.

Como é que ele tinha estragado tudo? Não fazia sentido para Thanos. Ele tinha tentado tanto fazer tudo certo. Ele tinha tentado ajudar a rebelião. Ele tinha tentado parar os piores excessos da governação do Império. Ele tinha lutado ao lado dos rebeldes em Haylon. Quando ele tinha ouvido falar sobre Ceres, ele tinha ido procurá-la, e ele tinha feito o seu melhor para cumprir o seu dever com Stephania enquanto sua esposa.

Ele tinha tentado ser um bom homem, e, no entanto, de alguma forma, tudo se tinha tornado mais complicado do que ele poderia imaginar.

"Príncipe Thanos", perguntou o marinheiro que ele tinha agarrado: "Está tudo bem? Estamos prestes a deixar o porto, mas se precisares de algum tempo..."

Thanos forçou-se a, pelo menos, parecer como se ele tivesse controlo sobre si mesmo, ainda que, por dentro, ele se sentisse como se as suas emoções estivessem a mergulhar num poço sem fundo.

"Eu estou bem", ele mentiu. Afinal de contas, ele era bom em mentir, não era? Ele tinha mentido a Stephania e a Ceres. Ele tinha mentido à sua família e ao Império. Em todas essas vezes, parecia ter havido uma boa razão. Em todas essas vezes, ele só tinha causado dor.

Ele sentiu o solavanco do navio debaixo de si quanto começou a afastar-se do cais, mas aquele não conseguiria estremecer tanto quanto o seu estômago já estava. Mesmo naquele momento, ele queria saltar do navio enquanto ele se virava, nadar a curta distância até à costa e encontrar Ceres.

Ele não podia, porém. Tal não era uma opção, a partir do momento em que ela tinha saído a correr da cabina. Ele não conseguiria resolver a situação conversando com ela. Não havia nada ali para ele. Não enquanto ela o odiasse.

Em Felldust, havia algo à sua espera. Thanos não sabia o quê, mas naquele momento ele não se importava. Ele sabia o quão hostil aquilo era. Ele sabia o quão perigoso podia ser tentar encontrar o seu irmão e parar a invasão antes de começar. Antes, ele tinha estado preocupado se conseguiria voltar.

Agora, isso não importava. Ele mataria Lucious, e, se isso significava a sua morte, ele estava pronto.

## CAPÍTULO QUINZE

Felene acordou com dores. Ela estava deitada de costas, estendida e ferida, olhando para o sol enquanto andava à deriva nas ondas. A água passava por cima da sua boca e ela cuspiu-a, amaldiçoando a sua própria fraqueza.

Ela demorou um pouco a perceber que a dor era mais localizada,... *mais profunda* do que deveria. O tipo de dor que só se tinha quando algo estava a arrancar uma parte da pessoa.

Felene girou, agitando-se. Um pequeno tubarão nadou para longe antes que ela lhe conseguisse fazer qualquer coisa. Ela tentou manter-se calma, mas havia outras formas na água.

*Já te aconteceram coisas piores*, recordou-se a si própria, pensando na Ilha dos Prisioneiros. As torturas e a violência, os grupos de caça de guardas que não eram mais do que os prisioneiros mais fortes e os cães selvagens daqueles que não conseguiam ser controlados.

Ela sobreviveu, porém, e se ela tinha conseguido sobreviver àquilo, ela conseguiria sobreviver a isto.

"Mal", sussurrou ela, cuspiendo outro bocado de sal pulverizado quando as ondas passaram sobre si. "E mesmo aquilo era responsabilidade de Thanos. Eu acho que ele não vem até aqui para te salvar, Felene."

Nem a qualquer outro lugar, dada a forma como as coisas estavam quando ela se tinha ido embora. Ela tinha quase a certeza que Thanos já estaria morto naquele momento, assassinado pelo Império. Ela teria de se salvar a si mesma, se conseguisse, e tal não parecia provável naquele momento. Não com as criaturas que se estavam a juntar na água.

Uma dirigiu-se a si naquele momento, com todos os seus elegantes, afiados e letais dentes. Felene debateu-se com ela quando ela se aproximou para a sondar, e, de alguma forma, conseguiu rodar o braço na água atacando a besta no seu focinho. Ela enrolou-se para trás, obviamente, mais assustada do que ferida, e partiu para as profundezas.

Porém, Felene não tinha dúvidas de que a criatura voltaria. Haveria outras coisas por ali também: enguias-faca, peixes-espigão, talvez lulas-sangue ou pior.

E mais tubarões. Haveria sempre mais tubarões.

Ela conseguiu olhar, vendo uma linha de costa em frente. Por um momento, ela não se conseguiu lembrar onde estava. Não era a Ilha dos Prisioneiros, da qual ela ainda se conseguia lembrar. Então, ela lembrou-se. Ela estava na costa

de Felldust. A interminável poeira preta do local devia ter-lhe dito isso, mesmo tendo em conta que ela não se conseguia lembrar.

Era demasiado longe para ela ir a nadar.

Felene sabia-o intuitivamente, da mesma forma que ela poderia saber o quão longe ela conseguiria saltar quando saltava de um telhado para o outro, ou se uma tranca poderia ser facilmente forçada no tempo que

ela tinha antes dos guardas chegaram. Ela sentia a ferida nas suas costas, feita tão casualmente, como se fosse algo que Stephania fizesse quase diariamente. Talvez ela o fizesse.

Felene não tinha a certeza de quanto tempo ela tinha estado a flutuar assim.

Era difícil saber. Dada a sua ferida, era um milagre que os grandes tubarões não a tivessem já matado. Eles ou as coisas ainda piores que espreitavam nas profundezas. Felene já tinha visto o suficiente daquelas criaturas no seu tempo, desde as lulas perfurantes cujos tentáculos empalavam as suas presas, às serpentes do mar que poderiam deslizar sobre as ondas mais do que o comprimento de um navio com asas tipo teia antes de mergulhar de volta sob a superfície.

Ela estava tão ocupada a pensar nas criaturas que ela quase não via os restos de um mastro a flutuar na água, obviamente os restos de um navio que tinha caído refém da costa de Felldust.

Acontecia. Ela tinha estado antes a cem léguas de terra e ainda se deparava com os destroços de barcos inteiros, a flutuarem quase intactos, sem qualquer sinal da sua tripulação. Havia aqueles marinheiros que consideravam tais coisas má sorte, mas Felene sempre tinha sido da opinião de que, desde que ela não embatesse contra o que quer que fosse que os tinha deixado vazios, estava tudo bem.

Naquele caso, ela teve mais sorte do que poderia ter esperado. Ela nadou na direção dele, ergueu-se lá para cima caindo de costas, demasiado fraca naquele momento para fazer mais.

Ela flutuou um pouco mais, olhando para o céu, lambendo os lábios. Ela estava com sede, apesar da água em torno de si, mas não se atreveu a bebê-la.

Ela tinha visto homens a enlouquecerem por beberem água do mar quando estavam com sede, delirando e, geralmente morrendo. Felene não queria juntar-se a eles.

Então, mais uma vez, ela também não queria acabar assim. Ela devia ter visto a traição a chegar. Ela *tinha-a* visto a chegar. Ela tinha percebido o envenenamento fracassado de Stephania, e a tentativa de Elethe para auxiliar a sua senhora. Só que Felene também deveria ter visto o último ataque a chegar.

Algures abaixo dela, ela sentia criaturas a roçarem o mastro.

Talvez ela devesse ter adivinhado o caminho que a lealdade de Elethe seguiria, mas Felene nunca resistia a uma cara bonita. Houve um tempo em ela tinha perdido quase tudo o que tinha naquele salão de festa em... onde é que tinha sido mesmo? Isso importava agora?

Felene sentia a dor nas costas onde ela tinha sido esfaqueada. Pior, ela sentia algo ainda na ferida, preso lá como uma tampa. Parecia que a faca destinada a matá-la, lhe tinha salvado a vida. Felene tentou agarrá-la, colocando a mão na água e empurrando a sua mão para trás, quando algo áspero e sem pele roçou em si.

"Talvez eu a deixe onde está por agora", disse Felene.

Talvez a coisa mais fácil tivesse sido dar-se por vencido naquele momento.

Simplesmente mergulhar sob as ondas e deixar-se afogar. Marinheiros haviam-lhe dito que havia maneiras muito piores de morrer. Que poderia até mesmo haver agradáveis visões no final. Como exatamente eles sabiam isso, Felene não sabia.

Porém, ela não podia ceder. Ela deu por si a pensar em Thanos. Ele não teria cedido. Ele tinha cruzado o mar à procura da mulher que amava. Ele tinha desistido de si mesmo para salvar uma cobra como Stephania. Ele *tinha* sobrevivido a um ferimento como aquele, quando o Typhoon o havia esfaqueado.

"Agora... eu só preciso... emular o seu exemplo", disse Felene a si mesma.

Ela ainda estava a tentar descobrir como fazê-lo quando viu madeira a flutuar, não muito longe de si. Era, obviamente, mais um destroço do que quer que fosse que tinha despedaçado o navio em cujo mastro ela flutuava. Felene agarrou-a. A sua mão fechou-se à sua volta exatamente quando uma bocarra dentada saiu da água. Daquela vez, Felene atacou com toda a força que tinha e a coisa afundou-se de volta para baixo.

Ainda bem que não tinha sido com força suficiente para partir a madeira. Era a coisa mais próxima de um remo que ela tinha.

Remar doía-lhe. Doía-lhe como se Stephania estivesse a espetar-lhe a faca nas costas mais uma vez. Era uma agonia a cada remada que ela dava com a madeira flutuante. Felene já havia estado ferida antes. Ela havia sido golpeada em lutas em terra e mar. Ela havia lutado pela sua sobrevivência na Ilha dos Prisioneiros. Ela havia até rasgado as pernas nos picos que havia em cima de uma cerca, saltando do quarto de uma nobre cuja joias ela havia roubado.

Nada daquilo lhe tinha doído assim, e, com todos os movimentos das mãos de Felene contra a madeira áspera da pá, ela sentia-se como se fosse desmaiar de dor. Curiosamente, foi a memória do rosto de Elethe à sua frente que a impulsionou a continuar.

Felene não sabia o que fazer com ela. Tinha havido um lampejo de algo no seu olhar quando Stephania atacou. Quase um pedido de desculpas. Talvez mais.

Felene certamente tinha *pensado* que havia mais durante os dias que elas tinham navegado juntas. Talvez ela se tivesse apenas deixado entusiasmar. Elethe tinha sido suficientemente rápida a segurá-la no lugar enquanto a sua senhora lhe enfiava a faca, e ela tinha mentido desde o primeiro momento em que apareceu no barco.

"Enganada mais uma vez", disse Felene, com um estremecimento que não era inteiramente da dor nas costas. Já tinha acontecido antes. O nobre que a tinha colocado na Ilha dos Prisioneiros tinha-a enganado, afinal. Em seguida, tinha havido uma cortesã que a tinha forçado a um duelo com um comerciante nas Ilhas de Seda, aquele recetador que tinha fugido com as coisas que ela havia cuidadosamente pilhado na rua de mendigos, uma variedade de amantes que tinham prometido... bem, quase tantas coisas como ela tinha, ao longo dos anos.

"Ok", disse Felene para si mesma, enquanto tentava remar o seu mastro recuperado. "Já percebi. Sou basicamente uma idiota."

Ela golpeava na água com o remo como o pior dos marinheiros de água doce. Ainda assim, ela foi, de alguma forma, capaz de virar o mastro de frente para a costa. Felene tapou-se o melhor que conseguiu e continuou a remar, fazendo o seu melhor para ignorar algumas das sombras na água abaixo de si.

Quando ela não conseguia lidar com isso, ela tentava olhar para além delas.

Havia construções lá em baixo de pedra lisa, parecendo tão perfeitas como se tivessem acabado de ser deixadas para trás há um ou dois dias. Ela conseguia ver peixes lá em baixo, a nadarem por entre os restos de qualquer que fosse a povoação, antes das guerras que tinham aniquilado do mundo os Anciãos.

Ela continuava a remar. Naquele momento, Felene conseguiu sentir o impulso de uma corrente debaixo de si. Não, não era uma corrente, era a maré. A maré tinha-a apanhado. Felene sabia que o que ela tinha de fazer naquele momento era segurar-se ao mastro que estava a impedi-la de se afogar. Mesmo assim, ela continuou a remar, porque uma marinheira que se deixasse à mercê da maré era uma marinheira que acabaria nas rochas.

Como se o pensamento os tivesse convocado, Felene vislumbrou imensos picos de rocha escura à sua esquerda, irregulares e vomitando espuma onde a água os atingia. Felene não queria pensar no que aconteceria se ela os atingisse também.

Porém, ela ia descobrir. Havia uma mancha de praia escura ao longe à sua direita, mas uma prancha meia podre não ia ser suficiente para puxá-la para lá.

Ela sentiu o mastro a estalar quando ele chocou contra uma rocha. Felene

utilizou os seus últimos vestígios de força para nadar para a costa. Se ela não o fizesse naquele momento,

não haveria uma segunda hipótese.

Felene remava enquanto os seus músculos lhe ardiam. As suas costas mais do que lhe ardiam. Ela gritava contra a agonia daquilo, mas continuava.

Eventualmente, finalmente, ela sentiu o mastro raspar de encontro a xisto e areia.

Ela saltou para a praia. Havia outros destroços por lá espalhados. Incluindo o que se parecia com um barril intacto.

Ela cambaleou para a frente, dirigindo-se para o barril. Pelo menos ela tinha deixado os tubarões para trás. Só que, mesmo ao olhar para trás, Felene viu um crocodilo endurecido a impulsionar-se da rebentação.

"A sério?", exigiu saber de algum deus que pudesse estar a ouvir. "Será que eu fiz realmente assim tanto que vos tenha ofendido a todos?"

Ela segurou o seu tronco à sua frente, enquanto o crocodilo avançava. Ela ondulava-o como se ele pudesse de alguma forma dissuadir a criatura de atacar.

Ela tentou saltar para trás quanto ele estalou as suas mandíbulas, mas elas prenderam-se à volta da madeira com força, arrancando-a das suas mãos.

"Não podemos simplesmente considerar isto um empate?", perguntou Felene à coisa, que continuava a bambolear-se estupidamente para a frente.

Só havia uma coisa a fazer, e isso ia doer.

Ela não hesitou, porque hesitar só iria piorar a situação, e, porque, francamente, faria com que ela fosse comida. Em vez disso, ela tentou alcançar as suas costas, gritando enquanto arrancava o punhal que Stephania havia lá enfiado. O crocodilo rugiu em resposta e, depois, saltou para a frente.

Felene atirou-se para a frente para ele, em torno da abertura daquelas mandíbulas, apontando para as costas do animal. Atirou-se para ele, para tão perto como os amantes, embora até mesmo a maioria dos amantes de Felene não trouxessem facas com eles. Aquela era longa e afiada, com forma de folha e com um ar mortífero. Felene achava que deveria estar grata. Stephania não utilizava armas de categoria inferior quando tentou assassinar pessoas.

Ela apunhalou para baixo, repetidas vezes, sem se atrever a parar. Abaixo dela, Felene sentia o crocodilo a agitar-se, os cumes duros das suas escamas a cortarem-na enquanto Felene tentava segurar-se. A única questão agora era quem iria sangrar até a morte primeiro. Quem era mais teimoso.

Havia apenas uma resposta para isso. Felene continuava a esfaquear.

Ela continuou a esfaquear até sentir o crocodilo quieto, e depois também, porque aquele não era o tipo de animal com o qual se corresse riscos. Ela rebolou das costas dele. Nem sequer ia tentar colocar-se de pé.

Os olhos dela fixaram-se no barril. Parecia o tipo de barril que um marinheiro usaria para brandy. Ela

*esperava* mesmo que aquilo tivesse brandy.

Ela rastejou pela praia até ao barril, e, quando lá chegou, fê-lo rebolar da mesma maneira que teria feito para ajudar um velho amigo a ir para a beira-mar. Ela usou-o para se sustentar para cima enquanto abria caminho para a areia escura acima deles. Felene olhou para a linha da maré, sabendo que tinha de passar acima dessa linha, ou todos os seus esforços seriam em vão. Alguns marinheiros de água doce poderiam ter ficado na areia molhada, mas isso era apenas uma receita para se afogarem depois, em vez de agora.

Pensar em Elethe não lhe dava força para tanto, não depois da luta com a besta, mas a imagem de Stephania dava-lhe. Felene tinha trazido Thanos de volta para ela. Ela tinha-o forçado a voltar, quando ele poderia ter estado em segurança, indo para longe de Delos tanto quanto conseguisse. Felene havia trazido para a sua morte um dos poucos homens que realmente respeitava por Stephania, e a princesa tinha traído isso, com uma faca nas costas.

Não, ela tinha traído isso muito tempo antes, quando ela tinha mentido. O

facto de ela ainda estar grávida provava isso. A mensagem que ela tinha enviado através de Elethe tinha sido uma invenção, para prender Thanos em alguma teia.

Quando Felene pensou nelas as duas juntas, provavelmente a rirem-se da sua tolice, foi o suficiente para fazer com que a raiva fervesse dentro de si.

Felene tinha feito juramentos no seu tempo, sobre deuses e homens e mais coisas. Ela não tinha sido sempre assim tão boa a cumpri-los, mas sabia como as coisas aconteciam. Havia uma maneira de fazer essas coisas, fazendo juramento sobre elas com sangue, ossos e bebida forte. Se ela ia fazer isso, ela ia fazê-lo corretamente.

Sangue era bastante fácil. Sangue apenas significava alcançar o local do seu corpo onde a faca tinha estado espetada, voltando manchada com vermelho que parecia muito brilhante à luz do sol da praia. Ela convocou à sua mente os rostos dos seus supostos assassinos e fechou a mão.

"Vingança."

Ossos era mais difícil, mas a criatura reptilínea com forma de crocodilo ainda ali estava, morta, e, em qualquer caso, aquela era o tipo de praia onde as coisas mortas como aquela davam à costa. Não demoraria muito tempo a encontrar os restos de algum pássaro morto, há muito limpo pelos seus companheiros necrófagos. Felene arrastou-se até à criatura, prendendo-a com a mão.

"Vingança."

Quanto à bebida forte...

Felene rastejou de volta para o barril, agarrando um local onde ela conseguia ver uma rolha de cortiça saliente. Ela usou a pouca força que lhe restava para a

libertar, colocando as mãos por baixo para receber o vinho, ou rum ou conhaque escuro.

"Três vezes que eu juro vingança e... bolas! Água?"

Uma hora antes e ela teria matado por água. Não era assim que as coisas simplesmente funcionavam? Ela deitou-se na areia, a olhar para cima. Não era assim que a vida dela simplesmente corria nestes dias? Ainda assim, a água era como vingança, decidiu ela quando os seus olhos se começaram a fechar.

Ela tomaria o que ela conseguisse.

## CAPÍTULO DEZASSEIS

Lucious caminhava ao longo dos corredores da torre de cinco lados de Felldust, quase empurrando o servo que o levava na direção das câmaras do conelho.

*Eles mantiveram-te à espera o tempo suficiente,* sussurrou a voz do seu pai no seu ouvido.

Oh, os servos tinham-lhe falado sobre estender todas as cortesias, mas não o tinham praticamente posto em prática. Ele teve vinho e um quarto mais adequado a um comerciante de passagem. Mesmo as escravos que ele vira tinham-se ido embora antes que ele conseguisse divertir-se com elas.

*Talvez eles tivessem ouvido falar de ti.*

Agora, porém, o servo à frente dele levava-o por uma escada em espiral para o local onde um conjunto de portas duplas se fechava juntamente num pentágono com uma máscara e pedra esculpida em cada um dos pontos. Não havia guardas na porta, o que Lucious achou um pouco surpreendente. Um líder tinha sempre inimigos.

"O Primeiro Pedregulho vai ver-te agora", disse o servo, virando-se e saindo, de seguida, sem sequer abrir as portas a Lucious. Ele esperava que um rei abrisse as suas próprias portas agora?

Ele fê-lo, mas de má vontade. Ainda por cima porque a pedra pesada das portas significava que ele as tinha de empurrar com o ombro, para que elas se movessem.

A sala para além das portas devia ocupar todo o espaço daquele piso da torre.

Os seus lados seguiam as paredes exteriores da torre, erguendo-se numa pedra escura sem adornos que parecia muito sombria para um espaço onde os governantes se reuniam. Deveria haver ouro ali. Deveria haver sedas.

Deveria haver um trono, mas em vez disso, havia uma mesa de pedra de cinco lados, com cinco cadeiras de madeira enegrecida à sua volta. A mesa era o único lugar onde brilhava ouro, linhas dele derramavam em sulcos da pedra no que parecia a Lucious como padrões abstratos. Ele levou um momento para perceber que aquilo ali era um mapa, que mostrava Delos e Felldust juntamente com as terras do sul e as planícies geladas.

*Lugares que tu nunca vais governar,* disse a voz do seu pai.

Apenas uma das cadeiras ao redor da mesa estava ocupada, O homem que lá estava olhou para Lucious de igual para igual quando ele entrou na câmara do

conselho. Mesmo se o servo não tivesse dito quem estava à espera de si, Lucious teria reconhecido Irrien, o Primeiro Pedregulho.

Ele tinha cabelos escuros e pele cor de bronze, ombros largos, mais jovem do que Lucious pudesse ter pensado, com o tipo de força que noutro homem poderia facilmente ser gordura, mas que nele era sinónimo de poder. Ele parecia ter vindo da história de um trovador, e Lucious tinha ouvido falar muito de como ele tinha tomado a sua posição, tanto através da sua capacidade de inspirar como através da sua força de braços. As suas roupas eram de veludo escuro e couro, e usava luvas apesar de estar dentro de casa. Um lenço solto estava pendurado à volta da sua garganta, mas Lucious imaginava que ele o puxaria para cima sempre que fosse lá fora, para o proteger da poeira interminável. Uma lâmina numa bainha de couro preto estava na mesa, suficientemente grande para que Lucious duvidasse que ele a conseguisse ter empunhado. Ele não usava coroa, apenas um fragmento de pedra polida numa corrente que parecia que se encaixaria num sulco na mesa.

*É tudo o que ele precisa.*

Ele disse algo numa língua que Lucious não falava.

"Primeiro Pedregulho Irrien?", perguntou Lucious na língua do Império. "Eu sou Lucious, Rei do Império, filho de..."

"Eu sei quem tu és", respondeu Irrien com uma voz que se fez transportar pelo quarto. "Eu também sei o que tu és."

Lucious movimentou-se para se sentar numa das outras cadeiras ao redor da mesa. Ele tinha a mão sobre ela quando viu Irrien a abanar a cabeça.

"Eu não faria isso. Senta-te numa cadeira de pedra e estás a desafiá-lo para a sua posição. Helten comanda bandidos mais do que suficientes para fazer com que isso seja imprudente".

*Fá-lo*, instigou a voz do seu pai. *Eu gostaria de te ver a lutar contra um dos pedregulhos.*

"Queres que eu fique de pé?", exigiu saber Lucious. "Eu sou um rei! Aquele a quem Felldust jurou a sua amizade enquanto um aliado."

"Tens sorte de eu não te mandar ajoelhar", disse Irrien. Ele levantou-se então, e Lucious olhou para o outro homem. "Ali, é melhor? Porque é que não imploras aquilo que vieste aqui implorar?"

"Eu não imploro", disse Lucious, com os punhos a cerrarem-se quase inconscientemente.

"Continua", disse Irrien. "Se queres lutar comigo, podemos lutar. Outros homens já o tentaram fazer. Quando eu matei o meu pai, foi num duelo justo, com todas as pessoas da poeira a olharem."

*O que torna tudo muito melhor.*

"Eu não...", começou Lucious, mas ele não conseguiu encontrar as palavras para acabar perante o olhar fixo do outro homem.

"Não me tomes por um idiota", disse Irrien. "Achas que eu não tenho espiões? Achas que não há uma coleção de corvos a transportarem mensagens para esta torre? Tu mataste o teu pai. Agora, eu não estou a julgar. Um homem deve ser prático sobre estas coisas. Mas eu tenho pouco tempo para mentirosos."

Lucious podia sentir a sua raiva a crescer, e o pior de tudo era que ele sabia que o outro homem o tinha provocado deliberadamente. Ele não daria ao Primeiro Pedregulho de Felldust a satisfação de o provocar para o ataque.

"Não há nenhuma necessidade de nós estarmos em desacordo", disse Lucious com um sorriso forçado. "Eu vim aqui para pedir a ajuda de Felldust, como um aliado do Império. Eu quero que me ajudes a recuperar o trono do Império e a derrubar os traidores que o tomaram dos seus legítimos governantes."

"É verdade que temos sido aliados", disse Irrien. Ele caminhou até uma das janelas do quarto, apontando para Lucious a seguir.

*Talvez ele te queira atirar fora.*

Lucious pensou nisso por um momento e, depois, passou à frente. Ele não iria mostrar medo.

"O que é que vês lá fora?", quis saber Irrien.

Lucious olhou. A cidade espalhava-se lá em baixo, com a poeira a pender para lá à medida que o vento soprava.

"Eu não sei", disse ele. "Eu vejo a cidade. Eu vejo poeira."

"É isso mesmo", disse Irrien. "Toda uma terra de poeira preta, onde as pessoas lutam todos os dias pelo que têm. Uma cidade onde há muitas fações, tantas que nem eu mesmo consigo acompanhá-las. Ninguém detém nada aqui por direito. Eles detêm-na porque eles são fortes, ou astutos, ou inteligentes o suficiente para a segurar. Aqueles que são demasiado fracos acabam mortos ou acorrentados num poço de algum traficante de escravos."

"Eu não sou fraco", disse de repente Lucious. "As pessoas têm conspirado contra mim!"

*Principalmente a tua própria estupidez.*

"Oh, eu sinto muito", respondeu Irrien. "Eu não tinha percebido. Foi difícil para ti, afinal. Pobre Príncipe Lucious, que nasceu somente com toda a riqueza do Império ao seu comando, e que conseguiu desperdiçá-la. Que não percebeu que a crueldade devia ter um motivo, e que mesmo um cão vai morder se pontapeado o suficiente. Que matou o último rei forte que o Império tinha, e perdeu o trono para uma miúda. Uma criança desprezível de um rei que tem

andando a agir inadvertidamente na minha cidade, a falar apenas a sua própria língua e a meter-se em sarilhos."

"Eu não tenho de ouvir isto", disse Lucious, e recuou.

A mão do outro homem agarrou-lhe o ombro. O aperto foi forte o suficiente para o magoar.

"Deixa-me que te conte acerca da *minha* vida, *Rei* Lucious. Eu nasci numa das tribos de poeira, sobrevivendo como salteador e pastor nos resíduos. O meu pai era um chefe, mas era um homem sem ambição. Apanhámos uma discípula no deserto, e ele queria vendê-la por um lucro magro. Dei-lhe metade dos cavalos que possuía por ela, e chicoteava-a todos os dias por algum novo pedaço de

conhecimento. Aprendi os costumes da cidade. Aprendi línguas, matemática e história. Vi o quanto havia no mundo."

"E fugiste para a cidade com ela enquanto tua amante?", pressupôs Lucious.

"É assim que esta história se passa? O pobre e inocente jovem na cidade, abandonado pela escrava que ele libertou por amor?"

*Tu realmente ouviste demasiadas histórias, ecoou a voz do seu pai na sua mente.*

Ele ouviu Irrien a rir-se. "Ela esgotou as coisas que tinha para ensinar. Eu estrangulei-a, para que mais ninguém pudesse aprender tudo o que eu tinha aprendido. Então eu decidi que o meu pai era um tolo. Conquistei a tribo dele em combate aberto. Então eu conquistei a tribo seguinte, e a seguinte. Eu vim para a cidade com eles, e, por um tempo eu fingi ser um mercenário por melhores homens. Então eu decidi que eu era o melhor homem, e conquistei o lugar do Primeiro Pedregulho."

"Parece que tu és um homem segundo o meu coração", disse Lucious, porque ele poderia reconhecer algo naquela história. Havia uma crueldade ali que ele gostava.

"O que é que quereria com o teu coração a não ser dá-lo de alimento aos lagartos de areia?", contrapôs Irrien. "Mais importante, porque é que eu iria querer dar-te um Império, quando eu tive de lutar por tudo o que tenho?"

"Porque então tu terias um amigo no trono do Império", tentou Lucious.

Ele viu Irrien encolher os ombros. "Um homem como tu não é amigo de ninguém, e eu não sou um rapaz tolo que ataca aleatoriamente até a rebelião o atacar. Eu consigo fazer amizade com eles tão facilmente quanto tu."

*Ele tem razão.*

"E eles vão dar-te metade do ouro do Império?", perguntou Lucious.

Ele viu o outro homem inclinar a cabeça para um lado. "Metade do ouro da tesouraria, ou..."

"Metade do ouro, metade dos impostos por dez anos e direitos comerciais preferenciais depois disso", disse Lucious. "Eu sou generoso com aqueles que me ajudam."

"E, no entanto, estás aqui sozinho", disse Irrien. Mesmo assim, Lucious podia ver o homem a considerar. No fim, todos cediam à ganância ou medo.

"Sabes, quando chegaste, pensei que estavas à procura de refúgio. Nós aceitamos alguns às vezes. Havia uma condessa de um dos estados livres, que pediu toda a assistência que eu pudesse dar após uma das suas intermináveis brigas. Exigiu viver como uma rainha."

"E o que aconteceu com ela?", perguntou Lucious.

"As suas correntes de escrava eram de ouro, pelo menos", respondeu Irrien.

"Entendes que eu tenho que submeter isto ao conselho completo? Mesmo o Primeiro Pedregulho não pode agir sozinho."

"Claro", disse Lucious. Ele acreditava que os bárbaros tivessem costumes tão parvos. "Quando eles puderem..."

Irrien bateu palmas e as portas abriram-se. Quatro figuras em vestes escuras entraram, sentando-se nos outros bancos na mesa. Eles colocam fragmentos de pedra em sulcos que lhes eram destinados. Lucious percebeu então que aquilo iria por qualquer que fosse o caminho que Irrien dissesse.

"O nosso convidado diz-me que nos dará metade do ouro do Império pela nossa ajuda em obtê-lo de volta", disse Irrien.

Um dos outros, uma mulher com cabelo cinza aço, olhou para Lucious.

"Parece ser um bom negócio. Podemos confiar nele?"

*Claro que não.*

"Nem mesmo remotamente", disse Irrien arregalando os dentes. "É por isso que eu tenho uma proposta melhor. O Império é fraco, e nós *temos* o exército para o conquistar. Então porque é que não o conquistamos todo?"

"O quê?", interrogou Lucious. "Não podes! É o meu..."

"Apoiado", disse um homem gordo com uma barba tridente, levantando a mão. "A favor?"

Um a um, os outros levantaram a mão.

"Não podes fazer isto!", trovejou Lucious. "Eu sou o rei! *Eu sou!*"

*Não saberias como ser rei, mesmo se alguém passasse a sua vida a ensinar-te.*

"O que é que vamos fazer com ele?", perguntou um homem de rosto fino com anéis nas orelhas.

Lucious apercebeu-se, de repente, o quão vulnerável ele estava ali. Ele não podia esperar conseguir sair tranquilamente daquela torre.

"Oh, eu tenho certeza que ele nos vai contar todas as fraquezas do Império em troca da sua vida", disse Irrien. "Não vais, *Rei Lucious?*"

## **CAPÍTULO DEZASSETE**

Thanos estava a olhar de volta para Delos sobre a popa do navio, como se ao fazê-lo, pudesse puxar Ceres para o seu lado. Ele gostaria de poder.

Claro que se ele, de alguma forma, o conseguisse, isso não resolveria nada entre eles. Não mudaria o facto de ele ter ido para Delos para salvar Stephania.

De ele se ter casado com ela antes disso. De ele a ter amado.

Aquela realidade pesava no coração de Thanos como uma pedra. Cada remada parecia sacudi-lo, quer porque o levava para mais longe de Ceres quer porque parecia como um lembrete de como as coisas estavam acabadas com ela.

"Tens estado ai a esfregar o chão praticamente desde que partimos", disse uma voz. "O que não faz mal, mas é mais útil se te apetecer."

Thanos virou-se e viu-se diante do capitão do navio, que estava em mangas de camisa. Para surpresa de Thanos, ele apoiou-se numa esfregona como se ele realmente tivesse a intenção de limpar o convés como um dos seus tripulantes.

Ou como se ele tivesse a intenção que Thanos o fizesse.

Thanos ignorou-o. Ele normalmente teria sido mais cortês, mas naquele momento ele sentiu-se no limite da sua paciência. O silêncio era a única coisa que lhe restava.

O homem encolheu os ombros e continuou a esfregar.

"O que é que se passa então?", perguntou. "Problemas relacionados com mulheres?"

As mãos de Thanos apertaram a amurada, segurando-o em pé.

"Todos nós vimos a forma como Ceres se foi embora", disse o marinheiro.

"Parece que tiveram uma forte discussão."

Thanos não se conseguiu aguentar naquele momento. Ele agarrou o outro homem, girando-o para o ver de frente, e, de alguma forma, ambos acabaram por segurar o esfregão entre eles, lutando por ele da mesma maneira que Thanos teria lutado por uma arma.

"Tu não sabes nada", disse Thanos, não se importando se os outros marinheiros o ouviam. "Não a conheces, não me conheces."

Naquele momento, ele quis atacar. Bater sem parar até não haver mais nada ao seu redor. Só que... isso o tornaria igual a Lucious. Aquele não era ele. Aquilo não era o tipo de coisa que ele fizesse.

"Percebes que nós parecemos que estamos prestes a começar a dançar?", perguntou o capitão com um lampejo de sorriso com dentes de ouro.

Thanos sentiu a força a desvanecer dentro de si e largou a esfregona. "Sinto muito", disse ele. "Eu não sei o que estava a pensar."

"Provavelmente não estavas a pensar", disse o capitão. "Um homem não pensa, quando tudo está a ferver dentro de si."

Thanos abanou a cabeça. Aquilo não era nenhum tipo de resposta. "Não é o que eu faço. Não é quem eu sou."

Ele tinha sempre conseguido controlar-se. Sempre que podia, ele evitava a violência. Aquele comportamento não era realmente dele.

Ele viu o capitão encolher os ombros. "Pelo que oiço, tens tido muitas coisas a pressionarem-te. Eu vi-o algumas vezes nos remos. Um homem aparentava estar tranquilo, calmo como se deseja, e, então algo despoletava dentro de si. Ele iria começar a chicotear, mesmo sabendo que o iriam abater ou pregá-lo ao mastro."

Thanos parou, tentando tirar o sentido daquilo. Será que a rebelião usava capitães que chicoteavam os escravos que remavam? Tinha aquele homem estado sobre as transpiradas e agonizantes fileiras, ordenando mais dor?

"Vês, é assim que eu sei que és um bom homem", disse o capitão. "O teu rosto agora. Qualquer outro homem podia não se ter importado com quem eu era, ou o que eu tinha feito. Mas tu preocupas-te, não é?"

Thanos tentou dizê-lo tão cuidadosamente quanto conseguiu. Afinal de contas, ele estava a bordo do navio daquele homem. Mas isso só significava que ele precisava de saber mais sobre quem ele era.

"Sim", ele admitiu. "Eu importo-me."

Ele viu o aceno do capitão. "Achas que eu fiquei com este aspeto, por dar ordens a quem remava?"

Thanos parou enquanto começava a assimilar as implicações daquilo.

"Eras um escravo dos remos?", perguntou.

O capitão assentiu e dirigiu-se para a amurada. "No fim, quando eu fiquei demasiado velho e meu primeiro mestre começou a cansar-se de mim. Ele comprou-me quando eu era um homem jovem, depois de ter sido apanhado enquanto ladrão. Ele dava-me uma nova tatuagem cada vez que pensava num novo castigo para mim."

Ele tirou a camisa, então, e, Thanos viu o fluxo interminável de tatuagens, misturadas com cicatrizes e marcas de queimadura. Todas mostravam detalhes das torturas, o que fez Thanos estremecer ao olhar.

"Parece que não tenho o direito de reclamar", conseguiu dizer Thanos, depois de olhar para o outro homem durante vários segundos. "Eu sinto muito."

"Não!", disse o capitão. " Não é isso que eu estou a dizer. Não se trata de obter a tua compaixão, ou de dizer que tu não devias ser ferido. Eu não tenho

mais direito de julgar a tua dor do que tu tens de julgar a dor de qualquer outra pessoa."

Para Thanos, parecia que ele sabia mais sobre dor do que a maioria das pessoas.

"E então?", perguntou Thanos. "O que é que *estás* a tentar dizer?"

O capitão cuspiu para o lado.

"Eu estou a dizer que, se tu magoas um homem o suficiente, ele não vai agir da maneira que ele acha que

deveria. Pelo que ouvi, tu passaste por muita coisa, mas achas que ainda és exatamente o mesmo que eras antes?"

Thanos não tinha uma resposta para aquilo. Ele tinha de admitir que tinha acontecido muita coisa muito nos últimos meses desde a rebelião, a perda do seu pai, ser acusado de ser um traidor, perder Ceres para depois a encontrar de novo...

Tal só o começou a atingir verdadeiramente quando ele considerou o peso das coisas que tinham acontecido consigo. Apenas um dia antes, ele pensava que ia morrer. Apenas um dia antes, ele nem sequer sabia que Ceres estava viva.

Antes disso, o seu pai estava vivo e a dizer-lhe onde procurar a verdade sobre si mesmo. Havia tantas coisas a pressionarem-no naquele momento, e, apesar da pressão já lá ter estado antes, era como se Thanos estivesse apenas a ver aquela realidade pela primeira vez.

"Como é que lidas com isso?", perguntou Thanos. "Ceres... eu traí-a. Eu não queria, eu pensei que ela estava morta, mas quando me casei com Stephania, foi uma traição a tudo o que tínhamos."

Ele viu o outro homem encolher os ombros. "Talvez ela veja isso com o tempo. Entretanto, fizeste alguma coisa errada?"

Ele tinha feito alguma coisa errada? Naquele momento, Thanos teve a sensação de não ter conseguido fazer nada certo. Ele tinha encontrado maneiras de estragar a sua vida que ele não conseguia imaginar ninguém a conseguir.

"Eu casei-me com Stephania", disse Thanos.

O outro homem sentou-se, inclinando-se contra uma amurada com as suas pernas para fora. "Tu mesmo disseste que pensavas que Ceres estava morta. Não te podes culpar por aceites qualquer conforto que pudesses. Amavas essa outra miúda?"

Aquela era uma pergunta complicada. Mesmo assim, a resposta acabou por ser mais simples do que Thanos tinha pensado que seria.

"Sim", disse Thanos, e isso só lhe trazia mais sentimentos de culpa.

"Bem, é melhor isso do que casares com ela sem a amares, não é?"

Thanos pressupôs que sim, mas havia mais coisas que o faziam sentir-se culpado. Ter casado com Stephania estava longe de ser a única coisa que

incomodava a sua consciência naquele momento. "Eu espiei a minha família e os meus amigos."

"Porque eles estavam a fazer coisas más", salientou o capitão. "Acha que o mundo não precisava de saber que coisas eram essas?"

Ao dizê-lo assim, ele fazia com que parecesse simples. Antes, também tinha parecido muito simples. Foi só depois que a vida se mostrou parecer tão complicada.

"Eu lutei e matei", disse Thanos.

Ambos quando ele tinha estado determinado a não o fazer. Ele estava determinado a ser um homem melhor.

"Às vezes é pior ficar parado e deixar que magoem as pessoas", disse o capitão.

E, no entanto, tinha havido uma abundância de momentos em que Thanos não tinha sido capaz de ajudar. Será que isso significava apenas que ele tinha de começar a sentir-se culpado por isso também?

E, claro, havia o pior.

"Estou a viajar para matar o meu irmão."

O capitão encolheu novamente os ombros. "Se eu conseguisse matar o homem que me comprou, eu fá-lo-ia. Se eu conseguisse matá-lo cem vezes, não seria suficiente. E Lucious... bem, se um cão tem raiva, é abatido."

Thanos sabia que era um bom conselho. Mesmo assim, era difícil. A cada remada, ele viajava para mais longe da mulher que amava, enquanto se dirigia para um conflito ao qual poderia não sobreviver.

"A maioria das lições que aprendi quando estava nos remos não foram boas", disse o marinheiro.

"Mantem a tua cabeça para baixo, faz o que te mandam, são apenas o tipo de lições que um dono quer ensinar a um escravo". Ele levantou-se ao lado de Thanos, apoiando-se na sua esfregona. "Houve uma boa lição, porém: como lidar com coisas que podem deixar-te destroçado"

"E como é que fazes isso?", perguntou Thanos.

Parecia o tipo de coisa que ele precisava de saber naquele preciso momento.

Garantidamente, ele sentiu-se como se estivesse a dividir-se em todas as direções ao mesmo tempo.

"Continuas a remar, e não pensas muito para lá da próxima remada. Fazes o que vier a seguir. Pões de lado o passado, até à última remada, ou levá-lo contigo e ele acaba contigo. E, no fim, esperas vir a ser libertado, caso dures o tempo suficiente. No entanto, não tão livre que eu consiga escapar-me sem esfregar muito mais tempo. Dizem-me que o capitão deste navio é um diabo perfeito feito em homem."

Thanos sorriu com o que ele disse.

"Eu consigo acreditar nisso."

O capitão afastou-se, limpando o convés mais uma vez, como se ele fosse apenas mais um marinheiro. Thanos ficou ali. Ele sabia que o outro homem estava certo. O passado era algo que ele não conseguia mudar. O futuro parecia algo muito nebuloso e indefinido para se conseguir moldar.

Ele não podia melhorar as coisas com Ceres. Agora não, ainda não, pelo menos. Ele não podia desfazer as coisas que tinha feito no passado. Tudo o que podia fazer era concentrar-se no que ele tinha ido lá fazer. Ele tinha de ir para Felldust. Ele tinha de encontrar Lucious.

Ele tinha de matar o seu irmão.

## CAPÍTULO DEZOITO

Ceres poderia ter ficado com qualquer sala no castelo para si, mas, em vez disso, ela deu por si de pé nas antigas câmaras de Thanos, olhando para lá como se fosse a paisagem de algum país estranho. Nada daquilo fazia sentido, e tudo aquilo magoava.

Será que ele realmente a amava tão pouco? Ele tinha ficado com Stephania praticamente logo a seguir a ela se ter ido embora. Ele tinha-a engravidado.

Stephania! Logo ela... bem, continuaria a ser mau, mas, ao menos, não teria sido com ela. E não teria sugerido a Ceres que Thanos era um belo rosto longe de ser tudo o que os outros nobres do Império tinham sido.

Ela mal ouviu baterem à porta, apesar de dever ter sido um punho a fazê-lo.

Ela virou-se e viu Akila entrar na sala.

"Pela forma como atravessaste o castelo, pensei que poderia encontrar-te aqui", disse o líder rebelde. "Há imensas pessoas à tua procura. A maldição de ser um líder."

"Eu...", começou Ceres, mas Akila cortou-lhe a palavra.

"Não digas que não queres saber", disse ele. "Nós dois sabemos que não é verdade. Posso não te conhecer há tanto tempo quanto alguns dos outros, mas tu importas-te tanto quanto qualquer um. Só que às vezes acerca de coisas difíceis.

Isto é por causa de Thanos, certo?"

O estranho era que, se fosse o seu pai ou o seu irmão que ali estivessem, Ceres talvez não o tivesse admitido logo. No entanto, com este quase estranho, ela deu por si a assentir.

"Ele pode ser exasperante", disse Akila.

"Ele não é apenas exasperante!", retrucou Ceres. "Como é que posso confiar nele se ele se casou com Stephania? Como é que eu sei que tudo o que ele me disse é verdade?"

Ela irritou-se e Akila riu-se, mas ele afastou a raiva dela. "Desculpa", disse ele. "Nunca pensei que acabaria por ter os mesmos pensamentos de alguém apaixonado por Thanos." Ceres viu as suas feições a ficarem sérias. "No entanto, tive. Fiz a mim próprio exatamente as mesmas perguntas em Haylon. Embora por razões diferentes, vais gostar de saber."

"Porquê?", perguntou Ceres.

"Thanos tinha vindo ter comigo à tua procura, e à procura de ajuda contra o Império. Eu não confiava nele, porque eu tinha ouvido falar sobre o seu casamento. Eu pensei que ele não se importava com a nossa causa."

"Ainda bem para todos que mudaste de ideias", disse Ceres.

"Eu sei de uma coisa com que ele se importava", disse Akila. "Contigo. Eu disse-lhe que ele não era bem-vindo em Haylon, e ele foi lá à tua procura de qualquer maneira. Ele navegou para a Ilha dos Prisioneiros apenas na esperança de que tu pudesses estar viva lá. Casou-se com Stephania, é verdade. Ele voltou por ela. Por vezes, tenho a sensação de que ele passa tanto tempo a tentar fazer as coisas bem que acaba por fazer tudo mal. Mas não vamos esquecer a parte em que ela tentou matá-lo, e *nunca* duvides que és tu que estás em primeiro lugar no coração dele."

Era muito para assimilar, especialmente vindo de alguém assim, que ela mal conhecia.

"Queres tempo para assimilar tudo", disse Akila. "Para perceber tudo."

"Sim, por favor", disse Ceres.

Ela viu Akila abanar a cabeça. "Sinto muito, mas não é assim que funciona a liderança. Dito por alguém que sabe. Eu preciso de ir para os meus navios agora, e tu... tu precisas de ser a líder que todos esperam."

Eram palavras duras, mesmo sendo ditas gentilmente, e a pior parte era que elas eram verdadeiras. Ceres sabia o quanto havia para fazer em Delos, e quantas pessoas estavam a contar consigo.

Então ela saiu para o grande salão, vendo que havia pessoas já à sua espera.

O seu pai não estava lá, e Ceres imaginou que ele estaria a ajudar a supervisionar o trabalho de construção. Mas Sartes estava, juntamente com uma pequena multidão de pessoas da cidade. Eles estavam ao redor do trono como se estivessem à espera que ela se sentasse nele.

Ceres abanou a cabeça. "Sigam-me todos. Se vocês têm coisas que precisam que sejam feitas, eu vou ouvir, mas eu quero ouvir mais sobre o que está a acontecer na cidade. Eu quero vê-lo."

Alguns hesitaram. Ceres podia ver um par de nobres que obviamente tinha ficado lá por medo do que poderia acontecer se ficassem para trás. Mesmo alguns dos homens de Lorde Oeste pareciam perplexos com a ideia. Porém, o irmão dela correu para o seu lado, acenando aos outros para se juntarem a eles.

"Vá lá", disse ele. "Ceres está certa. Não nos podemos esconder, tomando decisões aqui quando as pessoas afetadas estão lá fora."

Ceres liderou o caminho até à cidade, e as pessoas que tinham ido até ao grande salão juntaram-se a ela. Eles emergiram na cidade juntos, e a multidão crescia enquanto Ceres caminhava. A eles juntaram-se guardas, obviamente querendo mantê-los seguros, mas o mesmo fizeram muitos outros. Juntaram-se pessoas comuns que estavam de pé na praça diante do castelo e, depois, comerciantes que saíam das suas lojas e aprendizes que deixavam as oficinas.

Ceres caminhou na direção do Stade, num caminho muito familiar. Ela entrou e foi para cima das areias, vendo as pessoas começarem a encher os terraços, mas havia muitas com ela no chão do Stade, também.

"A partir deste dia", começou ela, erguendo a voz para ser ouvida, "não haverá mais mortes."

Houve aplausos, mas também algumas vaias e vozes que gritavam da multidão.

"Nós devíamos lançar os nobres para as areias e fazê-los lutar!", gritou um.

"O que vamos ver se não houver mais Matanças?", exigiu saber outro.

Ceres levantou a voz novamente, e, para a sua surpresa, o Stade ficou em silêncio enquanto ela falava. "Não *vai* haver mais mortes. Eu assisti às Matanças, mas eu também já estive aqui, forçada a lutar, forçada a matar, e não é algo que ninguém deva ser obrigado a fazer. O Stade vai tornar-se um lugar de outros entretenimentos. Jogadores e músicos serão trazidos. Nós vamos reunirmo-nos aqui também. Um governante não deve sentar-se num trono, deixando entrar poucas pessoas. Portanto, quem quer que seja que governe o Império virá aqui, para responder àqueles que querem falar."

A enorme dimensão do que Ceres estava a propor pareceu atordoá-los em silêncio. Ela usou esse silêncio para continuar.

"Os lordes de combate serão libertados!", declarou. Mas isso não era suficiente. " *Todos* os escravos do Império serão libertados."

Mais uma vez, houve sons de alegria misturados com sons de surpresa.

"Quem é que vai trabalhar nos meus campos?", gritou um homem, embora os seus vizinhos tentassem calá-lo.

"Não, não", gritou Ceres de volta. "Deixem-no falar. A resposta à tua pergunta é que qualquer homem a quem tu pagues para o fazer irá trabalhar nos teus campos. Ou talvez haja homens que vão trabalhar contigo porque tu vais ajudá-los a trabalhar nos deles. Talvez possas também descobrir que eles trabalham melhor quando não têm um chicote nas costas!"

Tal obteve outra ovação.

"E achas que nós temos dinheiro para isso?", gritou outra voz.

"Vão ter", Ceres assegurou à multidão. "Os dias em que o Império vos tirava tudo o que tinham acabaram."

Ela descreveu as partes seguintes uma após a outra. As terras que haviam sido usurpadas seriam devolvidas ao povo. Grandes explorações nobres onde os camponeses eram tratados um pouco melhor do que os escravos seriam dadas às pessoas que realmente as cultivavam.

"Vais roubar as terras aos seus donos?" gritou um homem.

"Eu digo que já foram roubadas", Ceres respondeu. "O Império tirava sem parar. Vamos percorrer os registos do que o Império tirou e vamos devolvê-lo."

Para compensar a dor que causou, o tesouro do Império será usado para pagar os impostos excessivos que cobrou, enquanto as suas vinhas e mercearias serão abertas para ajudar aqueles que foram deixados à fome pela sua violência."

Tal soltou uma ovação que ecoou à volta de Ceres. Ela virou-se para o seu irmão. "Sartes, tenho de te pedir para fazeres uma coisa por mim."

"Qualquer coisa que precises."

"És a pessoa em quem mais confio para começar a colocar isto em prática", disse Ceres. "Consegues reunir alguns dos antigos recrutas? Eles vão querer ir para casa, não vão? Portanto, podem ser eles a levar as notícias."

"Parece uma boa ideia", disse Sartes. "Vou tratar disso. Eu vou também. Vai ser preciso alguém para organizar à medida que avançamos."

"Obrigado", disse Ceres, abraçando-o. Ela não queria propriamente que ele fosse, mas ela sabia que não poderia mantê-lo ali. Não poderia ser apenas só o que ela queria.

Ao afastar-se, Ceres viu uma jovem mulher a aproximar-se dela. Ela usava as sedas caras de uma nobre, mas elas estavam rasgadas. Ceres conseguia ver contusões recentes no seu rosto.

"O que vai acontecer connosco?", perguntou ela. "Vais-nos tirar tudo, não vais? Onde vamos viver? O que vamos fazer?"

Se ela não tivesse soado tão genuinamente assustada com aquilo, Ceres poderia ter sido mais dura com ela. Mas assim, ela estendeu a mão e tocou no ombro da jovem.

"Como é que te chamas?"

"Seylin", respondeu ela.

"Bem, Seylin, não vos vamos tirar as casas ou deixar-vos sem nada. Quanto ao que vocês vão fazer, fazem o que todos os outros fazem: vão encontrar trabalho, fazem o que conseguirem."

A jovem ainda não parecia convencida. "Quando os rebeldes entraram no castelo, disseram que eu era escória. Bateram-me. Tiraram-me as joias.

Rasgaram-me o vestido... Oh, deuses, pensei que eles me fossem matar."

Naquele momento Ceres compreendeu, e essa era a parte mais difícil de ser uma líder. Todas as escolhas magoavam uns e ajudavam outros, e algo tão violento como uma rebelião deixava sempre para trás as suas vítimas, independentemente do quão nobre fosse a sua causa.

O Império tinha sido uma coisa má, e desfazer o seu mal significava recuperar um pouco do que havia sido roubado. Fazer qualquer outra coisa apenas significaria que as mesmas pessoas subiriam ao topo uma e outra vez. No

entanto, Ceres só conseguia sentir pena de nobres como aquela, que nunca tinham feito nada de errado, exceto nunca olhar para além das paredes das suas polidas torres.

"Vai ficar tudo bem", prometeu Ceres. "Eu não vou deixar que mais ninguém te magoe. Tu podes voltar para o castelo, e nós vamos encontrar algo para fazeres lá."

Ceres tentou encontrar alguém que para cuidar da mulher nobre. Mas o que ela viu foi uma parede de homens fortemente armados a atirarem-se a ela.

Teria sido terrível, se Ceres não os tivesse reconhecido. Os lordes de combate colocaram-se em meio círculo à volta dela, levando as armas que eles tinham usado nas Matanças, e, depois, na sua rebelião.

"Eles dizem-no que declaraste um fim às Matanças", disse um deles. Ele era um homem baixo e corpulento, que usava luvas com picos. Karak, a Sarjeta, foi como o tinham chamado no Stade, se bem se lembrava Ceres.

"É isso mesmo", disse Ceres.

"Não haverá muitas hipóteses para a glória, então", disse Karak.

Ceres apontou para o Stade. "Se querem lutar aqui sem armas, vocês podem, mas não haverá mais mortes."

Ela viu o lorde de combate abanar a cabeça. "Nós pensámos num caminho melhor para a glória."

Ele caiu de joelhos e, em seguida, um após o outro, os outros lordes de combate também o fizeram.

"Tu eras um de nós, Ceres", disse o lorde de combate: "portanto agora, vamos procurar a nossa glória contigo. Felldust está a aproximar-se e vamos ficar contigo contra eles. Vamos proteger-te com as nossas vidas, se necessário, e seguir os teus comandos acima de todos os outros."

"Eu não sou um mestre novo para vocês", disse Ceres.

"Não, e é *por isso que* te vamos seguir", disse Karak.

Ceres não sabia o que dizer sobre aquilo, mas parecia que a multidão sabia.

A multidão exclamou mais uma vez, e daquela vez, Ceres nem se conseguia ouvir a si própria por cima daquele barulho.

## **CAPÍTULO DEZANOVE**

Eles continuaram. Para Stephania, parecia que continuar a ir era o objetivo da viagem, com o sol sem fim e a poeira apenas a serem algum grande teste de resistência. Agora, porém, elas sabiam exatamente onde precisavam de ir. Ao lado da estrada, Stephania via crânios, alguns abandonados, alguns deixados em postes. Ela ouvia sinos a tocarem ao vento, e via-os atados aos postes.

Presumivelmente, eles eram mais um aviso.

Stephania não se importava. Apenas significava que elas estavam no caminho certo enquanto se dirigiam para as colinas que emergiam à frente. Elas atravessaram um rio numa ponte que parecia que poderia desabar a qualquer momento, depois deixaram o caminho principal, seguindo uma rota abaixo para o vale entre duas colinas.

Finalmente, Stephania viu-o.

A montanha ergueu-se e ela conseguiu ver porque eles lhe chamavam o lugar dos mortos de pedra. As colinas ao redor pareciam quase como figuras ajoelhadas diante de um líder, esperando para se levantarem quando ele mandasse.

A montanha em si era uma coisa contorcida, parecendo como se tivesse sido rasgada em algum momento por poderes que Stephania não poderia ambicionar igualar. Era como uma mancha de escuridão contra o céu, e ao vê-la, a caravana chegou a um impasse. Stephania soube sem perguntar que a caravana não se aproximaria mais.

"Parece que vamos acampar aqui", disse ela para Elethe.

Ela não se incomodou em afastar o entusiasmo da sua voz. Elas estavam perto agora. Tão perto.

"E então?", perguntou a sua aia.

"E então tu e eu temos uma montanha para escalar."

Stephania deixou que os outros se instalassem e Elethe agarrou suprimentos para eles. Stephania olhou para a sua aia de soslaio quando ela amarrou uma corda em torno da sua cintura e, em seguida, em torno da cintura de Stephania.

"No caso de caíres", disse Elethe. "Eu consigo apanhar-te."

Stephania ficou feliz naquele momento por não ter vendido a sua aia a Brek.

Ainda assim, havia outras coisas a considerar.

"E se tu caíres?", perguntou Stephania. "Acha que eu conseguindo erguer-te neste estado?"

"Corta a corda". Elethe abanou a cabeça. "Mas eu não vou cair."

Nenhuma delas caiu. Juntas, elas subiram a montanha, por trilhos que pareciam ter desafiado uma cabra de montanha. Stephania sentia poeira preta e rochas a cederem sob os seus pés a cada passo.

Mais acima, ela viu uma caverna, uma saliência acima, fazendo com que parecesse o bucho de uma cobra, com as estalactites a formarem os seus caninos.

Stephania olhou para aquilo, e, por um momento, parecia que havia uma cobra ali a vir na direção delas...

Não, era um truque. Uma ilusão de algum tipo. Ela abanou a cabeça e era apenas rocha novamente, mas por trás dela, Elethe começou a gritar. Stephania virou-se e viu-a agachar-se, com as mãos levantadas para afastar algo que ela não conseguia ver.

"O que é que se passa contigo?", exigiu saber Stephania. "O que está a acontecer?"

Elethe continuou a gritar e a gemer. Se Stephania não estivesse ligada à miúda estúpida, ela tê-la-ia abandonado ali. Mas assim, ela colocou as mãos em torno da corda. A aia era *dela*.

"Cala-te e levanta-te", ela retrucou, transportando Elethe aos seus pés através de uma determinação bruta. "Não é real. Não é *real*, entendes?"

Ela não permitiria à sua aia aquela fraqueza. Ela não permitiria isso a ninguém.

"S-sim, minha senhora", disse Elethe com uma voz assustada.

Elas continuaram a subir até a boca da caverna, e Stephania viu que não era a grande abertura que ela tinha antecipado. Em vez disso, estava ali uma face plana de rocha, barrando o caminho. Não, não era plana. Era uma linha tênue em arco, mais fácil de se sentir do que de ver. Havia marcas em torno da porta também.

"Há uma porta aqui", disse Stephania.

"Como podemos abri-la?", perguntou Elethe. "O que é que estas marcas significam?"

Stephania fez-lhe sinal para ela se calar. Ela reconhecia aquelas marcas de algum lugar. Ela já as tinha visto antes, mas onde?

Lembrou-se com um sobressalto. Elas eram símbolos antigos para ervas curativas. Pelo menos, a maioria era. Três destacavam-se. Três ela conhecia melhor do que as restantes, porque ela havia feito uso delas com mais frequência. Aquelas três representavam venenos. O facto de elas estarem escondidas no meio das outras dizia a Stephania que eram importantes.

Ela estendeu a mão e tocou uma marca que representava Coração Partido, à procura de algum tipo de captura ou de botão. Em vez disso, para sua surpresa, a

marca começou a brilhar sob os seus dedos num vermelho profundo, como se fosse sangue. Rapidamente, ela tocou nas outras duas marcas.

Stephania esperava ouvir a pedra a ranger e ver a porta a fechar-se. Em vez disso, a marca brilhou, transformando-se em algo que parecia mais água do que pedra. Stephania pressupôs que ela deveria ter ficado lá a olhar para uma coisa daquelas, mas naquele momento, ela simplesmente queria saber o que o feiticeiro tinha para lhe dizer. Ela tinha chegado de tão longe que, dar o próximo passo, para aquela pedra cintilante, era fácil.

Havia um espaço que se parecia como o fosso entre duas respirações, e, então, ela apareceu noutra lugar qualquer. Um outro lugar que a fez *efetivamente* ofegar com a sua dimensão e a força que devem ter sido necessárias para construí-lo.

Não se parecia com o interior de uma montanha. As paredes eram de mármore com ramificações venosas, não eram de rocha escura. Havia luz em todos os lugares, que vinha das janelas lá no alto. O chão parecia que tinha sido trabalhado a partir de prata pura, refletindo tudo o que estava acima dele numa coleção fabulosa que parecia durar para sempre. Stephania viu fileiras de pergaminhos e comprimidos que teriam feito ciúmes ao velho Cosmas, dispositivos que pareciam não fazer sentido na sua operação, esferas que brilhavam por vontade própria...

Ela virou-se para se certificar de que Elethe estava a ver aquilo, e percebeu que a sua aia não estava ali com ela. Atrás dela, a porta ainda estava aberta, mas a corda que as tinha mantido unidas estava solta em

torno da cintura de Stephania, cortada ao meio por alguma força invisível.

"Foste tu que passante nos testes, Lady Stephania", disse uma voz de entre os livros. "E a tua companheira não é quem tem algo a perguntar-me."

Provavelmente era destinado a preocupá-la. Stephania era feita de um material mais resistente do que isso.

"És o feiticeiro?", perguntou Stephania. "Mostra-te."

"Primeiro, responde-me a uma pergunta", retrocou a voz oculta. "Há muitos lugares onde o poder pode estar: na espada, na faca no escuro, no conhecimento, em homens armados. Qual é o mais forte em todo o mundo?"

Stephania pensou. Que resposta queria aquele homem? Os homens queriam ouvir frequentemente o que estava de acordo com as suas opiniões. No entanto, ali, Stephania suspeitava que o feiticeiro iria saber se ela estava a falar nada mais do que a verdade.

"A minha vontade", respondeu Stephania.

Tal arrancou-lhe uma risada que aumentou, até que o som pareceu transformar-se em algo mais. Entre um piscar de olhos e outro uma figura estava

ali no meio do chão de prata, envolta em mantos pálidos, com o capuz para trás a revelar um rosto agradável de idade mediana que...

"Não", disse Stephania. "Esse não é o teu verdadeiro rosto."

Ela não tinha tempo para jogos, mesmo jogando ela própria tantos.

"O que preferirias?", perguntou o feiticeiro. O seu rosto cintilou, e Stephania deu por si a olhar para um velho, um rapaz, ela mesma. Finalmente, o rosto dele ficou definido com as características de um homem de aparência jovem com pele branca quase osso, cabelo pálido rapado, com olhos de um âmbar profundo.

"Acho que a aparência é uma coisa tão volátil, mas esta é a que eu tenho estado a trabalhar para manter."

Stephania era boa em manter-se calma, em manter-se educada, sempre a pensar. Ela tinha aprendido num mundo onde ela não tinha sido a mais poderosa, e, por isso, ela não tinha sido capaz de se dar ao luxo de se mostrar muito.

"Tu sabes o meu nome mas eu não sei o teu", disse Stephania.

"Isso é verdade", respondeu o feiticeiro. Ele estendeu as mãos. "Houve quem me chamasse de Daskalos em tempos. Chama-me isso."

Stephania sabia o suficiente para saber que o nome significava professor numa das antigas línguas. "E o que é que tens para me ensinar, Daskalos?"

Naquele momento, ela teve a percepção de que o feiticeiro estava a divertir-se.

Desde que ele lhe desse o que ela queria, Stephania não se importava.

"Houve um tempo em que eu poderia ter-te ensinado muitas coisas", disse ele. "Eu costumava pegar em aprendizs e mostrar-lhes o que eu tinha aprendido dos segredos dos Anciãos. Essencialmente, eles traíram-me e eu acabei com eles.

Se eu te tivesse encontrado mais cedo, poderias ter dado uma boa aluna."

A paciência dela tinha limites, porém.

"Eu não estou aqui para ser tua aluna", disse Stephania. "Estou aqui para encontrar o poder de matar alguém com sangue de Ancião."

Daskalos ficou ali por um momento, a sua expressão tão impenetrável como uma máscara. "Há maneiras de fazer tal coisa, mas não são bugigangas que se deem facilmente. Haverá um preço."

"Há preços para a maioria das coisas, eu acho", disse Stephania.

Ela tinha aprendido isso melhor do que a maioria das pessoas. Quando se queria uma coisa na vida, então não havia razão para reclamar, quando se a obtinha, quando ao facto de o seu custo não ser o que se queria. Esse custo era sabido antes ou, então, era preciso lidar com ele depois.

"Oh, tu terias dado uma boa aluna", disse o feiticeiro. "Talvez eu deva ficar contigo de qualquer maneira."

"É isso que queres?", perguntou Stephania, aproximando-se dele. Ela sabia, melhor do que a ninguém, como seduzir alguém. "O poder sempre foi atraente.

Ajuda-me, e..."

Ela viu o feiticeiro dar um passo atrás.

"Eu já levei para a cama rainhas e escravas, a mais estranha das Anciãs e a mais simples das camponesas. Vais ter de fazer melhor do que isso."

Agora, a diversão dele parecia-se mais como um insulto. Stephania já havia sido insultada antes também. Nada disso fazia qualquer diferença para ela.

"Porque é que não me contas?", perguntou Stephania. "O que é que queres?"

Há alguma coisa, ou terias simplesmente dito que não."

Ela viu Daskalos a dirigir-se a uma prateleira e a tirar um frasco.

"Esta é a mais rara e difícil das misturas", disse ele. "Os Anciãos inventaram-na e, depois, tentaram perder todo o conhecimento sobre ela. Administrá-la a alguém, e os seus poderes transformam-se em nada. Matá-los torna-se tão simples quando matar-te a ti ou a mim. Bem, possivelmente, não a mim."

Era o que ela queria, em outras palavras. Tudo o que ela poderia possivelmente precisar para matar Ceres.

"O teu preço?", insistiu Stephania. "Tu sabes que eu quero isto, portanto quanto é?"

O que é que seria? Não queria dinheiro, não queria poder, não queria o seu corpo, portanto...

"O teu filho", respondeu Daskalos.

"O meu...". Stephania abanou a cabeça. "Não."

Aquela era a única coisa que ela não podia dar. A única coisa que ela não daria. A criança que crescia dentro de si era *dela*, e Stephania já tinha decidido o caminho que a vida dela iria ter. O feiticeiro atreveu-se a pedir *isso*?

"Esse é o preço", disse Daskalos, colocando o veneno numa pequena mesa e voltando-se para ela. "Tu vais dar à luz o teu filho e depois eu fico com ele."

"Para fazer o quê?", exigiu saber Stephania.

Ela amaldiçoou-se por sequer perguntar.

"O que eu quiser", disse Daskalos. "Não seria uma preocupação tua."

O que significava que poderia ser algo realmente terrível. Stephania tinha lido livros que falavam das coisas que os feiticeiros precisavam para o poder.

"Não", disse Stephania. "Apenas... não. Nunca."

"Então sai", disse Daskalos, apontando para a porta cintilante.

Ele disse-o como se não fosse nada. Como se não fosse importante para ele.

Possivelmente, aquele era mais um dos seus testes idiotas. Stephania não se importava.

"Tem de haver alguma outra coisa", disse Stephania.

Ela colocou tudo naquele apelo. Ela ter-lhe-ia dado qualquer outra coisa.

Arrastar Elethe até ali e cortar-lhe a sua garganta, se o feiticeiro assim o exigisse.

Se ele lhe pedisse todo o conhecimento que ela tinha adquirido sobre os outros, Stephania dá-lo-ia.

Ele virou-lhe as costas. "Não há mais nada que eu queira."

"Uma pena", disse Stephania. "Poderias ter vivido."

Ela aproximou-se, desembainhando uma faca e estocando num único movimento. Ela sentiu-a a enfiar-se no tecido das suas vestes e, em seguida, na sua carne. Ela atingiu o coração num só golpe, mas atacou novamente para ter a certeza. Com um feiticeiro, não fazia sentido correr riscos.

Quando ele colapsou, ela foi até à mesa e agarrou no veneno. Ela poderia ter ficado lá para saquear o resto, mas a verdade era que não havia mais nada que ela quisesse. Virando-se, Stephania correu para a porta cintilante.

Ela descobriu que não havia nada lá a não ser pedra.

"Achas que eu seria tão descuidado ao ponto de não esconder a minha vida algures num lugar seguro?"

Stephania rodopiou e viu o feiticeiro de pé, limpando o sangue da sua mão com um olhar de aversão.

Stephania sentiu uma onda de medo enquanto segurava a faca na sua frente.

Mais importante, ela tinha a poção consigo.

"Considera a minha oferta novamente", disse o feiticeiro. "Só que, desta vez, se disseres que não, ficas aqui para sempre- *com o teu filho.*"

Stephania estava ali e, por um momento, ela simplesmente não sabia o que fazer. Ela não podia desistir do seu filho para aquele... aquele monstro. Mas a alternativa era pior. Muito pior. E depois havia a poção. Ela já tinha dado tanto para chegar àquele ponto. Ela tinha sofrido muito, e, agora finalmente, *finalmente*, ela tinha uma maneira de matar Ceres.

Colocado daquela forma, não havia escolha. O amor importava, mas Stephania já tinha aprendido muitas vezes na sua vida que outras coisas importavam mais. O ódio era uma delas.

Ela conseguia sentir as lágrimas nos seus olhos pela escolha, mas ela pestanejou afastando-as.

"Está bem, raios te partam! Fica com o meu filho."

## **CAPÍTULO VINTE**

Sartes não esperava que viajassem com ele tantos dos seus colegas recrutados para entregar as notícias de Ceres sobre as mudanças no Império. Ele estava à espera que um pequeno grupo deles quisesse ir para casa. Em vez disso, ele sentia-se como se estivesse a caminhar com um exército deles.

Não, não um exército. Sartes já não queria mais saber de exércitos. Ele já tinha visto mortes mais do que suficientes para toda a sua vida. Ele tinha até ajudado a planear algumas. Isto era algo diferente. Tinha de ser, se eles iam ajudar a reconstruir o Império, na esteira de tudo o que tinha acontecido.

Porém, o que é que poderia ser, se não um exército? Eles tinham as carroças e os cavalos da escolta de um comerciante, mas eles não estavam lá para ganhar dinheiro das aldeias por onde passavam. Eles tinham a falta de disciplina que Sartes podia já ter visto em bandidos, mas tendo em conta os seus passados, os jovens que viajavam com ele não causaram problemas ao passarem.

"Um circo", decidiu ele. "Nós somos uma espécie de circo."

Não no sentido tradicional, talvez, porque eles não faziam malabarismos ou tocavam música, entretinham ou mostravam animais fabulosos. No entanto, em cada aldeia pela qual passavam, eles tentavam levar alegria, devolvendo os homens jovens que tinham sido recrutados para o exército, passando a notícia dos

decretos de Ceres. Eles acampavam fora das aldeias onde podiam, mas entravam nas praças principais para os anúncios e para entregar o conteúdo dos armazéns do Império. Eles podiam não ter bobos ou dançarinos, mas eles levavam alegria e... bem, alguns dos rapazes cantavam enquanto marchavam.

Não se saiam nada mal, na opinião de Sartre.

A felicidade que eles levavam parecia ser a mesma. Ele tinha visto mães a correr para os seus filhos, homens que achavam que não seriam capazes de alimentar as suas famílias a chorar de felicidade enquanto ele distribuía grãos.

Era o tipo de tarefa para a qual Sartre estava contente de a sua irmã o ter escolhido, mesmo que isso significasse estar longe da cidade. O Império queria transformá-lo em apenas mais um soldado a aniquilar as pessoas comuns. Ali, ele tinha de as ajudar.

Sartre viu uma aldeia à frente. Apenas algumas casas. A sua coleção de antigos recrutas dirigiu as suas carroças para o pequeno espaço entre as casas.

Elas pareciam quase vazias. Sartre tinha-se acostumado a isso quando tinha andado na estrada.

"Está tudo bem!", gritou ele. "Nós não estamos aqui para vos roubarmos.

Ceres e a rebelião enviaram-nos!"

O nome da sua irmã parecia sempre suficiente para puxar as pessoas dos seus esconderijos. Por muito que se afastassem da cidade, parecia que eles ainda tinham ouvido falar dela e da sua luta contra o Império. Eles apareceram naquele momento, saindo das sombras dos edifícios e dos arbustos que se apoiavam num pequeno grupo de árvores. Mesmo naquele momento, eles pareciam prontos para fugir, mas Sartre estava acostumado a isso.

"Está tudo bem", disse ele. Ele olhou em volta. "Alguém é de daqui perto?"

Um dos recrutas era, e Sartre viu-o a correr para um casal de aparência magra e inclinou-se com fome e preocupação. Era mais fácil quando eles iam para algum lugar de onde os recrutas tinham vindo. Em algumas outras aldeias, era de todo difícil convencer alguém de fora.

"Aqui", disse Sartre. "Trazemos comida, e moedas também. Ceres declarou que o dinheiro e as terras que o Império tirou às pessoas devem ser devolvidos."

Tal obteve olhares atônitos das pessoas que ali estavam, como se não conseguissem acreditar que era real. Sartre poderia compreender porém. Afinal de contas, o Império tinha tirado tanto que era difícil acreditar que o seu mal se tinha ido. Foi só quando Sartre acenou para os recrutas começarem a distribuir grão e prata que as pessoas pareceram acreditar. Ele ouviu-as celebrar quando um saco de cevada atingiu o chão.

Um aldeão dirigiu-se a Sartre, colocando-lhe a mão no braço. "Muito obrigado. Dois nobres aqui perto costumavam trazer grão, mas quando o exército do Império veio, eles levaram tudo."

Sartre sorriu. Ele estava mesmo contente por *poder* ajudar.

"Deves ficar", disse uma mulher. "Trouxeste-nos tanto, e nós devíamos partilhar contigo."

Sartes abanou a cabeça. Ainda era de dia, e ainda havia mais aldeias para visitar naquele dia antes de eles acabarem. Além disso, com o quão feliz a maioria das pessoas ficava ao vê-los, se eles parassem em todos os lugares que lhes pedissem, eles nunca iriam seguir em frente.

"Poupem a vossa comida", respondeu Sartre. "Vão precisar dela para o inverno, e para a plantar na primavera."

Parecia que o aldeão queria discutir, mas Sartre também poderia vê-lo reconhecer a verdade nas palavras dele. Havia mais outra verdade: uma escolta tão grande de homens poderia acabar com os recursos remanescentes de uma aldeia como aquela muito rapidamente.

"Difícilmente parece valer a pena", disse o homem. "Se nós tivermos de fugir a mais violência."

"A violência acabou", prometeu-lhe Sartre. "Ceres vai tratar disso. Todos nós vamos."

O aldeão parecia que não acreditava nele, mas Sartre estava a falar a sério. O tempo da guerra tinha acabado. Talvez eles pudessem construir uma paz duradoura.

"Eles dizem que, em breve, haverá uma invasão", disse o homem. "Há pessoas que já se foram embora para lhe escapar, indo para as colinas."

"Vai correr tudo bem", disse Sartre. "Ceres não vai deixar que isso aconteça."

Mais uma vez, ele teve a sensação de que o aldeão não estava muito convencido.

Por enquanto, eles precisavam de continuar a descer a estrada, de modo que Sartre tomou as rédeas da sua carroça e zurziu-as suavemente. Ele ficou surpreendido ao ver o recruta que tinha fugido para os seus pais a correr de volta para uma carroça.

"Não precisas", disse Sartre. "O que interessa é que consigas ir para casa."

"Quando tudo isso acabar", disse-lhe o rapaz. "Por agora... Eu quero ser parte disso."

Sartes não discutiu. Ele podia entender aquela necessidade de fazer algo de bom, e ele não estava prestes a parar aqueles que queriam viajar com ele. Ainda havia bandidos em algumas das estradas, e ainda havia lugares onde todos eles necessitavam de empurrar em conjunto para que as carroças passassem. Quantos mais eles fossem, melhor, naqueles locais.

Eles não tinham de empurrar enquanto faziam rolar as carroças por aqueles caminhos de campo abaixo. Depois de uma hora, Sartre definitivamente viu sinais de violência.

O primeiro corpo estava pendurado numa árvore pelos pés, amarrado lá em cima, longe de se parecer como algo humano mas mais como uma lebre deixada ali por um caçador. Chegando-se mais perto, Sartre viu que a garganta do homem havia sido cortada, enquanto quase todas as suas coisas pareciam ter-lhe sido tiradas, até mesmo algumas das suas roupas. Aqueles que permaneciam a insinuar a sua riqueza, ostentando seda e veludo.

Havia um símbolo na sua túnica: uma folha dourada, com os fios a espalharem-se em fluxos. Era o símbolo que Sartre tinha visto antes, e ele reconheceu a família. Não era de longe o pior dos nobres. Talvez não fosse perfeito, porque eles ainda tinham os seus consumidores de álcool e os seus arrogantes, os seus jogadores e aqueles que pensavam que possuíam todas as quintas que estavam nas suas aldeias, mas havia outras histórias também, de famílias a quem tinha sido dado tempo para encontrar a sua renda, de crianças ajudadas.

Só de ver aquilo Sartre sentia-se mal. Ele tinha visto a morte, mas havia naquilo uma crueldade casual que ele odiava.

Seguiram-se mais corpos à medida que eles continuaram na estrada. Todos amarrados lá em cima nas árvores que ladeavam a estrada. Todos assassinados.

Havia homens e mulheres, todos vestidos com roupas que pareciam caras, e, à medida que a escolta continuava de vento em popa, Sartre começou a ter a sensação horrível de que ele sabia o que estava a acontecer.

Ele não conhecia aqueles nobres. Ele não sabia se eles eram bons ou maus, ou algures no meio disso. Aquela não era a questão, e ele suspeitava que também não tinha sido a questão de quem os tinha matado.

Quando ouviu os gritos adiante, ele teve a certeza.

"Depressa!", gritou Sartre, e saltou para baixo, levando consigo a espada que ele e o seu pai tinham feito. Ele mergulhou pelas árvores, sabendo, *esperando* que os outros o seguissem.

Ele emergiu numa clareira e viu as figuras lá dentro a girarem para o enfrentar. Havia dois grupos ali, fáceis de distinguir pelas roupas que usavam.

Um grupo consistia de talvez dez nobres, homens e mulheres, até mesmo algumas crianças, todos usando as joias e sedas que marcavam a sua riqueza.

Eles pareciam aterrorizados. Sartre viu uma das crianças a pedir colo a uma mulher que parecia muito jovem para ser a sua mãe. O mais provável era que fosse uma irmã mais velha. Ela estava a olhar ao redor, não com o ódio que alguns nobres tinham para com os camponeses, mas com o tipo de medo que Sartre tinha visto nos rostos de demasiadas pessoas a serem atacadas.

O outro grupo tinha o dobro, vestidos com lã áspera e juta de camponeses.

Havia homens e mulheres ali, e todos tinham armas, ou pelo menos ferramentas que se haviam tornado armas. Alguns tinham facas, alguns martelos, alguns tinham foices e forquilhas. Sartre teria sido lembrado das armas que a rebelião havia levado com eles antes do seu pai os ter ajudado, fornecendo-lhes espadas, só que a rebelião não os teria tratado daquela maneira.

Ele assim o esperava.

"O que está a acontecer aqui?", exigiu saber Sartre, e ele viu-os a virarem-se para si ao dizê-lo. As expressões dos nobres eram o pior, porque muitos deles olhavam para ele aterrorizados, como se esperassem que ele se juntasse a eles no seu tormento.

"Nada para te preocupares", disse um dos aldeãos. Ele era um homem corpulento que lembrava a Sartre um pouco o seu pai. Apenas um homem comum.

"Eu decidirei o que me preocupa", disse Sartre. Ele olhou em volta, só para ter certeza de que os outros recrutas estavam lá. Ele enfrentaria vinte homens

sozinho, se realmente tivesse de o fazer, mas ele definitivamente preferir não o fazer. "És responsável pelos corpos na estrada?"

"Nobres", cuspiu o homem. "A mesma escumalha que nos oprimiu todos estes anos."

Sartre tinha visto os símbolos da família nas roupas deles. Ele não tinha ouvido falar em ninguém que eles tivessem oprimido. Eles não tinham feito nada, a não ser ficarem nas suas casas e tentarem gerir os seus negócios.

"Estás com o exército?", quis saber o camponês.

Sartre conseguia ouvir o medo ali e ver as pessoas a chegarem-se para trás encolhidas.

"Estamos com a rebelião", disse Sartre. "O meu nome é Sartre."

"O irmão de Ceres?", perguntou uma mulher. A foice que ela segurava tinha sangue. "Eu ouvi falar sobre ti."

Sartre viu que o primeiro homem o estava a avaliar. "És Sartre? Então estás aqui para nos ajudares?"

O medo tinha sido mau o suficiente, mas a suposição repentina que eles estavam do mesmo lado era pior. Aquele homem sorriu, como se fossem amigos que não se viam há muito tempo, e, apenas isso, foi o suficiente para fazer Sartre odiá-lo.

Mesmo assim, Sartre esforçou-se por devolver o sorriso. "Parece que tens andado ocupado."

"Nós ouvimos que a rebelião tinha tomado a cidade", disse o homem.

"Ouvimos dizer que Ceres ia ficar com a riqueza dos nobres. Nós apenas pensámos que iríamos obter um avanço."

Mais uma vez, ele disse-o, como se Sartre fosse um velho amigo. Um confidente que concordava com ele.

"Portanto vocês têm estado a fazer o quê?", perguntou Sartre. "A expulsarem os nobres das suas casas?"

Ele viu o outro homem encolher os ombros. "A recuperar o que devia ser nosso."

"Roubando e matando", disse um dos que estava no pequeno grupo de nobres. Os outros tentaram calá-lo. Sartre podia ver o quão amedrontados eles estavam. Sartre podia ver porquê, também. Ele viu um dos camponeses avançar na sua direção com um martelo levantado na sua mão. Ele pôs-se no caminho dele.

"Parece que vocês já mataram muitos", disse ele.

"Viste os corpos?", perguntou a mulher que tinha a foice. "Eu matei alguns, e o Jeffers ali matou outro. Oh, e o rapaz Borens um, não foi? Porém, não tinha estômago para aquilo."

"Quem eram eles?", perguntou Sartre. Ele tentou que continuasse a soar a neutro.

"Os Volarts", disse a mulher. "Lordes locais. Pensava que possuíam tudo."

Encaixava-se com os símbolos que Sartre tinha visto nos corpos, e os símbolos nos nobres que ainda estavam encolhidos. Ele tinha ouvido falar que eles desciam às aldeias com grão às vezes, quando os tempos eram difíceis.

Sartre olhou nos olhos dela. "Foram só vocês os três, então?" Ele virou-se para os nobres. "Isso é verdade? Foram estes três que mataram?"

Ele viu-os a acenar, e ele ficou contente com isso, pelo menos. Se tivessem sido todos eles, ele não tinha certeza do que teria feito. Ele deu por si a pensar na felicidade das pessoas na última aldeia, e desejou que tudo pudesse ser assim ao longo da estrada.

Não era, no entanto, e se ele ignorasse isso, a situação só iria piorar. Os camponeses transformar-se-iam em algo tão cruel quanto os nobres tinham sido.

Havia apenas uma coisa que ele poderia fazer.

"E aqueles nobres que vocês mataram", disse Sartre. "Eram assassinos?"

Foram eles que entraram nas vossas casas e levaram as vossas filhas?"

Talvez, *talvez* eles tivessem merecido. Talvez houvesse algo que ele não tinha ouvido. Talvez ele devesse ouvir tudo aquilo e levá-lo a Ceres.

"Eles eram nobres", disse o homem chamado Jeffers. "Isso não é o suficiente?"

Não era. Não era nem de perto.

"Tragam os três que fizeram a matança", disse Sartre aos recrutas, e eles devem ter percebido algo no seu tom, porque eles não discutiram. Ou isso, ou eles estavam tão indignados com o que aquelas pessoas tinham feito em nome da rebelião como Sartre estava.

Os antigos recrutas avançaram para agarrar os camponeses, tirando os três que tinham realizado os assassinatos e empurrando-os de joelhos na frente de Sartre. Ele podia ver a descrença nos seus rostos.

"O que é que estás a fazer?", perguntou o homem. "Nós não fizemos nada que a rebelião não tenha feito! Nós estamos do teu lado!"

"Não é sobre lados", disse Sartre. "É sobre o que vocês fazem. Nós lutámos contra o Império, porque eles roubaram e assassinaram, porque eles oprimiram pessoas e mataram. Agora vocês estão a fazer o mesmo. Há apenas uma resposta para isso."

Ele odiava fazê-lo, mas ele não poderia pedir a nenhum dos outros para o fazer por ele. Ele não ia fingir

que isso era fácil. Ele atacou com a sua espada, enfiando-a no coração do homem.

"Ceres disse...", começou a mulher, mas Sartre enfiou a espada novamente antes que ela conseguisse terminar. Ela olhou para ele, como se chocada por ele ter realmente feito aquilo.

Ele lutou contra os seus sentimentos de repugnância com o que estava a fazer, movendo-se para o terceiro prisioneiro. Ele era pouco mais que um rapaz, na verdade, apenas alguns anos mais velho do que Sartre. Desta vez, Sartre nem sequer lhe deu tempo para falar. Ele não tinha a certeza se conseguiria manter a sua decisão se ele falasse.

"Se roubas pessoas na estrada, não és um rebelde", disse Sartre. "És um bandido. Se as matas, não és um rebelde, és um assassino. A minha irmã lutou para derrubar o Império. Eu *não* permitirei que o substituam por algo pior."

Ele caminhou até às árvores, tentando não deixar que os outros vissem a maneira como as suas mãos tremiam. Os nobres reuniram-se em torno dele como se ele fosse o seu protetor naquele momento, ficando perto como se estivessem com medo do que pudesse acontecer se eles se afastassem. Os outros recrutas juntaram-se a ele e Sartre viu a nova forma como eles olhavam para ele - como se ele fosse o seu líder. Ele via o respeito nos olhos deles, o respeito pela justiça servida, o respeito por ter tomado uma decisão difícil e por não ter pedido a mais ninguém para fazer isso por si.

Sartre percebeu que agora ele era o seu líder.

## **CAPÍTULO VINTE E UM**

Ceres estava acima dos portões para Delos e lutava contra as suas lágrimas enquanto observava o seu povo a ir-se embora. Eles saíam amontoados da cidade. Não saíam sozinhos ou aos pares, nem mesmo em pequenos grupos ou filas, mas num fluxo aparentemente interminável que se estendia muito além dos muros da cidade.

"Porque é que eles fazem isso?", perguntou ela ao seu pai. Ele estava ali com ela, juntamente com uma dúzia de lordes de combate que agora a seguiam para onde quer que ela fosse. Tinha sido ele a detetar aquilo enquanto supervisionava as reparações que estavam a ser feitas aos portões da cidade. Se fosse qualquer outra pessoa, Ceres não teria acreditado que era verdade.

"Eles estão com medo", disse o pai. "Chegaram rumores de uma invasão, e eles querem escapar."

Ceres conseguia entender essa parte. Aquelas eram pessoas que já tinham visto muita violência. Thanos ia tentar impedir que Lucious trouxesse um exército de Felldust, mas as pessoas da cidade não sabiam isso, e eles provavelmente não queriam confiar as suas vidas ao sucesso dele.

Ceres confiava em Thanos, mas mesmo assim, ela tinha o seu pai a ajudar a reparar os portões.

"Eles não estão a planear voltar", disse Ceres.

Abaixo, ela via as pessoas com todos os seus pertences às costas. Havia carrinhos no meio deles, transportando móveis e posses, sacos de comida e aqueles que não conseguiam andar rápido o suficiente.

Ao lado dela, Ceres viu o lorde de combate Karak cuspir sobre as paredes da cidade.

"Cobardes", disse ele. "Porque é que não ficam e *lutam* por aquilo que têm?"

Ceres abanou a cabeça. "Nem toda a gente consegue lutar como tu. Eles estão a tentar ficar em segurança. Mas esta não é a maneira de fazê-lo."

Como poderia ser? Eles estavam a sair da proteção das muralhas e do lugar onde as forças da rebelião estavam reunidas, capazes de defendê-los.

"Será que eles pensam que uma invasão vai parar na cidade?", perguntou Ceres ao seu pai.

"Talvez eles estejam à espera disso", respondeu o seu pai. "A rebelião teve sucesso porque conquistou a cidade."

Porém, era uma coisa diferente. Ceres e os outros tinham estado interessados em derrubar um regime que colocava todos os seus recursos na capital, e, em

fazê-lo enquanto causavam o mínimo de danos noutras lugares.

Uma força invasora, especialmente uma com Lucious ao comando, não seria assim. Eles iriam varrer e assolar o campo. Havia uma boa probabilidade de que matassem qualquer pessoa que encontrassem. Eles podiam até ser deliberadamente brutos num esforço para levar a rebelião para fora da cidade.

Mesmo se eles se focassem em conquistar a cidade, eles rapidamente se espalhariam para atacar o campo.

Ceres tomou uma decisão.

Ela correu pelas muralhas abaixo, fazendo com que o seu pai e os lordes de combate tivessem de correr para a acompanhar. Ela correu entre a multidão daqueles que abandonavam a cidade, tentando encontrar um espaço entre os comerciantes e os trabalhadores encurralados, as famílias a trabalhar para levarem consigo o que conseguiam. Ela passou pelos portões, onde o fluxo de refugiados se tornou um mar deles, todos a tentarem decidir para onde ir a seguir.

"Parem!", gritou ela. "Parem todos!"

Alguns deles fizeram-no. Outros continuaram. Ceres saltou para cima de uma carroça, onde eles seriam capazes de a ver.

"Ouçam-me!", gritou ela, à espera enquanto as pessoas se viravam para a ver.

"Vocês vão ficar em perigo se saírem!"

Ela conseguia ver o quão incertas as pessoas à sua volta pareciam. Ela conseguia adivinhar o que eles estavam a pensar. Por um lado, Ceres estava ali, a tentar impedi-los. Por outro lado, eles tinham ouvido os rumores sobre um exército que estava a vir. Tinham chegado mensagens, tanto com os corvos que o Império tinha como através dos canais que a resistência utilizava.

Inevitavelmente, tinha saído para além dos limites do castelo.

"Vocês acham que vão fugir", disse Ceres. "Mas para onde é que vocês vão fugir que seja seguro? Para as aldeias? Uma invasão vai saquear as aldeias!"

Esconderem-se nas florestas? Vão morrer lá à fome! Quando o inverno chegar, vocês vão congelar. Em Delos, nós conseguimos proteger-vos!"

Um dos que estava a sair gesticulou para os portões. "Com buracos nas vossas muralhas e portões que não conseguiriam impedir a entrada de um vento forte?"

Ceres sabia como a cidade tinha de parecer para alguém que vivia lá.

Francamente, as defesas não lhe pareciam boas também. A diferença era que ela sabia o quanto o seu pai e os outros estavam a fazer para reconstruir as muralhas.

"Se vocês não gostam dos buracos que lá estão, então remendem-nos", disse Ceres. "Ajudem-nos a tornar a cidade mais forte. Quando os nossos inimigos

chegarem aqui, as muralhas serão suficientes para mantê-los fora, mas vocês todos estarão lá fora no descampado."

Alguns dos que estavam a sair pararam então. Não muitos, mas alguns. Ela fez uma última tentativa.

"Vocês vão ficar mais seguros aqui. Se não pensarem em vocês, pensem nos vossos filhos."

Isso fez com que alguns deles parassem. Ceres conseguia ouvir o murmúrio de vozes a discutir em voz baixa entre si.

Finalmente, uma mulher chegou-se à frente, levando com ela uma criança, pouco mais crescida que uma bebé.

"Tens razão", disse ela. "Não podemos arrastar a nossa menina pelas selvas, mas não podemos ficar aqui também. Não enquanto estiver assim. Mesmo se vocês ganharem, não haverá comida suficiente para todos, ou trabalho, ou qualquer coisa."

A pequena miúda olhou para Ceres, claramente sem perceber o que estava a acontecer.

"Hebby", disse a mulher: "esta é Ceres. O teu pai e eu temos de nos ir embora durante um tempo, mas ela vai garantir que tu ficas em segurança."

Ceres levantou uma mão. "Espera, não foi isso que eu quis dizer."

No entanto, ela conseguia ver o desespero no rosto da mulher. Ela claramente não queria deixar a filha para trás, mas parecia que ela não se conseguia lembrar de mais nada para fazer.

"Então o que é que quiseste dizer?", perguntou ela. "Eu sei... eu sei que não consegues manter-nos a todos em segurança, mas por favor... a nossa filha não consegue sobreviver ao caminho como nós."

Ceres olhou para baixo, e, para sua surpresa, a criança tinha a sua mão estendida. Ceres segurou-a.

Depois daquilo, surgiram mais crianças.

E mais. Um pequeno exército delas formou-se à sua volta.

Ceres sentiu o seu coração a aquecer ao ter a noção de ter de as proteger, de lhes dar um porto seguro; mas ela também sabia que ela deveria ter sido cruel sobre aquilo, deveria ter exigido que os adultos ficassem para lutar pelos seus filhos, mas ela simplesmente não conseguia. Ela reuniu-os à sua volta, os mais velhos a ajudar os mais jovens, enquanto demasiados adultos continuavam a caminhar.

"Se mudarem de opinião", gritou Ceres, "podem sempre encontrar segurança em Delos. Mas quando a invasão vier, nós teremos de fechar as portas."

Ela desejava poder fazer mais naquele momento. Ela sentiu-se dececionada por pensar no quão pouco ela tinha sido capaz de fazer para proteger aquelas

peessoas, sentia medo por elas ao pensar no que poderia acontecer a seguir.

Apesar da multidão que naquele momento estava à volta de Ceres a olhar para ela com olhos que não compreendiam, ainda havia crianças com os refugiados, que podiam sofrer e morrer juntamente com os restantes se a invasão os alcançasse.

"Já fizeste tudo o que podes", disse o seu pai, e Ceres conseguia ver que ele entendia o quão difícil aquilo era. "Pensa em todos aqueles que seremos capazes de proteger na cidade."

Não era suficiente. Ceres não queria ter de confiar na sorte para proteger aquelas pessoas, mas não havia mais nada que ela pudesse fazer. E, para já, ela tinha um grupo de crianças com ela, ali à espera que ela tivesse respostas.

Pelo menos, ela iria mantê-los em segurança, mesmo se todos os outros morressem.

Ela foi retirada da desolação daquele pensamento por gritos à sua frente. Ela olhou para a multidão e viu alguns deles a correrem de volta na sua direção, enquanto outros se dispersavam. Para lá deles, ela viu as formas de cavaleiros a aproximarem-se.

Se ela não tivesse visto os estandartes que eles traziam a esvoaçar, Ceres podia ter assumido que a invasão tinha começado. Em vez disso, ela viu os estandartes dos homens de Lorde Oeste a agitarem-se ao vento, juntamente com um galhardete muito menos bem-vindo. Ceres ficou lá em cima da carroça e esperou.

Nyel de Langolin, terceiro primo de Lorde Oeste e protetor da aldeia do Alto Flewt, cavalgava à cabeça de uma coluna de homens com armaduras como se ele governasse as terras à sua volta. A viseira estava para cima, revelando uma barba avermelhada e um rosto cheio de arrogância. Ele tinha provavelmente perto de uma centena de homens com ele, todos a cavalo, todos armados com lanças, escudos e espadas. Eles cavalgavam no meio da multidão, aparentemente não se importando com quem se atravessava no seu caminho.

Ceres ficou ali diante deles. Os seus lordes de combate espalharam-se com a sua série de armamento menos convencional. O pai dela tinha encontrado melhores armas para eles do que o material vistoso do Stade, mas eles ainda pareciam longe das figuras cobertas de aço que Lorde Nyel tinha com ele.

"Lorde Nyel", disse Ceres. "O que é que te traz a Delos? Tinha a impressão que preferias a segurança das tuas próprias terras aos perigos da cidade."

"Eu não te disse para falares", respondeu Lorde Nyel.

Ceres encolheu os ombros, obrigando-se a ser educada. Aquele homem era tudo o que havia de pior num nobre, mas ele ainda era primo de Lorde Oeste e a memória dele ainda doía.

"O Império acabou", disse Ceres. "Já ninguém precisa de permissão para dizer simplesmente o que lhe vai na mente."

"Eu avalio isso", respondeu o Lorde Nyel. "Como o homem do mais alto sangue aqui, agora que o meu primo caiu, eu reclamo o trono do Império."

Ceres teria pensado que era uma piada se ela não tivesse conhecido o Lorde Nyel antes. Ele definitivamente tinha a pompa e opinião para tentar definir-se a si próprio como um imperador.

"Não, meu lorde", disse Ceres. "Não haverá mais reis aqui."

"Eu tenho um exército de profissionais treinados que diz o contrário", contrapôs Lorde Nyel. Ele estalou os dedos para os seus homens. "Prendam estas... pessoas."

Se ele não tivesse empurrado uma criança para fora do seu caminho ao fazê-

lo, Ceres não teria reagido. Se ela não tivesse ouvido uma miúda pequena a gritar, ela não teria saltado. Mas a miúda gritou e Ceres atacou. Soldados lançaram-se para a frente, ainda a cavalo. Ceres não esperou por eles. Em vez disso, usando a sua carroça como um trampolim, ela saltou. O seu pé apanhou o Lorde Nyel no meio do seu peito, atirando-o ao chão.

"Socorro!", gritou ele para os seus homens, e depois pareceu perceber como aquilo devia ter soado. "Matem-nos! Matem estes traidores!"

Ceres já estava a saltar para a sela de Lorde Nyel, agarrando a lança dele. Ela ergueu-a e deu-lhe um impulso quando um homem veio a correr na sua direção, sentindo-a perfurar a sua armadura.

A violência explodiu ao seu redor como uma tempestade. Ela certificou-se que o seu povo levava as crianças de volta, desviando-as do caminho do mal. Ela viu os seus lordes de combate avançarem para ataque com machados e espadas largas, adagas de soco e cutelos de corte. Ela viu os homens de Lorde Nyel a aproximarem-se para irem ter com eles.

O líder deles tinha feito alguns erros táticos. Eles estavam agora demasiado perto a cavalo para dispararem com arco e flecha, algo que os homens de Lorde Oeste eram tão bons a fazer, e demasiado perto para o tipo de ataque duro que tornavam os cavaleiros tão perigosos. Em vez disso, os guerreiros estavam ali a atacar, a tentar combater com os lordes de combate de perto e sem formação.

Ceres ouvia gritos à medida que os refugiados ao redor deles se tentavam proteger. Ela viu uma jovem miúda no chão, a olhar para cima quando um dos cavaleiros abateu um homem que poderia ter sido o seu pai. Ceres viu o cavalo empinar-se...

Ceres esporeou o seu próprio cavalo para a frente, indo contra o cavalo do soldado. Ela desembainhou uma espada e golpeou-o. Seguidamente, saltou do

seu cavalo para perto da miúda, oferecendo-lhe uma mão e impulsionando-a para a direção que ela achava ser a mais segura.

"Ceres!", alguém gritou. "Protejam Ceres!"

Ceres demorou um pouco a perceber que era o seu pai que estava a gritar, empunhando o seu martelo de ferreiro, juntamente com um escudo que ele tinha, obviamente, tirado de um inimigo derrubado. Outro correu na direção dele e Ceres viu o seu pai bater com o martelo contra o crânio do homem.

Mais soldados dirigiram-se para ela. Ceres correu por entre eles, alcançando o espaço onde ela tinha aprendido a lutar, onde cada movimento era natural, onde cada golpe com as suas espadas era óbvio e em harmonia com os ritmos do mundo. Ela afastou-se quando um soldado a tentou golpear e, depois, esfaqueou-o, desviando-se, em seguida, de outro golpe.

Ela atacou, derrubando soldados à esquerda e à direita. Um cavalo empinou-se acima dela, e os poderes de Ceres atacaram sem ela pensar, atirando-o a ele e ao seu cavaleiro para trás. Em torno dela, ela via os lordes de combate a atacarem os soldados, abatendo-os com toda a habilidade brutal do Stade. Ela viu Karak a puxar um para perto e a dar-lhe um murro com aquelas luvas perfurantes dele, enquanto outro espetava um cavaleiro com um tridente.

Ceres baixou-se quando uma espada veio na direção da sua cabeça. Ela puxou o detentor da sela, pontapeando-o para o deixar sem sentidos. Ela golpeou outro homem e, em seguida, deu impulso para apanhar um terceiro através de um espaço na armadura dele.

Algures no meio daquilo, Ceres via pessoas comuns agarradas aos braços dos soldados. Alguns atacavam-nos com facas, tacos ou posses que tinham sido apressadamente postos ao serviço. Outros, por serem tantos, arrastavam os soldados para o chão. Ceres lutava com mais intensidade, porque ela sabia que quanto mais tempo aquela batalha durasse, mais pessoas comuns, como aquelas, ficariam feridas.

Ceres avançava, tentando afastar a violência dos plebeus; tentando puxar a violência para si mesma enquanto se defendia, golpeava e esquivava. Ela deu um pontapé para trás num soldado, girou por debaixo de um golpe, estropiou um que se tinha chegado a ela, e atacou um terceiro.

Ela sentiu, tanto quanto viu, o momento em que os soldados foram derrotados. Ela deu por si a olhar à volta à procura de inimigos, e, de repente, viu cavalos a fugir a toda a velocidade. Ela e os lordes de combate estavam no meio da planície diante da cidade, com os refugiados que tinham estado a fugir de Delos, a observar como se eles não soubessem o que iria acontecer a seguir.

Ceres olhou em redor até que encontrou Lorde Nyel, ainda sentado no chão, agitando-se enquanto se tentava levantar.

"Traidora!", gritou ele. "Camponesa! Vou matar-te por causa disto."

Ceres abanou a cabeça. Parecia inconcebível que, mesmo naquele estado, o homem pensasse que se poderia comportar como se estivesse ao comando.

Em seguida, ela olhou ao redor à procura das crianças. Elas estavam ali do lado, com medo mas obviamente ilesas. Aquilo foi a única coisa que salvou a vida de Lorde Nyel naquele momento.

"Coloquem-no numa cela", ordenou ela a Karak. "Arranjem médicos para todos os que estiverem lesionados, incluindo os homens de Lorde Oeste. Se eles lutarem por nós, eles podem juntar-se às nossas forças. Se não, podem ir nas masmorras com o seu mestre."

Ela esperou que Karak acenasse antes de se virar para a multidão. Eram eles os únicos que importavam ali. Eram eles os únicos para quem ela precisava de falar.

"Vocês viram o que nós conseguimos fazer", gritou ela para eles. "Vocês viram o quão facilmente podemos superar até mesmos os adversários difíceis."

Nós fizemo-lo *juntos*. Vocês e nós. Ajudem-nos agora. Se nós nos opusermos a esta invasão, eu prometo que podemos ganhar!"

Teria sido melhor se eles todos tivessem voltado para trás naquele momento, mas não teria sido a verdade. Alguns voltaram para trás. Alguns rodearam Ceres como se achassem que ela seria capaz de os proteger. Alguns empurraram os seus filhos para a frente, pedindo-lhe a ela para os manter em segurança, ou para os abençoar com o poder dos Anciãos.

Mas mais foram-se embora. Ceres ficou ali, rodeada pelos poucos que iriam ficar, e ela tinha de deixar os outros irem-se embora. Ela tinha de o fazer, porque, senão, ela era tudo o que Lorde Nyel tinha tentado se tornar. Ela iria defender as pessoas que optassem por ficar e ela dar-lhes-ia a escolha.

Mesmo que isso significasse que eles se iam embora para a sua condenação.

## **CAPÍTULO VINTE E DOIS**

Thanos sabia acerca de todas as crueldades de Delos. O Porto do Sotavento parecia pior. À medida que a galera se aproximava da cidade capital de Felldust, uma confrangedora sensação de mau agouro erguia-se no seu peito ao ver o local. Se Delos tinha sido um lugar onde nobres eliminavam aqueles abaixo deles, aquilo tinha a aparência de um lugar onde todos lutavam com todos, levando tudo o que conseguiam. Até a poeira que era soprada ao longo da borda do penhasco parecia ser uma proteção para ações obscuras.

No entanto, talvez isso fosse uma coisa boa, uma vez que ele tinha uma para executar.

"Não é muito tarde para voltar para trás", disse o capitão quando eles se aproximaram do porto. "Nós vamos ficar o tempo que podermos, obviamente, mas um homem não consegue ficar sentado no porto e fingir que está a negociar para sempre. Especialmente num lugar como este."

Thanos assentiu. Ele apreciou a oferta. Ele até desejou poder aceitá-la, quando Ceres estivesse de volta em Delos, não ali. No entanto, pensar em Ceres apenas lhe trazia de volta a raiva dela para com ele. Talvez ele fosse morrer ali.

Talvez ele precisasse, a fim de parar o que estava por vir. Se assim fosse, Thanos estava pronto para o fazer.

"Eu não posso voltar para trás. Não sem fazer o que eu vim fazer."

"Matar Lucious".

Thanos abanou a cabeça, porque era disso que se tratava. Ele estava ali para matar o seu irmão. Ele estava ali para acabar com a violência e a crueldade que Lucious levava com ele onde quer que ele fosse. Ele ia levar algum tipo de justiça, porque se ele não o fizesse, quem o faria?

Lucious estava algures ali, entre a poeira, a violência e o resto. Thanos conseguia imaginar o seu irmão a desfrutar de uma cidade como aquela, entre bordéis, salões de jogos e estalagens.

Ele olhou para a torre de cinco lados do conselho governante da cidade.

Havia grandes hipóteses de Lucious estar ali, é claro.

"Eu espero que não haja demasiadas muralhas no caminho", disse Thanos.

"E se eu não conseguir chegar até ele? E se..."

"Um homem apenas consegue lidar com o que está à sua frente", lembrou o capitão. Ele suspirou. "Vou tentar ficar o tempo que conseguir. Há uma baía de um contrabandista numa das portas da caverna. Eu posso fingir que estou a comprar ervas daninhas."

As palavras do capitão soavam a verdadeiras, mas o que estava à frente de Thanos era uma cidade onde até mesmo os poucos passos em frente podiam encontrar-se envoltos em poeira, e qualquer um podia trazer um inimigo com uma adaga. Por tudo o que ele sabia, o seu irmão podia já estar morto, abatido assim que desembarcara. Talvez os rumores de uma invasão fossem apenas histórias levadas pelo vento, e nada viria delas.

Porém, Thanos não acreditava nisso. Aquele era o tipo de lugar onde Lucious sobreviveria. Onde ele até podia prosperar. Era à sua medida, de alguma forma.

Thanos reuniu os seus pertences, certificando-se de que a armadura de rede que ele usava estava bem amarrada com panos compridos para que nada dela fosse visível. Era mais fácil usá-la do que carregá-la, e, numa cidade como aquela, ele podia precisar dela, mas ele não queria anunciar quem ele era. Porém, usava a sua espada abertamente, porque queria que ela estivesse de fácil alcance.

"Boa sorte", disse o capitão quando Thanos pisou a prancha.

"Obrigado", respondeu Thanos, envolvendo um pano comprido em torno do seu nariz e boca contra a poeira.

Para tentar encontrar um homem numa cidade daquele tamanho, ele iria precisar daquilo.

\*\*\*

Thanos caminhou pela cidade, independentemente da poeira, tentando encontrar o seu irmão. Ele passou um longo dia pelas ruas, lembrando-se das lições do Mestre Cosmas, na linguagem de Felldust, e tentava perguntar aos habitantes se tinham visto Lucious.

Parecia como se ele tivesse tentado em todos os lugares. Horas antes, ele tinha tentado as pousadas. Ele tentou os poços de escravos. Ele até tentou a torre de cinco lados dos governantes da cidade. Em todos os lugares, parecia que o seu irmão era tão difícil de detetar como a poeira que enchia o ar.

Pelo menos um homem havia afirmado que Lucious *era* poeira, já estava morto quando Thanos chegou. Thanos não iria acreditar até ver um corpo.

Quando se tratava de Lucious, qualquer outra coisa era um grande risco.

Não era algo para o qual ele fosse feito. Mostrem-lhe uma luta, e ele poderia ganhar. Façam-no sentar-se em bares a ouvir rumores, e ele não sabia o que fazer a seguir.

Mesmo assim, Thanos fê-lo. Ele ouvia os homens a falavam de guerra com Delos e no que isso traria para a cidade. Ele oferecia subornos onde ele conseguia, e via as moedas desaparecerem em bolsas, para nunca mais serem vistas novamente.

Na noite do terceiro dia, as primeiras pessoas tentaram matá-lo.

Três figuras saíram da poeira, envoltas em faixas de pano. Se tivesse mais claro, Thanos poderia ter escapado, porque não havia perigo naqueles homens.

Então, novamente, talvez ele teria ficado, porque ele estava a ficar sem opções.

"És tu que andas à procura do príncipe deposto?", perguntou um num acento imperial mau.

"Sou", disse Thanos, no que ele esperava ser melhor Felldust.

"Bom, dá azar matar o homem errado."

Os seus olhos brilharam à esquerda, e Thanos não hesitou. Ele caminhou para o homem daquele lado, deixando de lado uma faca enquanto a sua cabeça caiu repentinamente para cima dele.

Thanos passou por cima dele e, em seguida, deu um pontapé, sentindo a sua bota tocar no osso do joelho de um homem. O cotovelo dele surgiu quando o homem caiu, apanhando-o no queixo.

A sua própria lâmina brilhou naquele momento, lancetando por pouco a garganta do terceiro atacante.

"Quem te mandou?", perguntou ele.

Ele tentou soar como um homem que mataria sem motivo ou por qualquer motivo. Em Felldust, parecia ser a maneira de obter respostas.

"Os Cinco Pedregulhos ainda têm usos para o teu príncipe," o suposto assassino respondeu.

Isso era mau. Isso significava que a sua tentativa de chegar despercebido não tinha resultado. Mas então, como poderia, quando ele havia andado pela cidade a fazer perguntas.

"Sabes onde está Lucious?", quis saber Thanos.

"Não sei."

Thanos desembainhou a espada. O golpe seria com o punho, mas ele estava à espera que o outro homem não soubesse isso.

O assassino levantou as mãos. "Mas eu sei de um lugar onde eles podem saber."

\*\*\*

Thanos entrou pela porta da casa de apostas, num espaço iluminado por chamas cintilantes e velas de sebo amarelo. Os olhos dele rodaram, procurando ameaças. Ele tinha aprendido a fazê-lo, no tempo que tinha passado à procura de Lucious.

O bandido na porta ficou com a sua espada. Para Thanos, isso era uma coisa má, porque no Porto do Sotavento, qualquer outra pessoa podia ter uma arma

pronta a usar.

Ele tinha vindo a conhecer muito mais sobre a capital da Felldust do que ele queria. Nos dias que ele passou lá, ele procurou em salões de beber e bordéis, mercados de escravos e antros viciados e empoeirados. Ele tinha procurado em arenas de luta, no pressuposto de que Lucious gostava de observar outros a morrer, e lugares onde, pelo dinheiro certo, as pessoas poderiam fazer o que quisessem com os escravos capturados.

Ele tinha chegado à conclusão de que Felldust era como uma doença que penetrava em quem lá ficasse. A Grande Aposta era apenas um exemplo disso.

Thanos entrou na sala alta e abobadada que parecia ter sido em tempos a cave de um edifício maior. Havia lá mesas de jogos, com pessoas aglomeradas à volta. Havia lá uma arena de combate, onde dois homens lutavam com lâminas curtas. Havia um palco também, e, sobre ele, dois homens estavam sentados numa mesa, jogando um jogo com marcadores fixados numa placa. Era à volta daquele que as pessoas estavam e, instintivamente, Thanos sabia que era ali que ele precisava estar.

Enquanto Thanos observava, uma das figuras no palco fez um movimento com a mão a tremer. Thanos não conseguia ver muito bem o outro, já que ele estava envolto nos familiares trapos à prova de poeira da cidade. Ele conseguia, no entanto, perceber a satisfação do outro homem, e Thanos engoliu. Algo estava prestes a acontecer; ele conseguia pressenti-lo.

O homem nas vestes fez o seu próprio lance com um estalido de pedra.

Havia uma finalidade naquilo que Thanos conseguia sentir à medida que ele andava para a frente. O olhar no rosto do outro homem dizia tudo: ele tinha perdido.

"Não", disse o outro, começando a levantar-se. "Não... eu não queria..."

A multidão celebrou, e, naquela celebração, homens enormes vieram para arrastar o jogador dali para fora.

"Se vens aqui, se apostas a tua vida, tu querias", entoou a figura. Thanos viu-o a olhar sobre a multidão,

e, apesar de ele estar provavelmente a olhar para cada uma das figuras ali, de alguma forma, Thanos tinha a sensação de estar a olhar diretamente para ele.

"Virá alguém fazer a única aposta que vale a pena fazer?"

Thanos andou para a frente. Era por aquilo que ele tinha ido ali. Não havia porquê adiá-lo. A multidão aplaudiu quando ele subiu ao palco, e a outra figura levantou-se para ir ter com ele. Os olhos do outro homem eram estranhos, tão pretos de ponta a ponta quanto a poeira que caía sobre a cidade. Mesmo assim, Thanos estava certo de que aquele estranho podia vê-lo.

"O que é que queres?", perguntou o outro homem. "Pede, e vou dizer-te se podemos oferecê-lo como um prémio."

Aquele era o momento. Ele poder-se-ia ir embora. Ele podia simplesmente não dizer nada.

"Eu quero encontrar o príncipe Lucious do Império", disse Thanos.

"Tu queres matá-lo", disse o outro homem, de forma suficiente suave para que Thanos tivesse a certeza de que a multidão não o ouvia. "Sê honesto, Príncipe Thanos."

"Sim, eu quero matá-lo", disse Thanos. Parecia estranho, admiti-lo assim àquele estranho. Porém, era a verdade. Ele poderia ter dito a si mesmo que era necessário para acabar com a guerra, mas a verdade era que, depois de tudo o que Lucious tinha feito, Thanos tê-lo-ia perseguido mesmo sem essa ameaça.

"Podia-se providenciar um assassino", disse o estranho, "mas sabemos que não é isso que tu queres. Vamos dar-te uma oportunidade, então. Se ganhares."

Aceitá-lo será contigo. Se ganhares."

Thanos ouviu a ameaça nessas duas palavras.

"E se eu perder?", perguntou.

O estranho encolheu os ombros. "Há lugares nesta cidade onde as mortes são pagas, ou dadas em sacrifício. A tua será uma delas."

Thanos tinha visto o último jogador a ser arrastado. Ele sabia que deveria ter tido medo então, mas o seu medo viu-se inundado pela sua necessidade de encontrar Lucious. Naquele momento, ele entendeu aquele lugar. Eles aceitavam o que as pessoas mais necessitavam, e transformavam-no numa armadilha. Era o suficiente para o fazer sentir-se indisposto.

"Não tens de jogar", disse o estranho, como se estivesse a adivinhar o que ele estava a pensar. Provavelmente, ele já tinha visto isto imensas vezes antes.

Thanos apontou para a placa. "Vamos jogar."

Ele viu o estranho a abanar a cabeça. "Oh, esse não é o jogo para ti. Afinal de contas, um jogador deve ter o jogo certo."

Ele fez um gesto e os servos puxaram para trás uma cortina. Do outro lado...

Estava um pequeno rapaz, acorrentado a uma placa com círculos concêntricos desenhados em cima. Thanos queria correr para ele e libertá-lo, mas os guardas que ali estavam já tinham as suas mãos sobre espadas, prontos para a violência. Thanos forçou-se a olhar para trás para o estranho sem alcançar a sua própria arma.

"O que é isto?", perguntou ele.

"O teu concurso." O estranho tirou facas das dobras da sua roupa. "Vamos atirar três vezes. O lance que acertar mais próximo do coração ganha."

Thanos começou a abanar a cabeça. Aquilo era de loucos. Aquilo era o mal.

Que tipo de mente poderia lembrar-se de fazer algo assim? "Queres que eu atire facas a uma criança?"

Ele tinha aprendido a atirar armas, quando tinha treinado com os lordes de combate, mas tinha sido há tanto tempo que ele já nem tinha a certeza se ainda tinha jeito, e as consequências de falhar, para a criança e para ele...

"Não é tarde demais para voltar atrás. Exatamente até ao momento de atirares. Claro que depois não encontras o que queres. O que é que estás preparado para fazer, meu príncipe? Quem é que vais magoar?"

Se este estranho lhe tivesse feito a pergunta antes de ele se ter ido embora, a resposta de Thanos poderia ter sido diferente. Em vez disso, ele ergueu as facas, tentando avaliar o peso.

"E, claro", disse o estranho, "vamos cortar a garganta do rapaz se te fores embora."

Naquele momento, Thanos não hesitou. Ele girou a faca na sua mão, apanhando um dos guardas na garganta. A sua segunda já estava a voar para atacar outro. Ele apanhou o estranho num movimento suave, colocando a última lâmina na sua garganta. Um momento antes, tinha parecido como se aquilo fosse algum ser místico, capaz de ler todos os tons da sua alma. Agora, ele sentia que aquilo era apenas um homem.

"Não me devias ter dado uma arma", disse Thanos. "Onde estão as chaves das correntes?"

O desconhecido não disse nada, então Thanos encostou a faca na sua garganta. Uma pequena mancha de sangue toldou o pano em torno da garganta do homem.

"Solta essa criança, *agora!*"

O desconhecido fez um sinal apressado e um servo moveu-se para a frente, abrindo as algemas que prendiam o rapaz.

"Vem cá", disse-lhe Thanos, e o rapaz correu para o lado dele. "Agora, vamos sair para fora daqui lentamente."

Eles foram juntos, arrastando-se através da multidão, a faca ainda pressionada contra a garganta do desconhecido. Os habitantes da Grande Aposta recuavam, obviamente, não se querendo envolver.

Quando se aproximaram da porta, Thanos recuperou a sua espada ao homem que lha tinha tirado, empurrando o desconhecido de volta para o quarto.

"Isto é insensato", disse o desconhecido. "Achas que não te vamos perseguir?"

Thanos girou a faca e, depois, atirou-a para o chão em direção aos pés do estranho. "Eu sou o único que persegue aqui."

Ele levou o rapaz para a rua, embora na verdade, parecesse que o rapaz é que estava a liderar, enquanto corriam através da poeira do final da tarde. Thanos seguiu-o por um beco, depois por outro. Quando chegaram a um impasse, o rapaz tinha a aparência de um coelho assustado.

"Porque é que farias isto?", perguntou o rapaz na língua de Felldust. "Porque é que haverias de salvar alguém que não conhecias?"

Como poderia Thanos explicar aquilo num lugar onde as pessoas nunca iriam entender?

"Era a coisa certa a fazer", disse ele. "Como é que foste parar lá? Não tens uma família à tua procura?"

Ele conseguia ver a dor nos olhos do rapaz e adivinhou a resposta antes mesmo do rapaz a dizer.

"O meu pai fazia apostas na Grande Aposta. Ele apostou-me em primeiro lugar, e, depois, apostou-se a ele próprio. A minha mãe vive sob o beiral."

"Então nós vamos levar-te até lá", prometeu Thanos.

Mais uma vez, o rapaz olhou para ele como se não entendesse porque alguém iria querer ajudá-lo. Ele inclinou a cabeça para um lado.

"Eu também te posso ajudar", disse ele depois de um momento a considerar.

Thanos franziu a testa. "O que é que queres dizer com isso?"

"Eu tenho amigos que dirigem os bairros de lata", disse o rapaz. "Aposto que eles vão saber onde encontrar o príncipe Lucious".

## **CAPÍTULO VINTE E TRÊS**

Da varanda onde Ceres estava, ela deveria ter sido capaz de ver a movimentada massa de pessoas da cidade a irem para os seus comerciantes ou a fazerem o seu caminho para os seus empregos. Ela deveria ter sido capaz de ouvir as pessoas a cumprimentarem-se umas às outras e os sons dos animais a serem levados para o mercado.

Não havia silêncio lá em baixo, mas era demasiado próximo. As únicas pessoas que Ceres conseguia ver nas ruas eram os membros da rebelião e o que restava das forças de Lorde Oeste. Se ela tivesse pensado que a sua luta na cave iria conter o fluxo de pessoas da cidade, ela teria estado errada.

Ceres ainda conseguia ver as pessoas a irem para os portões. O fluxo das pessoas a sair tinha abrandado, mas isso tinha mais a ver com a quantidade dos que já haviam saído do que com qualquer coisa que ela

tivesse feito. Eles continuavam a sair, levando o que conseguiam com eles. Havia até mesmo comerciantes nos portões e nas docas, a organizarem caravanas e barcos que tentavam escapar.

Ceres sabia que não podia mantê-los na cidade como prisioneiros, mesmo que fosse para o seu próprio bem. O melhor que ela tinha sido capaz de fazer tinha sido pedir aos rebeldes para se certificarem de que quem organizava as caravanas não era bandido nem traficante de escravos.

Para se sentir melhor, ela obrigou-se a desviar o olhar dos refugiados que fugiam da violência que estava para vir, e examinou as muralhas da cidade.

Aquelas estavam muito mais fortes do que tinham sido, graças aos esforços do seu pai e dos rebeldes. Eles tinham reparado e reforçado os portões com barras de ferro. Eles tinham adicionado picos a algumas das paredes, serrados de pontas de lança ou forjados a partir de espadas. Ainda parecia lá haver uma catapulta rudimentar a tomar forma em direção ao porto, virado para fora em direção à água.

Eles tinham-se esforçado tanto para tornar as muralhas da cidade fortes novamente, mas sem o seu povo, Delos era como um corpo a partir do qual o sangue tinha saído. Estava inerte, sem vida de uma tal forma que Ceres não tinha certeza se alguma vez se conseguiria curar.

"Eu não sei como fazer isto melhor", admitiu Ceres para o ar.

Não havia ninguém lá para ouvi-la. Os lordes de combate que a guardavam agora estavam a manter a sua distância, obviamente, confiando que Ceres seria

capaz de lidar com uma ameaça muito antes de eles a ouvirem. O seu pai estava fora forjando espadas e armaduras para a violência que estava para vir.

Os outros com os quais Ceres poderia ter falado estavam mais longe, se é que estavam de todo naquele mundo. A sua mãe... bem, ela nunca tinha sido capaz de falar com a mulher que ela pensava ser a sua mãe, mesmo antes de ela ter vendido Ceres como escrava. A sua verdadeira mãe estava numa ilha que Ceres não tinha a certeza de conseguir encontrar novamente. O seu irmão mais novo tinha crescido em alguém cujo conselho Ceres podia confiar, mas ele estava longe, tentando levar a mensagem do seu Império renascido a todos os cantos dele. Akila, que ela mal conhecia, estava longe nos navios de qualquer maneira.

Anka estava morto. O seu irmão mais velho Nesos estava morto. Rexus estava morto. A lista dos mortos esticava-se tanto que Ceres mal conseguia lembrar-se de todos os nomes. Cada um deles causava-lhe sofrimento.

Thanos... não, mesmo se ele tivesse estado ali, Ceres achava que não conseguia ter tratado disto com Thanos. Havia muitas outras coisas para dizer e fazer em primeiro lugar. Ele não estava ali, em qualquer caso. Ele era a maior ausência numa cidade cheia de ausências.

Ceres precisava encontrar alguém para conversar, e os lordes de combate não iam servir, de modo que ela partiu pelo castelo. Ela não pediu indicações. Ela lembrava-se mais ou menos do caminho, e, em qualquer caso, ela sentia como se merecesse perder-se. Ela era a principal razão pela qual a cidade estava tão vazia, afinal.

Ela caminhou pelo castelo, e mesmo aquele estava mais vazio do que deveria estar. Muitos dos servos que tinham estado lá tinham saído com os outros, obviamente, com medo do que estava para vir. Ceres reconheceu alguns dos nobres ali, tentando com que fizesse sentido cuidar do edifício antigo, tentando encontrar algo útil para fazer ali, mas mesmo eles eram menos do que antes. Ela pressupôs que pelo menos alguns tinham fugido para as suas propriedades no país.

As portas da biblioteca estavam bem abertas quando Ceres chegou lá. Os livros, pergaminhos e ardósias ainda em maior confusão do que da última vez que ela lá tinha estado. Ela viu a figura careca de Cosmas de pé no meio de tudo aquilo, agarrando nas coisas uma de cada vez.

Ceres não o conhecia bem. Thanos tinha-os apresentado antes, mas ela não tinha crescido em torno do discípulo real da maneira que Thanos tinha. Ela tinha ouvido as histórias de um homem que tinha servido vários reis, fornecendo conselhos e instruções, mas ela não tinha certeza do que isso significava para ela. Ela não tinha certeza de que lado ele estaria.

Ceres foi ajudá-lo, inclinando-se para apanhar duas metades de uma ardósia partida.

"Deixa isso", disse Cosmas sem olhar ao redor. "Já é bastante difícil colocar tudo de volta no seu devido lugar sem ter pessoas a meterem-se no...". Ceres viu-o a virar-se então, "...Oh, por favor, perdoa-me, sua majestade. Eu não sabia que eras tu."

Ceres apressou-se a tranquilizá-lo, porque afinal de contas, tinham sido, provavelmente, os rebeldes que tinham causado aquela confusão em primeiro lugar.

"Provavelmente deveria ser eu a pedir-te desculpas", disse Ceres. "Tens a certeza de que não posso fazer nada para te ajudar?"

Ela viu Cosmas abanar a cabeça, continuando a recolher pergaminhos e a colocá-los numa ordem que só ele parecia entender. Ela compreendeu a inutilidade da questão, no exato momento em que a fez. Ela não podia esperar adivinhar como é que Cosmas iria querer as coisas ordenadas. Ela estava apenas a tentar fazer-se sentir melhor.

"Não te preocupes indevidamente, sua majestade. Eu já fiz isto antes. Os reis raramente são pacíficos."

"Eu não sou da realeza", insistiu Ceres.

O velho encolheu os ombros e voltou para os seus livros. Parecia estranho vê-lo a repor a ordem a partir do caos com tal lentidão meticulosa.

"Os primeiros governantes do Império declararam que eles não eram os Anciãos que tinham vindo antes deles", disse Cosmas. Ele apontou para os livros ao seu redor. "Olha e vais encontrar uma centena de títulos diferentes para um governante, mil maneiras diferentes de conseguir um. O *Angak* do *Oilsir* costumava ser selecionado de acordo com quem recebesse um feijão preto na sua taça, se bem me lembro. Até ao dia em que o sacrificaram, porém, as pessoas escutavam as suas ordens."

"Eu não quero dar ordens", respondeu Ceres. Ela não tinha querido, mesmo no início. Simplesmente não tinha havido mais ninguém para o fazer. Ela viu Cosmas encolher os ombros.

"Dá a três pessoas uma tarefa, e elas terão três maneiras diferentes de a fazer."

É por isso que tu não vais pegar os meus pergaminhos. É também por isso que tu lideras, quer queiras ou não."

Era a parte do "ou não" que era o problema. Não era como se ela soubesse o que estava a fazer quando se tratava de liderar. Parecia que ela estava presa ali, a tentar juntar os destroços do Império, a tentar proteger aqueles ao seu redor, enquanto a invasão iminente os ameaçava a todos.

"Eu não posso imaginar que tenhas vindo até aqui só para ver um velho a tentar ter uma ideia para um novo sistema de prateleiras para os seus tomos", disse Cosmas.

Isso era verdade, mas mesmo assim, Ceres tinha a sensação que estava a interromper.

"Thanos disse que ele valorizava os teus conselhos", disse Ceres. "E eu ouvi as histórias sobre ti."

"As histórias onde supostamente sei tudo o que alguma vez se soube?", perguntou Cosmas com um sorriso. "Ou aquelas onde sou supostamente o poder por detrás do trono, e tudo o que um deve fazer para alcançar os próprios objetivos é apresentar uma petição ao velho Cosmas?"

Ceres entendeu a lição que ele estava a tentar ensinar-lhe. Todos tinham expectativas, e muitas pessoas, que não ela, tinham histórias para as quais achavam difícil estarem à altura. Mesmo assim, isso não resolvia o problema do exército. Cada pássaro, cada espião, cada rumor viria na direção deles.

"As pessoas estão a deixar a cidade", disse ela. "Tu dizes que eu sou uma líder? É difícil ser uma quando não existem quaisquer pessoas ali para liderar."

"As pessoas têm a opção de se irem embora", disse Cosmas.

Ceres não conseguia dizer se ele estava a ser deliberadamente provocador ou não. Ele era assim com Thanos? Com todos os outros? Ceres não tinha nenhuma maneira de saber.

"É uma escolha estúpida!", insistiu Ceres. "Eles estão a fugir, porque eles acham que vão ficar mais seguros, mas isso não acontecerá. Quando o exército de Felldust vier, o facto de estarem fora da cidade não vai salvá-los. Eles vão simplesmente ser presas fáceis."

Cosmas levantou um livro de mapas pesado para cima de um púlpito. "Vais notar que eu estou a colocar as minhas coisas de volta nos seus lugares, não correndo com as outras."

Era essa a maneira dele dizer que ela estava certa? De dizer que ele concordava com Ceres? De que servia um assessor que falava por enigmas? Se tivesse havido qualquer outra pessoa, Ceres teria ido até ela. Em vez disso, ela encontrou um espaço entre duas pilhas de livros para se sentar.

"Se as pessoas são livres para fazerem o que tu achas que elas devem fazer, elas não são livres", disse Cosmas. "O antigo filósofo Ancião Xarath escreveu isso. Claro, ele acabou argumentando contra *qualquer* liberdade, mas os filósofos são assim, às vezes."

"Cosmas, estás a falar em enigmas", disse Ceres. Ela estava a começar a pensar que talvez não tivesse sido assim tão boa ideia ir até ali. Ela estava à espera de respostas. Em vez disso, ela só se sentia mais confusa.

Cosmas estava ainda a colocar livros de volta onde eles pertenciam.

"Pensavas que eu teria todas as respostas para ti? Um homem sábio não tem respostas. Ele só faz perguntas melhores. E tem uma grande biblioteca, é claro."

"E existe alguma coisa na sua biblioteca sobre o que fazer com uma cidade que está prestes a ser atacada?", quis saber Ceres. "Sobre como lidar com uma cidade sem quaisquer pessoas, ou um país onde metade das pessoas parece querer matar a outra metade?"

Cosmas apenas voltou a colocar os seus livros de volta nos lugares onde eles deveriam estar. Uma parte de Ceres queria agarrá-lo e sacudi-lo. Ela ainda estendeu a mão para começar a fazê-lo, até que lhe ocorreu que talvez ele lhe *estivesse* a dar uma resposta.

Ele olhou ao redor, e Ceres teve a certeza.

"Estás a dizer que eu deveria apenas continuar a colocar as coisas novamente no lugar, não é?", pressupôs Ceres.

"Eu não disse nada", disse Cosmas. "Apenas fiz perguntas. Eu *vou* dizer alguma coisa, porém. As pessoas estão a sair, mas elas vão voltar. Tu só tens de mostrar-lhes que tu mereces que elas voltem."

Ceres não perguntou como é que ela faria isso, porque ela imaginou que Cosmas só iria responder com uma pergunta da sua autoria. Além disso, ela já sabia a resposta. Ela tinha de ser a líder que eles esperavam que ela fosse, o que significava que ela não chegava a sair. Ela tinha de ficar ali, defender a cidade e provar às pessoas que seria seguro para elas voltarem.

Ela tinha de derrotar a invasão.

## **CAPÍTULO VINTE E QUATRO**

Sartes fez o seu caminho através do cemitério, perto da cidade, deslizando entre as estátuas e abrindo caminho entre as sepulturas. Ele devia ter sentido a reverência, a tristeza, até a paz num lugar como aquele. Em vez disso, ele praticamente sentia-se culpado.

Sentia-se culpado por causa do papel que ele tinha desempenhado ao colocar tantos ali. Quantas pessoas havia ele já matado até àquele momento? Ele conseguia lembrar-se dos rostos dos homens com quem tinha lutado. O guarda que tinha tentado matá-lo nos lagos de betume. O oficial que ele tinha enfrentado durante a sua emboscada às forças do Império. Ele suspeitava que aqueles rostos ficariam com ele para o resto da sua vida.

Havia outros, no entanto. Aqueles cujos rostos ele conhecia, e cujos rostos ele não conhecia. Havia todos os outros que tinham morrido na emboscada que ele tinha ajudado a organizar. Havia quem tivesse morrido a lutar porque ele tinha ajudado a recrutá-los, ou porque ele tinha ajudado a rebelião. Havia três que ele tinha executado devido à violência deles, não querendo deixá-lo para qualquer outra pessoa o fazer.

Era difícil acreditar que ele ainda era jovem alguns dias, quando ele já tinha suficientes remorsos para o que lhe parecia ser uma vida.

"Eu não estou aqui para isso", lembrou-se Sartes a si mesmo.

Ele não tinha muito tempo, também, porque os outros da escolta estariam à espera dele. Ele tinha pedido um pouco de tempo ali, mas se ele ficasse muito tempo eles iriam assumir que ele estava em algum tipo de perigo e viriam à sua procura. Sartes não queria isso. Ele precisava estar sozinho para aquela parte.

Ele demorou algum tempo para encontrar a marca do túmulo que ele tinha andado à procura, o espaço cheio de ervas daninhas, o próprio marcador pouco mais do que um pedaço de madeira entalhada, com uma única palavra gravada nela.

*Nesos.*

"Olá, irmão mais velho", disse Sartes, quando se ajoelhou e começou a limpar um pouco da vegetação em torno do túmulo usando a faca. Ele cortou-a, tentando pensar no que ele queria dizer ali. O que ele queria fazer.

"Eu gostaria que tu pudesses ter visto como as coisas aconteceram", disse Sartes.

Sartes ajoelhou-se ali ao lado do túmulo do seu irmão, começando a contar-lhe todos os detalhes. Ele contou ao seu irmão sobre ser recrutado e sobre ter

escapado. Sobre a adesão à rebelião, sobre Rexus e Anka, a emboscada no cemitério e as lutas que eles haviam tido tentando libertar a cidade. Ele podia imaginar a forma como o seu irmão teria reagido, o sorriso que ele teria tido ao ouvir sobre a rebelião a levantar-se na cidade, a preocupação na sua cara ao ouvir acerca dos lagos de betume.

Algures enquanto falava, Sartes começou a chorar. As suas lágrimas caíam para a terra dura ao pé da sepultura. Sartes continuou a afastar as ervas daninhas e as lágrimas continuaram a cair.

Não eram só lágrimas pelo seu irmão, embora a tristeza que surgia ao pensar na morte de Nesos estivesse na sua origem, até Sartes dar por si a desejar que ele pudesse ter o seu irmão de volta, mesmo que apenas por uma ou duas horas. Ele deu por si a implorar a qualquer um dos deuses que estivessem a ouvi-lo, mas não obteve resposta. Ele não estava à espera de nenhuma.

Tantos outros se tinham ido e cada um parecia como se fosse um buraco fresco escolhido no tecido do seu ser. Sartes não tinha sido autorizado a juntar-se à rebelião de Rexus, e talvez fosse ele a estar morto, se se tivesse juntado. Anka havia ajudado Sartes a salvar-se das garras do exército do Império, e ela tinha sido estrangulada à frente de uma plateia de mirones a uivar.

Ele até tinha lágrimas para a sua irmã, apesar de Ceres estar a salvo. Apesar de ela estar numa posição que a maioria das pessoas teria invejado. Sartes sabia o que significava ser um líder agora. Ele compreendia algumas das decisões que os líderes tinham de fazer, e ele não teria desejado isso a ninguém, muito menos a Ceres.

Ele rezou ao lado do túmulo do seu irmão então. Orações para os deuses cuidarem do seu irmão, mas também orações para os vivos. Ele orou para que Ceres soubesse o que fazer na liderança da cidade, para que o seu pai estivesse a salvo nos seus esforços para reconstruir as muralhas, e que todos eles sobrevivessem ao ataque que se falava que estava a vir.

Havia paz ali agora que Sartre tinha acabado. Uma parte dele desejava poder ficar ali entre os monumentos, mas ele sabia que não podia. Os outros estariam à procura dele em breve.

Ele levantou-se e preparou-se, tentando lembrar-se a si próprio que era suposto ele ser um líder. Em breve, ele teria de ser. Por agora, pelo menos, porém, ele tinha mais uma tarefa a fazer. Ele partiu de volta pelos túmulos, procurando por flores silvestres que pudessem fazer um tributo ao seu irmão.

Sartre estava a meio quando ouviu cantar de entre as lápides. Era uma delicada canção de lamento. O seu som era ao mesmo tempo belo e comovente.

Havia algo sobre o som que sugeria que o cantor não sabia que alguém o estava

a ouvir, e parte de Sartre sabia que a coisa sensata a fazer seria escapar sem ser visto, não invadindo o sofrimento de ninguém.

Em vez disso, ele deu por si a dirigir-se para o som, tão silenciosamente quanto ele tê-lo-ia feito se tivesse sido uma unidade de soldados do Império.

Ele contornou um conjunto de estátuas e viu uma miúda ajoelhada em frente a um mausoléu de tijolo áspero. Ela tinha cabelo escuro no qual eram enfiadas aqui e ali flores e fitas de fio de prata que faziam com que parecesse que o seu cabelo tinha sido transformado num trabalho de arte. Ela usava um vestido que, provavelmente, já tinha sido branco, mas agora estava manchado com a terra do cemitério. Ela estava a cantar o que Sartre agora reconhecia como uma longa oração, com os seus dedos a atarem nós em filamentos do fio com que ela embrulhava partes do monumento.

Sartre deu por si a olhar para ela. Ela parecia ser algo completamente diferente das mulheres e miúdas que conhecera nas suas viagens. Ela era da sua idade, e, ao olhar para ela, pareceu como se o resto do mundo desaparecesse da paisagem. Os seus movimentos eram precisos e elegantes, os seus traços delicados e pálidos. Até mesmo os seus olhos eram de um castanho profundo fazendo com que Sartre achasse que ele se poderia perder, e provavelmente já se tinha perdido, porque ele demorou alguns segundos a perceber que ela estava a olhar para ele.

"Vais... vais matar-me?", perguntou ela.

Sartre apercebeu-se do seu aspeto naquele momento, com as suas armas e as suas peças de armadura em segunda mão.

"Eu não te vou magoar", disse ele, estendendo as mãos para mostrar que estavam vazias. Mesmo assim, a miúda parecia que poderia fugir. Quando é que ele se tinha transformado em algo tão temível?

"Chamo-me Sartre", disse ele. "Qual o teu nome?"

Ela não respondeu, mas, em vez disso, olhou para ele durante vários segundos. "És Sartre? O rapaz que tem estado a lutar contra o Império? Quem tem matado bandidos?"

Naquele momento, Sartre não queria pensar sobre a luta, mas ele, ainda assim, assentiu.

"Está certo."

Ele esperava que por ter admitido, ela não ficasse assustada. Ele podia ver como aquilo a poderia assustar. Ela tinha a aparência de alguém que já tinha visto demasiados soldados.

"Eu estou aqui porque o meu irmão está enterrado aqui", disse Sartre. "Eu não te queria perturbar."

Tal pareceu trazer alguma animação e vida para as feições da miúda. Sartre podia ver a simpatia lá.

"Oh, sinto muito", disse ela. "Como é que ele morreu?"

"Os soldados mataram-no", disse Sartre, "lutando na primeira revolta de Rexus."

Ele viu a miúda assentir e conseguiu distinguir a tristeza que a inundou, retraída apenas com um esforço que Sartre reconhecia muito bem. Via-a sempre que se olhava ao espelho.

"Os soldados mataram os meus pais", disse a miúda. "Eles vieram à nossa casa, e eu escondi-me com o meu irmão e irmã enquanto eles os matavam. Nós pensámos que já tinha acabado. Em seguida, os bandidos vieram. Eles disseram que poderiam levar o que quisessem. Tive de me esconder novamente. O meu irmão tentou lutar contra eles, e eles mataram-no. A minha irmã... eles cortaram a sua garganta como se nada fosse."

Sartre avançou, delicadamente colocando a mão no seu braço, pronto para tirá-la ao primeiro sinal de que ela estivesse assustada. Em vez disso, eles ficaram ali assim, unidos no sentimento partilhado do que significava perder alguém assim.

"Fico satisfeita por matares bandidos", disse a miúda.

Havia ali uma nota de ira que Sartre não esperava.

"Fico satisfeito por alguém ficar", respondeu Sartre. Ele abanou a sua cabeça. Ele ainda se sentia tão culpado por tudo o que tinha feito. "Talvez eu não devesse tê-lo feito."

"Não gostas de magoar as pessoas", pressupôs a miúda. "Isso é bom. Achei que parecias gentil. Mas quem é que se magoa se tu não te magoares? Vai simplesmente haver mais pessoas como eu, deixadas sem terem para onde ir."

Isso provavelmente era verdade, e, de alguma forma, vindo de uma miúda, parecia que fazia sentido. Sartre tinha tentado dizer isso a si mesmo, mas ela fê-

lo parecer como se estivesse certo.

"Não tens para onde ir?", perguntou Sartre. "Poderias vir comigo... quero dizer *connosco*... quer dizer, nós estamos a caminho em torno de Delos, tentando espalhar a palavra sobre Ceres e a rebelião."

"Estás a dizer que me deixas ir com vocês?", perguntou a miúda com uma risada que fazia parecer a Sartre a música que ele desejava poder ter ouvido o tempo todo. "Tu nem sequer sabes o meu nome."

Sartre sabia que era verdade. Ele estava a fazer papel de parvo, agindo sem pensar porque gostava daquela miúda. Ainda assim, fazia sentido para ele naquele momento. Quase mais nada tinha feito tanto sentido, mesmo que fosse estúpido, e impulsivo, e...

"Podes sempre dizer-me o teu nome", disse Sartre. Ele abanou a cabeça, olhando para baixo. "Não, desculpa-me. Eu sei que é estúpido. Eu não deveria ter vindo ter contigo, enquanto estavas a rezar. Eu deveria ter..."

"Deverias ter feito exatamente o que fizeste", disse a miúda. "E o meu nome é Leyana."

Era um nome bonito, mas não tão bonito como o momento em que ela colocou a mão na dele.

"Então, diz-me", disse Leyana. "Para que lado está essa vossa caravana?"

Parece que temos muito a fazer."

Sartre fez um gesto para os monumentos. "Não tens de fazer coisas aqui?"

Nós podemos esperar."

Ele viu Leyana abanar a cabeça, colocando fios de arame de prata a brilhar ao sol.

"Os mortos importam, mas os vivos importam mais." Ela apertou a mão dele.

"Alguns dos vivos, pelo menos."

Sartre não sabia o que dizer sobre isso, mas parecia que ele não precisava de dizer nada. Leyana ir com ele era suficiente.

Ele só desejava ter algum lugar seguro para lhe oferecer para ela ir. Havia uma invasão a vir, e, em vez de viajar de volta para Delos, eles estariam lá fora, em campo aberto, tentando ajudar aqueles que conseguiam. Ele só tinha que acreditar que seria suficiente.

Que *ele* seria suficiente. Porque, olhando para Leyana, ele sabia a verdade. O

que quer que acontecesse, o que quer que fosse preciso, Sartre iria mantê-la segura.

## **CAPÍTULO VINTE E CINCO**

No primeiro dia, Felene roubou comida.

Ela rastejou ao longo da praia, porque ela mal tinha forças para fazer mais. O

crocodilo que ela tinha matado já estava muito longe, levado pela maré ou por necrófagos ou por ambos. Ainda assim, ela encontrou peixes que tinham dado à costa, deixados para trás pela rebentação. Ela mordeu um, fazendo uma careta, e comeu-o cru, só para dar a si mesma a força para fazer mais.

A comida mal chegou para arranhar a sua fome ou a sua fraqueza, porém, pelo que Felene continuou até que encontrou uma casa na borda da aldeia de pescadores, onde o cheiro de pão fresco fez o seu estômago roncar com a necessidade. Ela olhou por uma janela aberta, viu que não havia ninguém por perto, e atirou-se a ele como um animal.

Ela esgueirou-se de volta para a praia como um animal também, encontrando um local onde as rochas que

lá havia formavam uma saliência e escondiam-se lá, tentando acumular a sua força como um avarento. A sua ferida doía-lhe tanto que ela desmaiou mais de uma vez, a picada do rum nas suas costas sendo a única garantia de que não iria ficar infetada.

"Maldita sejas, Stephania", ela jurou para si mesma enquanto o sol se punha, levantando a faca que ela tinha puxado das suas próprias costas, "eu vou encontrar-te."

No segundo dia, ela roubou roupas. A comida tinha-lhe dado um pouco mais de forças naquele momento. O suficiente para fazer a caminhada até à vila à luz do sol, escapulindo-se para dentro quando ninguém estava a olhar e observando os carros que entravam e saíam do mercado. Ela descobriu um que estava a transportar trouxas de roupa, ali para serem levadas para mercados mais para o interior. Era o trabalho de um momento ou dois cortar os nós que mantinham uma mala encerrada, com a sua mão a entrar para agarrar o que ela precisava.

Os panos enrolados e escuros que o povo de Felldust usava estavam longe de ter as cores brilhantes a que Felene estava acostumada, mas a sua habitual mistura de roupas de marinheiro e sedas tinha sido arruinada com o seu tempo na água, e, pelo menos, os panos do rosto ajudavam a manter fora a poeira. As roupas eram mais próximas das de um homem do que das de uma mulher, mas isso era provavelmente uma coisa boa no que respeitava a Felene. Isso significava algo dentro do qual ela realmente conseguia mover-se e algo que se enquadrava no seu corpo. Ela cortou pedaços das suas roupas velhas para preencher os espaços, e, quando acabou, ela ficou mais do que satisfeita com os resultados.

Ao terceiro dia, Felene suturou a sua ferida corretamente. Isso significou outra viagem à aldeia para comprar uma agulha de osso e linha, os dedos a tremerem mais do que deveriam, enquanto ela cortou uma bolsa para pagar por aquilo. Se a sua escolha de destino não tivesse sido praticamente inconsciente com uma das misturas vis que eles favoreciam lá fora, poderia ter corrido mal. A miúda na tenda do boticário sorriu para ela, mas Felene ignorou. Ela tinha as feridas para mostrar o que tinha acontecido quando ela havia sido estúpida por causa de um rosto bonito.

Suturar a ferida era difícil. Tinha-se fechado parcialmente sozinha, e Felene teve de abri-la, cortando-a novamente com a sua faca para poder costurar em linha reta. Ela mordeu um pedaço de madeira enquanto a costurava, meio bêbada com o resto do rum e ainda a esforçar-se para não gritar.

No quarto dia, chegaram à procura dela. Felene devia ter imaginado que isso iria acontecer, mas entre a dor e a fome, ela tinha sido estúpida. Ela tinha andado a roubar na mesma pequena aldeia há dias. Claro que alguém iria imaginar que algo estava errado. Claro que alguém viria à procura, e Felene sabia bem que eles não teriam intenções amigáveis.

Então, ela escondeu-se entre as rochas com a sua faca, enquanto eles se aproximavam, observando os homens, e ouvindo-os também. O seu conhecimento da linguagem de Felldust estava um pouco enferrujado, mas a sua essência era suficientemente fácil de apanhar, e o tom deles dizia muito.

"... disse que era uma mulher, alta, perseguindo com tanta coragem quanto gostas."

"Eu não gosto", disse o outro. "Tive de bater no meu escravo depois de ter perdido aquela torta."

"Basta pensar sobre o que podemos ganhar", disse o outro. "Deve valer algo para um traficante de

escravos, certo?"

"Flotsam? Melhor se nós simplesmente lhe cortarmos a garganta a ela."

Felene tinha ouvido falar mais do que suficiente até então. Ela deslizou em torno das rochas tão bem quanto a água salgada, chegando atrás dos dois homens.

"Estão à minha procura?", perguntou ela.

Eles giraram, pegando nas suas lâminas, e isso era a desculpa que Felene precisava. A raiva que tinha estado a borbulhar desde a Ilha dos Prisioneiros explodiu em seguida, quando ela esfaqueou o primeiro deles, pegando-o debaixo do braço e, em seguida, na garganta.

O segundo girou para ela, e Felene cambaleou. Ela ainda estava muito fraca.

Mesmo assim, ela conseguiu apanhar-lhe o tornozelo, atirando-o para o chão e pressionando uma borda afiada na sua garganta.

"Acharam que eu ia ser assim tão fácil de matar?", perguntou ela. O que é que se passava com as pessoas que queriam tratá-la assim? Apenas Thanos lhe tinha mostrado alguma bondade, e mesmo *ele* não tinha confiado nela o suficiente para levá-la com ele ao princípio. "Achavam que podiam simplesmente esquartejar-me?"

"Eu não...", começou o homem. "Não foi ideia minha!"

Como se Felene nunca tivesse ouvido isso antes. Ela remexeu no cinto do homem até que encontrou uma bolsa de dinheiro e, em seguida, uma chave que parecia pertencer a uma estalagem. Ela guardou no seu bolso ambos.

"Vais roubar o meu *quarto*?", perguntou o homem.

Felene encolheu os ombros. Se eles a tivessem deixado em paz, ela teria continuado para a praia. Mas assim, eles estavam em dívida para com ela.

"Eu tentei manter-me fora do caminho", disse ela. "Vocês não me deixaram."

Ela levantou-se e virou-se para se ir embora. Talvez ela devesse ter atirado a espada do homem para longe. Talvez isso tivesse sido a coisa mais segura a fazer, a coisa simpática a fazer, porque teria limitado as opções dele para fazer algo estúpido. Talvez, Felene admitiu para si mesma, uma parte de si ainda *quisesse* mais luta do que aquilo.

Mas assim, quando ela ouviu o raspar de botas na rocha, ela girou, atirando a faca que Stephania lhe havia tão gentilmente fornecido. O seu suposto assassino olhou para baixo para a faca incorporada na sua garganta, piscando estupidamente ao vê-la lá antes de cair. Felene praguejou para si mesma e recuperou-a juntamente com a espada curvada do homem. Ela passou pelos bolsos dele então. Ela já havia roubado os mortos antes, na base de que eles tinham menos necessidades do que os vivos. Ela não ia deixar nada para trás.

Maioritariamente, o que encontrou foram pequenas coisas: um anel que lhe tinha escapado antes, um

fragmento de uma carta dirigida a alguém no Porto do Sotavento. Felene tirou tudo e empurrou o seu corpo para a água.

Ela foi para a aldeia e procurou por uma estalagem. Quando ela a encontrou, foi preciso pouco mais do que a visão da chave e um par de moedas roubadas para lhe mostrar que quarto era qual. O gerente não pareceu se importar por ter alugado um quarto a um homem e agora era uma mulher a ficar com ele, o que não deixava Felene exatamente confiante. Ela teve o cuidado de empurrar a pesada arca que estava no quarto contra a porta antes de se deixar cair no sono.

Ela passou os dois dias que se seguiram na estalagem, e descobriu que, enquanto ela tivesse dinheiro, ninguém se importava muito como é que ela o

tinha conseguido. Ela comeu, e espreguiçou-se, e tentou manter os ouvidos abertos para as notícias de que ela queria ouvir. Foi precisa apenas uma pequena moeda dada a uma prostituta da taberna para saber as notícias de que Stephania tinha partiu na sua jornada para encontrar o feiticeiro.

Ao sétimo dia, Felene sentia-se suficientemente forte para a vingança e o facto de que ela ainda ter de esperar deixava-a enervada. Ela passou o seu tempo no seu quarto, a afiar a sua lâmina roubada e a pensar em todas as coisas que ela iria fazer com ela quando encontrasse Stephania. Quanto a Elethe... bem, ela ainda não tinha decidido o que ia fazer com Elethe.

Ela caminhava para as docas todas as manhãs, vendo os navios e avaliando as suas tripulações. Ela observava quem era lento e quem estava alerta, quais os navios que pareciam ser mantidos livres de cracas e quais se despojavam com elas. Por duas vezes, os homens confundiram as suas intenções e tentaram colocar as mãos sobre si. Por duas vezes, ela os deixou com contusões e a sangrar.

Ela sentava-se no bar todas as noites, ouvindo as notícias da jornada de Stephania, e de outras coisas. Havia muitos rumores: O Primeiro Pedregulho estava a reunir soldados, a pagar um bom dinheiro pelos recrutas; os preços dos escravos de Delos tinham caído, em antecipação do excesso que estava para vir.

O Príncipe Lucious tinha chegado ao Porto do Sotavento, e estava a comportar-se de uma maneira que eram debochados mesmo para os padrões da capital.

Finalmente, uma das prostitutas da taberna trouxe a notícia de que ela andava à procura, batendo na porta de Felene e, em seguida, olhando aterrorizada com a visão da lâmina na sua mão. Aquela tinha o colar de ferro de um escravo na sua garganta, e o olhar assombrado de alguém que viu muita violência casual.

"Eles... eles dizem que tu queres notícias de Lady Stephania", disse a mulher.

"Se forem verdadeiras", respondeu Felene. Ela tirou uma moeda, girando-o entre os dedos. Ela ainda tinha algumas, principalmente porque ela não tinha perdido nenhuma das suas habilidades quando se tratava de fazer batota no jogo de dados.

"Havia... havia um mercenário mais cedo", disse a mulher. "Ele disse que lhe deviam mais dinheiro por causa dos lugares onde Lady Stephania os tinha feito ir, mas que ninguém iria pagar-lhe agora que ela tinha desaparecido."

"Desaparecido?", disse Felene. "Ela estava aqui, mas agora desapareceu?"

Ela tinha dado um passo em frente, sem querer, com a sua espada a subir. O

que é que Stephania tinha que a levava a agir sem pensar? Fosse o que fosse, tinha a escrava acobardando-se para trás, enrolada contra a parede. Felene baixou a lâmina.

"Sinto muito", disse ela. Ela estendeu a bolsa de moedas remanescentes. "Se me disseres para onde Stephania foi, dou-te isto. Pode ser suficiente para a tua liberdade. "

"Delos", disse a mulher. "Ela estava a ir para Delos."

Felene atirou-lhe as moedas. Era tudo o que ela podia fazer naquele momento. Bem, não, não era. Ela poderia levar aquela mulher com ela, mas ela já tinha visto o quão mal *aquilo* podia correr, não tinha? Agarrando o que conseguiu das suas coisas, Felene correu para a janela.

Felene gostava de janelas e telhados. Pessoas lembravam-se de vigiar as portas, e, até agora, ela tinha a certeza de que ela tinha adquirido, pelo menos, alguns observadores. Ela saiu, sentindo as telhas sob os seus pés, testando a força do seu corpo ainda a curar-se enquanto corria ao longo dos telhados planos e beirais inclinados da vila de pescadores.

Ninguém apontou ou gritou enquanto ela o fazia, o que só mostrava o quão pouco tempo as pessoas realmente gastavam a olhar para cima. Talvez quando ela apanhasse Stephania, ela caísse sobre Elethe de cima, e a tirasse para fora da luta rapidamente. Isso dar-lhe-ia tempo para fazê-la a sua realeza menos favorita sofrer.

Por agora, isso significava que ela podia chegar até ao cais sem ser vista, agachando-se na sombra de uma chaminé enquanto observava os barcos com os seus carregadores e as suas tripulações em terra.

Isso poderia funcionar melhor durante a noite, mas Felene sabia que ela não tinha coragem de esperar pela noite. Ela já tinha deixado Stephania afastar-se muito. Então, ela escolheu um barco de entre o resto, uma embarcação pequena, rápido que parecia que estava a preparar-se para uma semana no mar, à pesca.

Felene obrigou-se a esperar até que o par de marinheiros que estava na embarcação se afastassem dela para verificarem as redes e pesos em terra seca.

Ela passou da imobilidade ao movimento num instante, deslizando para baixo do telhado, verificando o seu ímpeto, e, depois saltando para o telhado de um anexo. Felene caiu para a rua e rolou para que não partisse ossos e, depois, apareceu a correr.

Ela correu para a beira do cais, sem se preocupar com a prancha. Em vez disso, ela saltou, sentindo as suas mãos a apertarem-se sobre a madeira maciça, enquanto ela deu impulso para cima. Ela tinha a sua espada curva pronta, trazendo-o para baixo uma vez, e depois outra, duas vezes, nas cordas que prendiam a embarcação.

Os homens nas docas estavam apenas a começar a reagir, e era tarde demais.

Felene empurrou o barco para longe do cais, para mar aberto, enquanto os marinheiros corriam até à borda. Eles não se atiraram para a água. Tendo

experienciado algumas das coisas que viviam nas águas ali, Felene não os censurava.

Ela culpava *efetivamente* Stephania. Stephania tinha falado sobre vingar-se de Thanos nos momentos a seguir a ter esfaqueado Felene. Bem, Felene ia encontrá-la e mostrar-lhe o que *significava* vingança.

## CAPÍTULO VINTE E SEIS

A Rainha Athena estava sentada na sua cela da torre, olhando com desprezo para os esforços que a rebelião estava a fazer com a sua cidade. Mas então, pelo menos, tal combinava a forma como ela se sentia com a maneira como eles estavam a tentar detê-la.

"Que tipo de tolo mantém os seus inimigos num lugar confortável como este?", perguntou ela à aia que tinha sido enviada para a servir.

"Eu não sei, minha senhora", disse a miúda, colocando uma tigela de sopa.

Athena considerou atirar-lhe a tigela, mas isso que só iria desperdiçar boa comida. Ou comida quase intolerável.

"Sua Majestade, miúda estúpida. O termo é "Sua Majestade". Agora, sai."

A miúda saiu a correr, parecendo como se tivesse sido picada. Athena não estava particularmente incomodada com isso porque, assim como não estava particularmente incomodada com o que lhe tinha dito. Athena teria tido espiões a vigiarem um prisioneiro tão importante. Ela teria tido pessoas a ouvir em todas as paredes, e observadores entre aqueles que fingiam ser amigos. Isso porque ela entendia o que era necessário. Era apenas mais uma diferença entre ela e a fraqueza da rebelião.

"Se eu me tivesse capturado a mim própria, não seria assim", disse Athena para si mesma com uma certa nota de orgulho.

Não, não teria sido assim de todo. Com um inimigo da qualidade de Athena, ela provavelmente não a teria deixado viver. Masmorras e torres estavam bem à sua maneira, mas eram realmente apenas os lugares onde se detinha alguém até se conseguir infligir uma punição mais permanente. As pessoas deixavam as celas a todo o tempo mas elas não voltavam das portas da morte.

Embora, francamente, houvesse momentos em que Athena poderia ter preferido a morte à solidão básica da sua cela da torre. Havia uma cama, mas era uma coisa simples, mais adequada para um funcionário do que para uma rainha.

Havia janelas, mas eram realmente pouco mais do que estreitas aberturas com vista para o tédio sem fim da cidade. Ela tinha livros e pergaminhos em vez de vinho forte ou companhia.

"Talvez eles planeiem entediá-me até à morte", disse Athena a si mesma com uma fraca nota de diversão.

Era, francamente, a única coisa que ela podia pensar que fazia sentido. Ela tinha detido prisioneiros nobres em boas condições antes, é claro, mas isso só tinha sido porque eles ou as suas famílias tinham pago para o privilégio de algo

melhor do que um buraco húmido. Só porque eles eram reféns, e um bom tratamento era parte do negócio, ou porque havia concessões políticas.

Nada daquilo se aplicava ao caso de Athena, e, então, ela teve de concluir que a rebelião era estúpida. A miúda, Ceres, era a pior do lote, pensando que reinos se geriam como canções de bardos, onde nunca se tinha de fazer as escolhas difíceis.

Se Athena estivesse estado encarregue da rebelião, ela teria visto todos os nobres do reino mortos ou capturados numa única noite de violência. Se estas coisas eram para ser feitas, era melhor fazê-las todas de uma vez, de modo a que a raiva se acalmasse depois. E elas precisavam de ser feitas. Deixando os filhos dos filhos de um inimigo vivos, alguns tolos voltarão em vinte anos, com um rancor por justiça e os meios para matar aqueles com *quem nos preocupamos*.

Se Athena tivesse estado ao comando, ela certamente teria sido decapitada, embora provavelmente não antes dela se torturar a si mesma por todos os segredos que o Império tinha. Athena tinha recolhido informações sobre a sua casa, conhecendo-a, tão certo como uma mãe conhecer todos os seus filhos, e os tolos na rebelião não tinham tanto como pedido. Ela teria obtido o nome de cada apoiante, a localização de todos os segredos e reféns que garantisse essa lealdade. Ela teria conseguido uma confissão pública, simplesmente em troca da promessa de que a sua morte seria o fim da dor se ela o fizesse.

A rebelião não tinha feito nada disso. Athena ansiava por mostrar-lhes como isso se fazia.

As pedras da torre eram grossas, a porta da sua suposta e ridícula cela tinha uma boa polegada de carvalho. Mesmo assim, Athena considerava-se mais do que capaz de escutar as conversas que os outros tinham ao seu redor. Tinha-se tornado uma espécie de passatempo desde os dias em que a rebelião havia roubado o seu trono arduamente ganho.

Ela tinha sabido acerca do ódio de alguns dos guardas por ela e por todos os da "sua espécie", o que era uma emoção que Athena poderia, pelo menos, respeitar. Ela tinha ouvido como alguns deles desejavam poder irromper lá dentro e fazê-lo parecer como se ela se tivesse matado, detidos apenas pelo seu sentido bastante tolo de que não seria correto desobedecer a Ceres.

Ela tinha ouvido outras coisas também. Os interesses mesquinhos dos plebeus. Ela ouviu-os falar sobre as suas vidas ou sobre as vidas que esperavam construir. Ela ouviu uma das aias a brincar com os guardas sobre o que eles poderiam fazer se eles se casassem. Ela ouviu um par de servos a falar sobre o quão melhor as coisas poderiam ser agora que eles tinham conseguido proteger algum do dinheiro retirado dos nobres.

Agora, porém, Athena ouviu sons diferentes. Sons que a fizeram afastar-se da porta e agarrar a pequena faca de comer como se esta a pudesse defender.

Uma nobre bem-educada não se preocupava com armas. Ela tinha pessoas que andavam com elas. Mesmo assim, Athena segurou a faca cuidadosamente escondida na manga.

Do outro lado da porta, ela ouviu o som de uma conversa, cujo som aumentava para uma discussão. Ela ouviu um grito de algum lugar abaixo, e o barulho metálico que significava espadas a baterem umas contra as outras. Foi rápido, os gritos foram interrompidos, os sons de violência só a durar alguns segundos. Mesmo assim, Athena sentiu o seu coração a bater enquanto ela se movia para um lado da porta.

Os sons de violência aproximaram-se. Houve um grito, e, então, algo bateu contra a porta. *Alguém,*

pressupôs Athena, a julgar pelo seu impacto. Ela ouviu vozes a discutir, e o raspar de uma chave numa fechadura.

"Despacha-te", disse, de repente, um homem do lado de fora da porta.

"Achas que eles não nos ouviram?"

"É melhor que não, ou estamos todos mortos."

Athena ouviu a fechadura a abrir-se, e preparou-se atrás da porta, com a sua pequena lâmina pronta na sua mão. Ela não tinha ilusões sobre ser capaz de lutar contra os assassinos, mas ela não ia deixar que a matassem sem ao menos tentar se libertar.

É claro que alguns dos rebeldes gostariam de ir além das ordens do seu líder.

Claro que gostariam de matá-la. Era apenas a coisa sensata a fazer.

"Rainha Athena?", chamou um dos homens.

Eles entraram no quarto. Dois homens vestidos como guardas, uma jovem que era aparentemente uma serva e um jovem nobre.

Athena pegou um dos guardas, correndo para a frente, a sua lâmina picando-o na sua garganta. A faca era tão grosseira que provavelmente não iria perfurar a pele, mas Athena estava disposta a fazer o esforço.

"Sua majestade", disse o nobre. "Por favor, não tenhas medo. Estamos aqui para te salvar."

"*Pareço estar com medo?*", exigiu saber Athena. Ela afastou o seu refém.

"Bem, então, de que é que estamos à espera?"

Athena caminhou até a porta. Ela não podia dar-se ao luxo de parecer fraca, nem agora nem nunca. "Foi o meu filho que vos enviou?"

O nobre abanou a cabeça. Athena tentou lembrar-se do seu nome. Qualquer coisa Har... Har de Slidemarsh, era isso. Um rapaz com um ar afeminado que se imaginava um dramaturgo, se é que Athena se lembrava corretamente, e que

pagava aos melhores promotores para colocarem no ar as suas "criações", pelo menos em parte, para que ele pudesse realizar festas escandalosas.

"Perdoa-nos, sua majestade, mas o príncipe Lucious não tem sido visto desde a conquista da rebelião. Os rumores são de que ele foi para Felldust".

Lucious era assim. Fugir na primeira oportunidade, pensando em mais ninguém para além de si mesmo. Certamente nunca pensando na sua própria mãe, independentemente do perigo em que ela poderia ter estado.

"Viemos salvar-te porque tu és leal", declarou Har. "Leal ao Império e leal à nossa verdadeira rainha!"

Eles veriam. Por agora, era suficiente que ela ficasse livre. Nas escadas, ela passou pelos corpos dos guardas, e viu a forma amassada da miúda serva que tinha sido tão incompetente. Athena encolheu os ombros. Morreram camponeses.

"Estás segura agora, sua majestade", disse Har.

Athena duvidava disso. Mesmo tendo em conta o pouco que tinha visto da cidade através das suas janelas estreitas, ela duvidava disso. A guerra estava a chegar, como muitas vezes a guerra parecia estar, o que significava que simplesmente fugir não ia ser suficiente.

Tinha chegado o momento de Athena ter de volta o que era dela.

## CAPÍTULO VINTE E SETE

Thanos esperava na poeira que rodopiava, observando com crescente tensão figuras a saírem de lá. A cada sombra que se resolvia numa forma humana, a sua mão apertava-se sobre a sua espada, apenas para a soltar novamente como ficava claro que elas não eram Lucious.

Um por um, eles fizeram o seu caminho através da poeira para a estalagem em frente a ele, iluminado por lanternas que piscavam atrás de um vidro azul na luz da noite. Thanos podia ouvir o som da música que destoava a partir de dentro, distorcida pelo vento forte que soprava a poeira que passava a máscara que ele tinha enrolado ao redor do seu rosto, picando os seus olhos.

Quando Lucious finalmente apareceu da poeira, Thanos não acreditou.

Uma grande parte da culpa de ele não acreditar foi a enorme quantidade de tempo que ele tinha estado à espera, o número de vezes que ele se tinha preparado para lutar. Alguma parte da culpa foi porque depois de atravessar um mar e de percorrer a cidade à procura durante dias, ele finalmente encontrou a única pessoa que tinha andado à procura.

Outra parte da culpa foi a forma como Lucious olhou.

Thanos ficava sempre impressionado pela forma como Lucious parecia um príncipe de contos de fadas, mas se comportava como o pior dos déspotas.

Agora... se Thanos não tivesse passado tanto tempo a pensar no rosto de Lucious queimado na sua mente, ele não teria reconhecido o irmão.

A figura que saiu das ruas cheias de poeira parecia mais de um louco do que de um príncipe. As suas roupas estavam sujas e rasgadas, manchadas com o que era obviamente sangue. O seu cabelo estava despenteado, enquanto ambas as contusões e os começos de uma barba o faziam estar longe da sua habitual aparência perfeitamente mantida.

Lucious não parava de cambalear, de falar, de agitar os braços como se estivesse a gesticular para alguma plateia invisível.

Lucious surpreendeu-o e de repente afastou-se e entrou na estalagem, o que deixou Thanos com uma escolha. Será que ele ficava ou que ele seguia? Se ele seguisse, ele poderia estar a caminhar para qualquer tipo de perigo lá dentro, e com Felldust, Thanos tinha a sensação de que havia *sempre* o perigo.

Se ficasse, havia o risco de Lucious poder decidir ficar na estalagem durante dias, ou o risco de ele poder sair por algum outro caminho que Thanos não conseguia ver.

Tal decidiu por ele. O seu irmão não ia fugir. Não outra vez.

Thanos entrou na estalagem, e estava sujo mesmo para os padrões da cidade.

Fedia a palha, sangue e vômito, não limpos. Um músico acorrentado tocava a um canto, notas que faltavam quando os patronos atiravam canecas vazias e, muito ocasionalmente, moedas, na sua direção. Escravos caminhavam por entre as mesas, levando canecas que pareciam conter tudo, desde cerveja até ao leite fermentado de boi, espíritos às misturas de drogas ligadas que algumas das tribos da poeira diziam favorecer. As mesmas lanternas azuis que iluminavam a estalagem lá fora emprestavam um brilho fantasmagórico ao interior, e fazia com que aqueles que estavam lá dentro parecessem ainda mais sinistros do que eram.

Pelo bar, Lucious parecia estar a tentar obter qualquer coisa que ele conseguisse, sem sucesso. O empregado do bar continuava simplesmente a polir uma caneca, com um taco a balançar no seu cinto, como se estivesse à espera que Lucious fosse causar problemas.

"Eu já te disse", disse o homem, "se não tens uma moeda, não bebas."

"E eu já *te* disse", rebateu Lucious: "Eu sou o legítimo rei de Delos. Estou sóbrio há muito tempo agora. E eu *tenho* a moeda e mais no meu tesouro!"

Thanos poder-se-ia ter aproximado do seu irmão e matá-lo, então, facilmente. A atenção de Lucious estava nas garrafas e nos pequenos barris por trás do bar. Teria sido fácil acabar com aquilo...

... e teria sido errado. Thanos queria olhar para Lucious olhos nos olhos. Ele queria ter a certeza de que o seu irmão compreendia todas as coisas pelas quais estava a morrer. Portanto, Thanos estava um pouco afastado de Lucious, indo para o meio do bar.

"Tens outras dívidas a pagar, Lucious".

Thanos observou quando o seu irmão se virou, inclinando-se contra o bar.

Mais uma vez, ele parecia estar a falar para o ar.

"Sim, eu consigo vê-lo. Sim eu sei! Ele sempre foi o teu favorito." Lucious pestanejou, e, por um momento, parecia ele próprio novamente. "Thanos, fico feliz por te ver aqui. Paga-me uma bebida, ok?"

"Eu vim para te parar", disse Thanos. "Eu vou parar com esta loucura de uma vez por todas, antes da tua invasão. Antes que mais pessoas se magoem."

Ele ouviu Lucious a rir-se. "Oh, Thanos, não tentámos já isto antes? Pelo que me lembro, a encantadora Stephania afastou-nos antes de nós descobrirmos que tu não tinhas estômago para matar. Quem será desta vez? Um dos escravos, talvez?"

Thanos sacou da sua espada, sentindo o peso dela e olhando em volta para outros clientes da estalagem não se fosse dar o caso de eles decidirem interferir.

Porém, parecia que eles estavam mais interessados em assistir ao entretenimento.

"Não há ninguém para nos impedir desta vez", disse Thanos. "Vais ter o que mereces."

"O que eu mereço?", ecoou Lucious. "O que eu mereço? Ouviram isto? O

que eu mereço é o trono que sempre deveria ter sido meu. O que eu mereço é respeito. Poder. Mereço que todos esses idiotas caíam de joelhos e implorarem para me servirem como a escória inútil que são. Em vez disso, eu tive a minha vingança roubada. Eu fui expulso! O que eu mereço é assistir à tua morte, irmão."

Naquele momento, ele pontapeou palha do chão para cima na direção dos olhos de Thanos, dando impulso para a frente com uma lâmina na mão. Thanos teve de saltar de volta para desviá-lo. Ele bloqueou outro golpe, e ouviu Lucious a rir-se. Era o riso de um louco, aparentemente despreocupado com o risco do contra-ataque de Thanos.

Antes, sempre tinha sido fácil bater Lucious, ainda que Thanos conseguisse sentir que aquela cidade tinha mudado isso. Ele sempre tinha sido um covarde, afastando-se da lâmina de uma forma que sempre deixava as suas próprias aberturas. Agora, havia uma vantagem desesperada e indiferente ao seu esgrimar que parecia muito mais perigosa.

Lucious não perdeu o seu velho jeito, também.

Thanos aparou um golpe, e Lucious afastou-se para pegar um jarro de um patrono que esperava. Ele bebeu um gole a partir dele, depois cuspiu o conteúdo para cima de Thanos. Quando Thanos se afastou, ele atacou novamente, e Thanos teve de rolar para fugir do golpe.

"Ouro para qualquer um que o agarre para mim", disse Lucious.

Um homem da serração de madeira começou a avançar, agarrando Thanos.

Thanos teve de o afastar aos pontapés, e, nesse momento, a lâmina de Lucious cortado através da sua coxa.

Thanos recuou, e o patrono da estalagem começou a avançar novamente.

"Ele não tem ouro nenhum, Bor", gritou um dos outros que estava ali a beber.

"Senta-te. Estás a estragar o entretenimento."

Thanos viu-o encolher os ombros e mover-se para trás, e, nesse momento, Lucious atacou novamente. Thanos mal se defendeu a tempo. Houve uma abertura que ele poderia ter aproveitado, mas isso, por sua vez, tê-lo-ia deixado desprotegido.

A verdade era que Thanos não queria morrer. Ele queria voltar para Delos.

Ele queria ver a sua casa. Ele queria viver para ver Ceres.

Essa necessidade de vê-la novamente emprestou-lhe força. Thanos pegou a lâmina de Lucious contra a dele, empurrando-a para dentro dele e atirando-o para trás. Lucious caiu no bar, atirando garrafas em todas as direções.

"Ei! Cuidado!", gritou o senhorio. Em seguida, baixou-se quando Lucious

girou para atacá-lo. Thanos tentou entrar no espaço que deixou, mas Lucious voltou, com a sua espada golpeando para baixo, bêbado. Ele atirou uma caneca com a mão livre, e Thanos esquivou-se dela.

"Não", rosnou Lucious, e, mais uma vez, Thanos achava que o seu irmão não estava a falar com ele. "Eu não quero saber o que tu dizes! Vou estropiar-te!"

Ele saltou para a frente, e Thanos defendeu, tentando prender a lâmina com o pé quando ele a forçou para baixo. A cabeça de Lucious bateu para a frente para apanhá-lo no rosto, e Thanos esperava que ele seguisse com outro golpe, mas Lucious dançou para longe do golpe que estava à sua espera.

Ele empurrou contra Thanos um dos escravos que servia, e Thanos arrastou a sua espada para fora do caminho mesmo a tempo. Quando Thanos empurrou a mulher de forma segura para um lado, ele teve uma dor súbita ao longo do seu flanco, e a espada de Lucious saiu sangrenta.

"Tu sempre te preocupaste muito com as outras pessoas", disse ele enquanto corria o dedo através do sangue. Ele ergueu os resultados e sorriu sarcasticamente.

Thanos atacou. Ele atacou por cima e, em seguida, para os lados, com tal força que as suas mãos vibravam com o impacto cada vez Lucious defendia. Ele deu um soco com a mão livre, apanhando Lucious no rosto e, em seguida, levantou a espada enquanto Lucious caía para trás.

"Não", Lucious agarrou-se a alguma figura invisível. "Ele não é melhor do que eu. Ele nunca foi melhor do que eu. Vejam *isto!*"

Thanos preparou-se, pronto para se desviar do golpe seguinte de Lucious.

Em vez disso, o seu irmão pegou numa garrafa da mesa ao lado dele, e Thanos só teve tempo de reconhecer licor coração Southlands antes de Lucious atirar a garrafa para a lâmpada mais próxima de Thanos.

Thanos atirou-se para o chão, sentindo o calor das chamas sobre as suas costas, sentindo a sua pele a arder em agonia quando o fogo o atingiu. A sua espada foi sacudida da sua mão quando ele caiu no chão, e Thanos gemeu quando ao rolar para as suas costas.

Ele viu Lucious por cima dele, com a sua espada erguida para o matar.

"Tu nunca foste tão bom quanto eu", disse Lucious. Ele pisou a mão de Thanos quando Thanos tentou apanhar a sua espada. Thanos sentiu a rajada afiada da agonia como algo estalou.

"Tu nunca foste tão cruel", disse Lucious. "Tu nunca poderias... não. Não, eu não vou deixar que tu estragues tudo! "Ele olhou para um ponto à sua esquerda, onde não havia nada que Thanos conseguisse ver. "Eu sou melhor do que ele!"

Admite, velho tolo! Admite!"

Thanos não sabia o que Lucious estava a fazer, mas ele sabia que isso era provavelmente a última hipótese que ele iria ter. Ele estendeu a mão, apanhou a faca que estava no cinto de Lucious. Ele arrastou-a rapidamente, não se importando de ter apanhado a bainha.

Então, quando Lucious começou a virar-se de costas para ele, Thanos enfiou-a no peito do seu irmão.

A espada de Lucious caiu no chão. Ele ficou ali, como se não pudesse acreditar no que tinha acontecido.

"Mas tu... não consegues..."

Thanos deu por si a agarrar o seu irmão, baixando-o até ao chão. Ele devia ter-se sentido triunfante naquele momento. Ele certamente não devia sentir pena de Lucious.

Então Lucious começou a rir-se. Não muito. Certamente não a cruel risada de que Thanos se lembrava ou até mesmo o riso louco de antes. Aquele era pouco mais que uma série de suspiros, um após o outro, só reconhecível pelo que eram por causa do olhar divertido nos olhos de Lucious.

"Oh... a *gora* o Pai está calado", suspirou Lucious. "Típico."

Thanos olhou para o irmão. "Lucious, o que tu estás a dizer não faz qualquer sentido."

"*Eu* não... faço sentido?", contrapôs Lucious. "Tu... com a tua honra... e as pessoas que proteges? *Eu* não faço sentido?" Ele riu-se com aquele riso sibilante novamente. "Talvez eu devesse voltar para te assombrar... eu acho que tu serias muito mais divertido louco." Naquele momento o seu sorriso tornou-se cruel. "E

eu ia ficar para ver o que acontecia a seguir."

"Nada acontece a seguir", disse Thanos. "Acabou, Lucious".

Daquela vez, Lucious riu-se como se ele pudesse estourar. Thanos podia sentir o sangue a escorrer do peito do seu irmão.

"Acabou? Eu disse-te, Irrien roubou o que devia ser meu. Ele roubou a minha *invasão*. E tu estás aqui a matar-me, muito longe para proteger qualquer um deles." Os olhos de Lucious começaram a fechar-se piscando. "Eu mesmo ouvi que Stephania estava aqui, procurando algo especial para a tua amada Ceres. Eu pensei em encontrá-la e divertir-me, mas era mais interessante assistir."

Isso fez com Thanos ficasse cheio de medo. Se uma invasão estava a vir, e se Ceres estava em perigo...

"Não", disse ele. "Era suposto que isto acabasse com isso."

"Acabasse com isso? Está apenas a começar, irmão. "Lucious sorriu então.

"*Irmão*. Eu pergunto-me como é que teria sido ouvir essa palavra enquanto

crecia. Lembraste quando éramos pequenos? Nós costumávamos invadir a cozinha juntos, e fingir que

eramos bárbaros a atacar uma aldeia enquanto roubávamos bolos."

"Eu lembro-me", disse Thanos, e apenas por um momento, ele deu por si a pensar na criança que Lucious tinha sido, em vez de no homem em que ele se tinha tornado. Como tinha Lucious passado de um lado para o outro?

"Irrien não se vai contentar com bolos", disse Lucious. "Não vai acabar até que todos os que... tu amas... sejam mortos."

Os olhos de Lucious fecharam-se a piscar. A parte mais difícil era que, apesar de tudo, pelo menos uma pessoa que Thanos já tinha amado já era.

## **CAPÍTULO VINTE E OITO**

Akila estava orgulhoso dos seus homens enquanto ele estava no porta-estandarte da sua frota roubada. Eles tinham feito mais do que ele jamais poderia ter pedido deles, eles tinham lutado e eles tinham morrido, tudo a serviço de uma terra que não era deles.

Por tudo o que eles tinham feito desde então... Akila não teria acreditado que fosse possível, mas isso foi o que poderia acontecer quando as pessoas estavam prontas para lutar pela sua liberdade.

Eles tinham conquistado as frotas do Império, tanto aquelas que eles tinham enviado contra Haylon como aquela que eles tinham preparado para defender a sua capital. Tinham libertado os escravos acorrentados a remos nas galeras, e eles tinham feito marinheiros livres daqueles que queriam ficar. Eles prepararam os navios para o patrulhamento, o volume retido perto do porto, as pequenas embarcações mais rápidas a saírem para garantir que nenhum inimigo se escapava sem ser detetado através das águas para longe.

Era um daqueles pequenos navios que Akila viu do seu lugar na plataforma de comando, aproximando-se com a marcha irregular de um pássaro ferido através da água. À medida que se aproximava, ele podia ver que uma das suas velas estava para baixo, e várias das suas madeiras tinham sido enegrecidas pelo fogo.

"Estejam pronto", ele chamou os seus homens, à medida que se aproximava.

"Nós não sabemos o que aconteceu."

Porém, havia indícios suficientes dos danos. O navio olheiro tinha visto batalha, e só isso já era uma raridade quando eles tinham sido concebidos para serem navios rápidos, ali para correrem ao primeiro sinal de problemas.

Poderiam ter sido piratas? Não, isso não fazia sentido. Os piratas tomaram navios mercantes, e navios de reconhecimento não tinham a tripulação para escolher uma luta a menos que fossem atacados.

Akila sabia o que tinha de ser. Ele só não queria admiti-lo.

Foi só quando o navio se aproximou que Akila percebeu que estava à deriva, sem tripulação a trabalhar as suas velas. Uma figura estava a bordo, as mãos no volante como se isso fosse tudo o que era preciso para controlar um navio.

Quando chegou mais perto ainda, Akila viu que essas mãos estavam amarradas no lugar, a figura ligada

ao leme, flácida contra ele.

"Cheguem-se para os lados", ordenou Akila, e o porta-estandarte do Império girou suavemente quanto os homens a bordo apressaram-se a obedecer. "Os

remos do navio. Agarrem e embarquem."

Akila esperou até que os seus homens tivessem puxado o pequeno navio para perto e, em seguida, desceu a rede de embarque para o convés. Os pés dele ajustaram-se automaticamente para o modo diferente como o navio menor se movia, e ele correu na direção do leme.

O que ele encontrou lá fez mesmo com que ele se sentisse mal disposto. Ele reconheceu o homem como um dos seus, despido agora até à cintura, amarrado ao leme com cordas que lhe cortavam a carne. As marcas de um chicote cobriam-lhe as costas, transformando-o numa espécie de ruína que fazia com que fosse difícil acreditar que alguma vez tinha havido ali carne.

"Está tudo bem", disse Akila ao se aproximar. "Nós vamos ajudar."

O outro homem olhou para cima e Akila viu com estremecimento que alguém tinha golpeado os olhos do homem, cegando-o. "Se me queres ajudar, mata-me agora."

"O que aconteceu?", perguntou Akila. Ele pegou na sua faca, começando a serrar as cordas que prendiam o outro homem.

"Apanharam-nos em águas abertas. Levaram-nos para bordo. Os outros... O

Primeiro Pedregulho Irrien deixou-me viver. Ele disse que tinha uma mensagem.

Eu tenho que entregar a sua mensagem."

Akila fez o seu melhor para acalmar o marinheiro enquanto continuava a tentar cortar as cordas para o libertar.

"Podes dizer-me a mensagem assim que estiveres recuperado", prometeu-lhe Akila.

Isso só fez com que o homem comesse aos solavancos contra as cordas, gritando a cada toque da carne ensanguentada.

"Não haverá nenhum tempo. Nós todos estaremos mortos", disse o homem.

"Ele disse para te dizer que Felldust está a chegar. Que todos os homens, mulheres e crianças do Império são declarados escravos pela autoridade dos Cinco Pedregulhos, para qualquer pessoa livre de Felldust a levar. Eles serão tratados como tal. Ajoelhar-se é a vida. Levantar as mãos contra os vossos mestres é a morte."

"A que distância eles estão?", perguntou Akila. "Quanto tempo temos?"

Parecia que o outro homem não tinha forças para lhe dizer, porém. Em qualquer caso, ele poderia adivinhar a resposta. Amarrado como estava, cego e sozinho, não havia forma possível de aquele homem

ter conseguido dirigido o seu navio através da vastidão do mar para além de Delos. Os que o tinham colocado à deriva estavam a seguir, tão perto quanto uma tempestade.

"Navios à vista!", gritou um dos vigias do navio de comando, e os outros juntaram-se a eles, um por um, até parecer uma árvore cheia de corvos a advertir

aos berros.

Akila correu de volta para o navio de comando, procurando a altura das plataformas superiores ali e, em seguida, escalando para o cordame para uma melhor visualização. O que ele viu quase lhe arrancou a força, forçando-o a envolver o seu braço com o cordame para se segurar.

Os navios espalhavam-se tanto quanto a sua vista conseguia alcançar. Havia lá galeras, engrenagens, barcaças e barcos de guerra cravejados. A frota parecia ser uma mancha escura que se estendia até ao horizonte, grande o suficiente para darem cabo do mundo inteiro.

Akila percebeu que aquilo era com o que a morte se parecia.

## **CAPÍTULO VINTE E NOVE**

Stephania empurrou uma porta quando os rebeldes passaram por elas. Ao lado dela, ela sentia Elethe a nivelar-se consigo, com a sua mão a ir para uma das suas facas. Stephania abanou ligeiramente a cabeça quando a sua serva assim o fez, e ela viu Elethe a parar.

Stephania sorriu levemente; ao pensar que a sua serva estava tão em sintonia com as suas ações. Durante todo o caminho de volta de Felldust, parecia que Elethe saltava para satisfazer todos os seus caprichos, como se determinada a limpar qualquer memória de Felene. Stephania ainda achou divertido, para enquanto.

E útil. Elethe tinha feito muito do trabalho de levá-las de volta para Delos, encontrando a doca isolada para onde o seu barco contratado as tinha levado. Ela tinha sido uma fonte de segurança com os rebeldes a correrem por aí, e se aquilo não corresse bem, seria ela única que daria a sua vida para garantir que Stephania se safava em segurança. O que é que ela podia pedir mais?

"Eu vou pensar em alguma coisa", Stephania disse suavemente.

"O que foi, minha senhora?", perguntou Elethe.

"Eu estava a dizer que eu ainda preciso pensar numa maneira de entrar no castelo", disse Stephania suavemente. A viagem devia tê-la deixado mais cansada do que ela pensava já que ela estava a ter deslizes assim. "Há maneiras, porém, e talvez seja mais fácil do que eu pensava. A cidade parece mais apta para fantasmas do que para pessoas agora."

Ela fez um gesto para Elethe a seguir, e continuou a caminhar a partir do cais., Tiveram de se baixar mais duas vezes para evitar as pessoas que estavam a passar, mas dois grupos de pessoas numa cidade do tamanho de Delos não era nada. Era como se os Anciãos tivessem retornado apenas o suficiente para arrebatam nove décimos das pessoas dali, arrastando-as para quaisquer que fossem os reinos escondidos para onde elas tinham caminhado.

Stephania ouviu as cornetas de guerra então, e ela começou a adivinhar as razões pelas quais as pessoas tinham fugido. Ela tinha ouvido alguns rumores de que Felldust estava a reunir as suas tropas. Talvez ela lhes devesse ter prestado mais atenção.

Porém, nada disso importava. Nem o perigo, nem nada disso. Não tinha já dado tudo o que importava para aquilo? Uma coisa pequena como uma invasão não importava desde que ela visse Ceres morta. Talvez Stephania pudesse até mesmo usar a invasão, se ela avaliasse aquilo como devia ser.

As paredes do castelo irromperam acima delas. Havia entradas, para aqueles que as conheciam. Stephania conhecia cada passagem, cada porta. Ela parou perto de um pedaço de pedra que parecia o mesmo que os outros, colocando os dedos num local onde as pedras estavam orgulhosas.

"Ajuda-me", ordenou ela a Elethe, e a sua aia colocou os seus dedos ao lado dos de Stephania. A sua força foi suficiente, e a porta abriu-se um pouco.

Stephania entrou, levantando uma mão quando Elethe começou a segui-la.

"Não. A tua tarefa é garantir que ainda há uma maneira segura para sair quando chegar a hora."

Para surpresa de Stephania, ela viu a sua aia franzir a testa.

"E se Ceres te derrotar?", perguntou Elethe. "E se ela te matar?"

Stephania inclinou a cabeça para um lado. "Atiravas-te para a frente do golpe final?" Ela parou a resposta de Elethe com uma mão levantada. "Não, eu sei que tu o farias. Mas eu não *quero* isso. Tu és mais útil viva, e Ceres não me vai matar. Ela não vai arriscar matar o filho de Thanos, mas ela poderia mandar-me prender. Tu és a minha saída se isto correr mal."

Stephania não se demorou mais tempo. Em vez disso, ela correu para dentro do castelo, ao longo de caminhos que não eram propriamente secretos mas simplesmente esquecidos. Ela empurrou as portas abrindo-as para salas que pareciam como se tivessem sido abandonadas à pressa.

Ela saiu para uma arrecadação com tempo suficiente para roubar um xaile, um avental e alguns trapos.

Ela saiu para um quarto com tempo suficiente para roubar um vestido.

Ela saiu para a cozinha, onde parecia que todos os cozinheiros tinham fugido, passando por entre o que tinha sido deixado até que encontrou pão, queijo e vinho.

Isso foi tudo o que foi preciso para transformar uma nobre do Império numa serva. Tudo o que foi preciso para que ela pudesse ficar invisível enquanto caminhava os seus corredores. Era melhor do que qualquer passagem secreta.

Ela até arriscou um sorriso a um dos rebeldes que passou. Com o seu cabelo escondido sob o xaile, a comida no prato, não havia sinal através do qual ele a pudesse reconhecer.

"Alguma hipótese de ser para mim?", perguntou ele.

"Para Ceres", disse Stephania, afetando o tipo de sotaque camponês que ela tinha ouvido jogadores a

usar. "Sabes onde ela está agora?"

"Onde ela está sempre. No quarto de Thanos."

Isso fez com que uma pequena faísca de raiva se acendesse em Stephania, mas o era isso em comparação com a grande pira em chamas em que ela já se tinha queimado tanto? Pelo menos isso significava que ela conhecia o caminho.

Ela estava envolta, segurando a bandeja diante de si como uma oferta. Ela movia-se lentamente, dando-se bastante tempo para ver as poucas pessoas que ainda estavam ali no palácio. Não havia guardas à porta do quarto de Ceres.

Stephania não tinha contado com isso, mas ela aceitou a sorte enquanto podia tê-

la. Talvez eles estivessem longe, tentando ajudar com a defesa. Talvez Ceres fosse simplesmente arrogante o suficiente para acreditar que ela poderia derrotar qualquer ameaça com os poderes que o sangue dela lhe dera.

Stephania bateu à porta, porque era o que um servo teria feito.

"Entra."

Aquela voz. Stephania tinha pensado que tinha ardido na sua memória, mas ela tinha perdido todas aquelas pequenas arestas que estavam em cima de si. O

que alguém podia ver naquela voz que fosse para se gostar, e muito menos para amar?

Mesmo assim, Stephania obrigou-se a entrar timidamente, caindo de joelhos em reverência simulada ao ver Ceres. Mas assim, vê-la só a repugnava.

"Não precisas de te ajoelhar", disse Ceres, no que Stephania supôs ser supostamente uma voz gentil. A doçura da sacarina daquilo só a fazia ficar mais irritada.

"Trouxe-te um pouco de comida, minha senhora", disse ela na voz arrastada do seu acento. "Pensei que talvez não tivesses comido. Há vinho também."

Se uma serva falasse consigo assim Stephania teria ordenado que a chicoteassem até que ela aprendesse a falar corretamente, mas Ceres não pareceu se importar.

"Obrigada", disse ela, agarrando na comida. "Eu não me consigo lembrar exatamente da última vez que comi."

Bem, ela provavelmente devia disfrutar da comida, pensou Stephania, porque ela podia não voltar a ter a hipótese de o fazer. Ela ficou a observar, à espera do momento em que Ceres desse uma dentada no queijo, ou algum gole de camponesa no vinho.

Porém, ela não o fez.

"Achas que eu não conheço todos os que ficaram?", exigiu saber Ceres, girando em direção a ela. "Quem

és tu?"

"Eu ainda não entendo o que Thanos alguma vez viu em ti", disse Stephania, colocando-se de pé e deixando a sua voz voltar ao normal.

Naquele momento, ela viu o choque na expressão de Ceres, e era bonito de se ver.

"Mas, então, eu estou a começar a pensar que Thanos nunca foi realmente a melhor escolha para marido", ela prosseguiu. Ela suspirou. "Ele disse-te o quão

mal o nosso relacionamento ficou, graças a ti? Se ele não me tivesse posto de lado por causa de ti, eu nunca teria precisado de tentar matá-lo."

"O que estás a fazer aqui?", exigiu saber Ceres. Stephania viu-a a olhar para a comida e bebida. "Estás a tentar envenenar-me?"

Stephania ignorou-a. Ela não tinha tempo para camponesas que interrompiam.

"Eu consegui convencê-lo a casar-se comigo de qualquer das maneiras, quando te foste embora, mas não, ele pôs-me de lado para ir à tua procura, assim que ouviu que tu poderias estar viva."

"Assim que ele ouviu o que tu tinhas feito", rebateu Ceres, e Stephania viu-a a avançar em direção ao local onde estava uma espada a descansar na sua bainha, encostada à janela.

"E isso não teria sido necessário, se não fosses tu", retrucou Stephania.

"Além disso, ele voltou rápido o suficiente quando eu deixei claro que estava em apuros. Eu até mandei o meu servo certificar-se de que ele o faria."

"Queres dizer que o manipulaste, como manipulas todos", disse Ceres, como se isso fosse uma coisa má.

"Ainda pensas sobre o mundo como uma camponesa estúpida", disse Stephania. "Se não fazes o mundo ao teu jeito, quem o fará?"

Como é que as pessoas não viram aquilo? Será que elas pensavam que o mundo seria simplesmente à sua vantagem por acidente? Será que um joalheiro atirava ouro derretido para o chão e esperava? Não, eles assistiam, moldavam e esperavam.

"Bem, a forma como eu quero o mundo não te inclui", disse Ceres, estendendo a mão para a espada.

"Ah-ah!", disse Stephania. "Lembra-te do filho de Thanos."

Tal foi o suficiente para fazer com que Ceres se afastasse da espada.

Realmente, ela era tão fácil de controlar. Ela viu Ceres cerrar os punhos.

"Isso não significa que eu não te possa atirar para uma cela. Esse é o problema com veneno, Stephania. Se eles não beberem o teu vinho, tens mesmo de ser capaz de lutar."

Stephania tinha escolhido o seu momento com cuidado. Naquele momento, ela sorriu.

"Quem disse que o veneno estava no vinho?"

Ela pegou o frasco da poção de dentro do seu vestido, lançando-o num movimento, de tal forma que ele se espatifou no chão à frente de Ceres.

Elevaram-se vapores, amargos e ásperos para o nariz de Stephania.

O que os vapores fizeram a Ceres foi muito mais divertido.

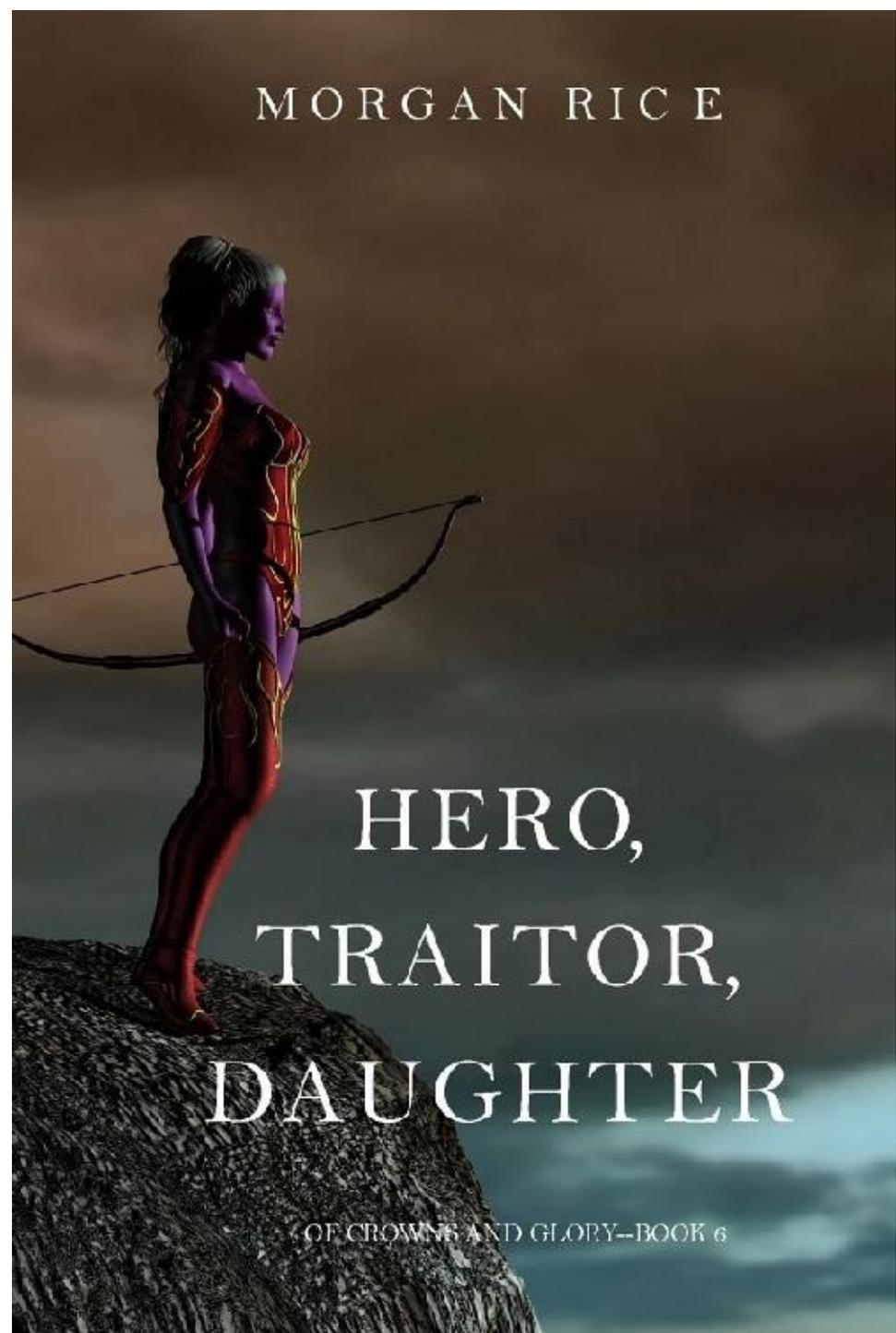
Stephania observou Ceres a agarrar-se à sua garganta, caindo de joelhos e ofegando em choque óbvio. Ela estava a esticar o braço na direção da sua espada, naquele momento, mas lentamente. Tão lentamente que ela poderia estar a mover-se em melação. Stephania chutou a espada para longe.

Quando Ceres sucumbiu completamente, Stephania debruçou-se sobre ela, sorrindo largamente, enquanto ela aparentava estar a morrer lentamente, com o veneno a corroê-la.

Stephania sorriu.

"Eu acho que ambas vamos aproveitar o que vem a seguir."

MORGAN RICE



HERO,  
TRAITOR,  
DAUGHTER

OF CROWNS AND GLORY—BOOK 6

## [HEROÍNA, TRAIORA, FILHA](#)

(De Coroas e Glória—Livro 6)

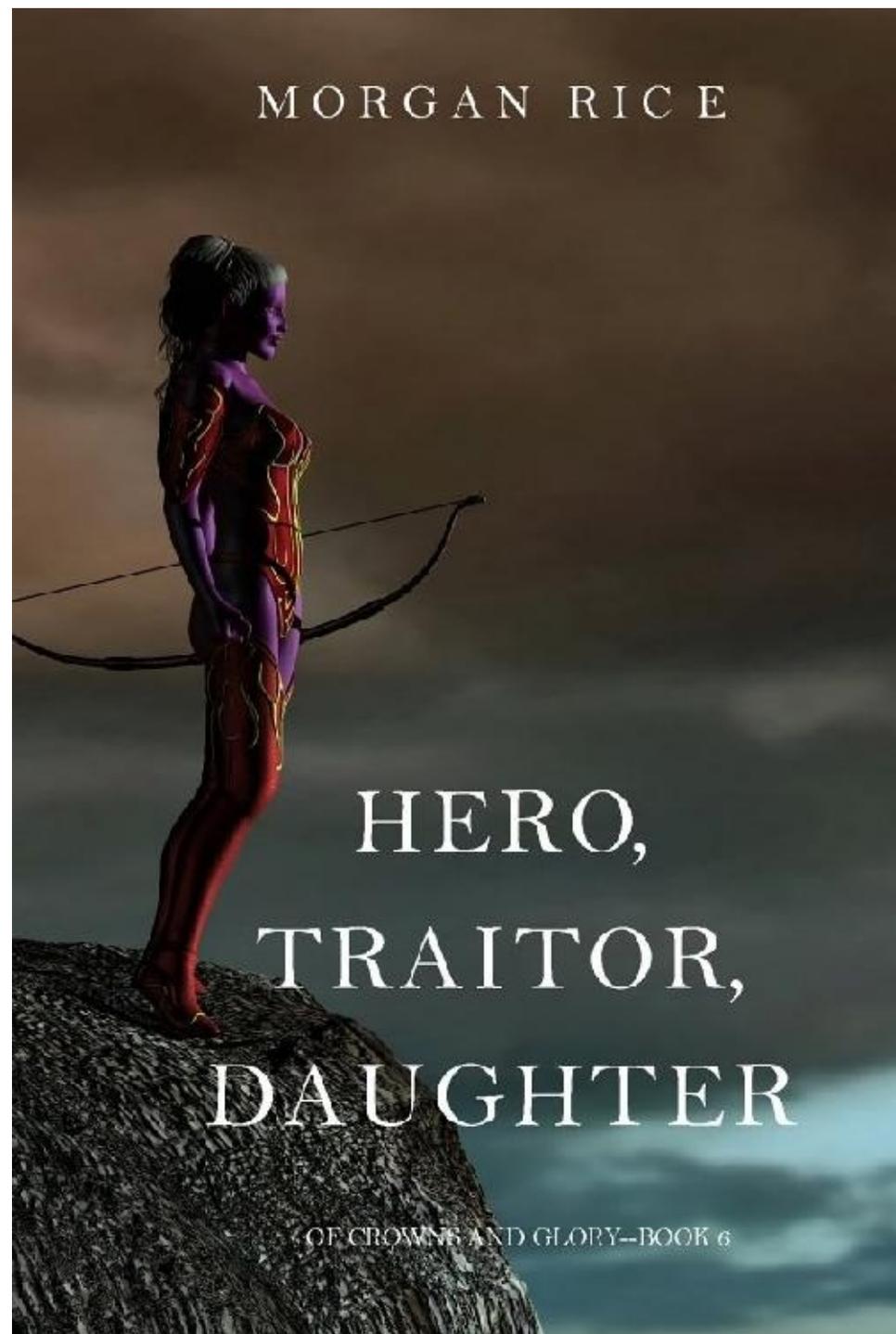
"Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, submergindo-nos numa fantasia de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita."

-- Books and Movie Reviews, Roberto Mattos, (sobre a Ascensão dos Dragões) HEROÍNA, TRAIORA, FILHA é o livro n. 6 da série best-selling de fantasia épica, DE COROAS E GLÓRIA, de Morgan Rice, que começa com ESCRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n.1).

Ceres, de 17 anos, uma miúda bonita e pobre da cidade Imperial de Delos, acorda e dá por si sem

poderes. Envenenada pelo frasco do feiticeiro, mantida refém por Stephania, a vida de Ceres atinge um ponto muito baixo enquanto é tratada de uma forma desumana – e ela não consegue fazer nada para o parar.

Thanos, depois de matar o seu irmão Lucious, embarca para Delos, para salvar Ceres e para salvar a sua pátria. Mas a frota de Felldust já embarcou e, com o poder do mundo a cair sobre ela, pode ser tarde demais para salvar tudo o que ele mais ama. Segue-se uma batalha épica, que pode determinar o destino de Delos para sempre.



HEROÍNA, TRAIIDORA, FILHA conta uma história épica de amor trágico, vingança, traição, ambição e destino. Repleta de personagens inesquecíveis e com ação de fazer o coração bater, transporta-nos para um mundo que nunca vamos esquecer e faz-nos apaixonar pela fantasia mais uma vez.

"Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan

rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O Ciclo da Herança de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais."

--A Wanderer, A Literary Journal (sobre a Ascensão dos Dragões) O Livro n.7 da série DE COROAS E GLÓRIA será publicado em breve!

## [HEROÍNA, TRAIADORA, FILHA](#)

(De Coroas e Glória—Livro 6)



[Oiga](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato Audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)

[Audible](#)

[iTunes](#)

## KINGS AND SORCERERS



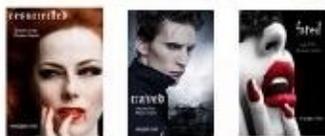
## THE SORCERER'S RING



## THE SURVIVAL TRILOGY



## the vampire journals



[Faça o download dos livros de Morgan Rice no Google Play agora mesmo!](#)

Livros de Morgan Rice

### **O CAMINHO DA ROBUSTEZ**

APENAS OS DIGNOS (Livro n 1)

### **DE COROAS E GLÓRIA**

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro n. 1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro n. 2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro n. 3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro n. 4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro n. 5)

HEROÍNA, TRAIIDORA, FILHA (Livro n. 6)

## **REIS E FEITICEIROS**

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro n. 1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro n. 2)

O PESO DA HONRA (Livro n. 3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro n. 4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro n. 5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro n. 6)

## **O ANEL DO FEITICEIRO**

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro n. 1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro n. 2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro n. 3)

UM GRITO DE HONRA (Livro n. 4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro n. 5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro n. 6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro n. 7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro n. 8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro n. 9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro n. 10)

UM REINADO DE AÇO (Livro n. 11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro n. 12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro n. 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro n. 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro n. 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro n. 16)

O DOM DA BATALHA (Livro n. 17)

## **TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA**

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro n1)

ARENA DOIS (Livro n. 2)

ARENA TRÊS (Livro n. 3)

## **VAMPIRO, APAIXONADA**

ANTES DO AMANHECER (Livro n. 1)

## **MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO**

TRANSFORMADA (Livro n. 1)

AMADA (Livro n. 2)

TRAÍDA (Livro n. 3)

PREDESTINADA (Livro n. 4)

DESEJADA (Livro n. 5)

COMPROMETIDA (Livro n. 6)

PROMETIDA (Livro n. 7)

ENCONTRADA (Livro n. 8)

RESSUSCITADA (Livro n. 9)

ALMEJADA (Livro n. 10)

DESTINADA (Livro n. 11)

OBCECADA (Livro n. 12)

## **Acerca de Morgan Rice**

Morgan Rice é a best-seller n1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller n1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller n1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS

E FEITICEIROS, composta por seis livros; e da nova série de fantasia épica DE

COROAS E GLÓRIA. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as

traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\), ARENA](#)

[UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\) e EM BUSCA DE HERÓIS](#)

(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro) e [A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES](#)

(Reis e Feiticeiros – Livro n 1) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar [www.morganricebooks.com](http://www.morganricebooks.com) e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar-se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

# Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZASSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZASSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZANOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)